



Instituto Politécnico de Portalegre

Escola Superior de Educação

Dissertação de Mestrado

em

Formação de Adultos e Desenvolvimento Local

S.O.I.R. Joaquim António D' Aguiar

**Espaço centenário de educação popular e animação
sociocultural: novas dinâmicas e outros públicos**

Carla Cristina Martins Amaro

Orientação

Prof. Doutor Avelino Bento

Portalegre

Setembro de 2010

Júri

Agradecimentos

Um agradecimento especial ao Prof. Doutor Avelino Bento pelo acompanhamento e orientação nesta dissertação, mas também pela sua compreensão e afecto, principalmente naqueles momentos em que nos faltou a coragem para continuar.

Um obrigado muito especial a todos os elementos da Sociedade de Instrução e Recreio António Joaquim d' Aguiar que comigo partilharam os seus saberes e os seus percursos de vida, profundamente enraizados nos espaços e na história duma colectividade centenária e à qual manifesto a minha homenagem.

E, por fim, os agradecimentos que se estabelecem na competência dos afectos, do companheirismo, da tolerância e do amor... O meu imenso obrigado à minha família, pela força que sempre me deram, por sustentarem todas as horas que deixei de estar com eles.

Bem-haja a todos!

Índice

Resumo	5
Abstract	6
INTRODUÇÃO	7
PROBLEMÁTICA E OBJECTO DE ESTUDO ..	9
CAPÍTULO I - QUADRO CONCEPTUAL (MOVIMENTO OPERÁRIO; ASSOCIATIVISMO; EDUCAÇÃO DE ADULTOS; DESENVOLVIMENTO LOCAL; ANIMAÇÃO SOCIOCULTURAL)	13
1. Movimento Operário	13
2. Movimento Associativo	14
3. O associativismo antes e o pós 25 de Abril de 1974	17
3.1. As associações - abordagens, conceitos e tipologias	20
3.2. Associativismo e cidadania.....	23
3.3. Associativismo e desenvolvimento local.....	24
3.4. O papel das associações para a educação popular e na participação activa dos cidadãos.....	26
4. A educação de adultos: breve perspectiva em Portugal	28
4.1. A educação e o movimento popular antes e depois de 25 de Abril de 1974.....	34
4.2. Educação não formal e educação popular.....	39
5. A animação sociocultural e o animador	43
5.1. A animação sociocultural e o enquadramento associativo.....	45
5.2. A animação sociocultural e educação popular.....	46

CAPÍTULO II - SOCIEDADE OPERÁRIA DE INSTRUÇÃO E RECREIO - JOAQUIM ANTÓNIO D’AGUIAR.....	48
1. Apresentação do objecto em estudo: breve enquadramento local e histórico; práticas culturais da cidade de Évora.....	48
1.1. “Histórias de vida” da Colectividade.....	50
1.2. Dificuldades e recursos.....	56
2. A sociedade e a importância do papel da educação popular.....	57
3. A importância da S.O.I.R em termos de desenvolvimento local: dinâmica, articulação e colaboração com outros agentes.....	58
CAPÍTULO III - METODOLOGIAS DO ESTUDO.....	60
1. Opção metodológica - Estudo de caso.....	60
2. Estratégias e técnicas de investigação.....	61
2.1. O processo de recolha de informação.....	63
2.1.1. Informação documental.....	64
2.2.2. Entrevistas.....	65
2.2. Registo, análise e apresentação da informação.....	67
CAPÍTULO IV - CENÁRIO DE INTERVENÇÃO SOCIOCULTURAL.....	80
1. Investigação, criação e animação: conteúdos de um cenário de intervenção sociocultural.....	80
1.1. Construção do cenário de intervenção sociocultural.....	85
CONCLUSÃO.....	88
BIBLIOGRAFIA.....	92
ANEXOS.....	98

Resumo

A presente investigação, sustentada por um estudo de caso, insere-se no campo do associativismo e, em particular, na temática da educação popular, assim como nas potencialidades das associações enquanto campo peculiar de experimentação de práticas mais populares de participação dos cidadãos na vida colectiva.

De ressaltar que, este estudo, tem como questão central a ideia e a convicção de que as associações se estabelecem como instituições fundamentais no progresso da democracia, dado que muitas delas resultam da iniciativa popular e do seu esforço em encontrar soluções para os problemas comuns do quotidiano. Ao mesmo tempo, também, a maioria preserva ainda uma longa tradição na realização de iniciativas de educação de adultos e de educação popular.

Assim sendo, a nossa proposta de trabalho foi a de tentar perceber que métodos e que dinâmicas estão na base do processo de criação e de desenvolvimento de uma Colectividade Recreativa ao longo dos seus 109 anos de existência. Ao mesmo tempo, face às importantes transformações na sociedade portuguesa vividas nos últimos 36 anos de democracia, tentar perceber as mudanças que acompanharam a melhoria e o retrocesso do campo da educação de adultos em Portugal. O objectivo deste estudo é também tentar conhecer e compreender o modo como a Colectividade em estudo as viveu, que estratégia utilizou, e tem utilizado, para manter as suas práticas direccionadas para a educação popular. Esta dimensão pressupõe que, da nossa parte, possamos sugerir o desenvolvimento de um cenário de intervenção sociocultural que valorize o papel do animador sociocultural.

Palavras-chave: associativismo, educação de adultos, educação popular, animação sociocultural.

Abstract

This research, supported by a case study, is about associations and is specially based on the topic of popular education, as well as on the capacities of associations as means of experimentation of peculiar practices of popular participation of citizens in collective life.

It is important to emphasize that this study has as its central issue on the idea and the conviction that the associations are established as key institutions in the progress of democracy, as many stem from the popular initiative and from its effort to find solutions to common problems of everyday. At the same time also, the most of them still preserve a long tradition of pursuing initiatives both in adult education and popular education.

Therefore, with this work we propose trying to understand which methods and dynamics are on the basis of the process of creation and development of a Recreation Collectivity throughout of its 109 years of existence. At the same time, due to the significant changes occurred in Portuguese society in the last 36 years of democracy, we also try to understand the changes that followed out the improvements and reverses in adult education in Portugal. The main goal of this study is also to try to understand how this specific Collectivity faced this changes and which strategies has used to keep its practices drawn to popular education. All these ideas assume that we could suggest the development of a setting of socio-cultural intervention that emphasizes the role of the socio-cultural instructor.

Key words: associations, adult education, popular education, socio-cultural recreation.

INTRODUÇÃO

Por considerarmos haver ainda muito estudo a fazer sobre o movimento associativo em Portugal, tendo em conta as sucessivas mudanças socioculturais que emergiram nos últimos trinta e seis anos, optámos por fazer um trabalho de investigação nesta área, salientando a sua importância para a educação popular.

As associações que surgem por vontade e necessidade das pessoas, também designadas por associações populares, têm sido consideradas por muitos autores como instituições essenciais na promoção da democracia. A circunstância de resultarem da iniciativa das populações surge da necessidade de encontrarem soluções para problemas comuns do quotidiano. Apesar de apresentarem diferentes estruturas e objectivos, estas instituições sustentam uma longa tradição na realização de iniciativas de educação de adultos e de educação popular. Partimos, pois, de uma ideia primordial, que é considerar estas associações, na sua maioria orientadas para o desenvolvimento local, como tendo também um papel educativo no sentido amplo do conceito.

Face às importantes mudanças no sector político, económico, social e educativo vividas em Portugal nos últimos trinta e seis anos, assim como aos avanços e recuos que caracterizam o campo da educação de adultos, em particular, a educação popular, entendemos que seria importante conhecer e compreender o modo como as associações têm vivido essas mudanças, e que estratégias têm vindo a utilizar no quotidiano para manter ou não as suas práticas ligadas àquilo que se considera “educação popular”.

As interrogações que se impõem, face a um objecto desconhecido, levam-nos a criar algumas linhas orientadoras no pressuposto de se poder transformar essas hipóteses em linhas de investigação. São pertinentes para nós: *“quais os métodos e dinâmicas que estão na base de criação de uma colectividade e do seu desenvolvimento ao longo dos anos de existência?”*. *“De que forma a Sociedade Operária de Instrução e Recreio Joaquim António D’ Aguiar, ao longo da sua existência promoveu a Educação Popular?”*

Na procura de respostas, a escolha para objecto de estudo recaiu sobre uma Colectividade de Cultura e Recreio fundada em 1900, funcionando não só como forte factor de desenvolvimento local, mas também como uma entidade que propicia à população uma série de iniciativas de carácter educativo, cultural e recreativo.

Optou-se por dividir o trabalho em três partes. Uma primeira, dedicada à exposição dos argumentos teóricos que baseiam e delineiam a investigação; uma segunda parte dedicada ao trabalho empírico onde se apresentam as opções em termos de metodologia e de estratégias de investigação, assim como os resultados da pesquisa e respectivas conclusões. Finalmente, uma terceira parte, que expõe como hipótese um cenário de intervenção sociocultural.

Especificando melhor. O I capítulo é dedicado ao quadro conceptual onde se pretendeu abordar as questões relacionadas com o movimento operário, o associativismo, a educação de adultos e a animação sociocultural.

O segundo capítulo conduz-nos então à “história de vida” da Sociedade Operária de Instrução e Recreio Joaquim António d’ Aguiar, nosso objecto de estudo, passando pelos momentos e acontecimentos mais marcantes em cada uma das décadas, numa abordagem compreensiva e interpretativa. Tentámos analisar não só os factores que teriam contribuído de forma positiva, assim como os elementos facilitadores, na evolução e crescimento da Colectividade, mas também aqueles factores que o dificultaram, tentando compreender igualmente de que forma os diversos actores locais envolvidos viveram as várias mudanças ao longo dos anos, a nível económico, social e político e que estratégias utilizaram para ultrapassar obstáculos. Pretendeu-se também, simultaneamente, analisar o modo como a instituição se relaciona com os vários parceiros locais e abordar a questão da importância da Colectividade ao nível do desenvolvimento local.

No III capítulo, como referimos, todo ele dedicado ao trabalho empírico propriamente dito, começámos por abordar as questões metodológicas, apresentando técnicas de investigação associadas a um estudo de caso e a uma investigação de tipo qualitativo, a análise documental e entrevistas.

No quarto e último capítulo pretendeu-se construir um cenário de intervenção sociocultural como uma nova abordagem sociocultural, valorizando não só novas dinâmicas da Colectividade, como também o papel formal do Animador Sociocultural.

Este trabalho termina com algumas notas que pretendem ser conclusivas. Tentamos colocar em evidência algumas linhas centrais desta investigação, assim como os aspectos que pensamos poderem “abrir caminhos” para novas abordagens. Afinal, reencontrar o papel das Associações e Colectividades do nosso país de um outro modo, com o valor e importância fundamental que elas merecem.

PROBLEMÁTICA E OBJECTO DE ESTUDO

Tradicionalmente é nas Associações - sejam elas Colectividades de Cultura e Recreio, Sociedades, Cooperativas, Grupos Desportivos, Grupos de Teatro Amador, etc. - que as pessoas partilham o seu saber e se constituem enquanto Agentes Culturais da e para a Comunidade onde estão inseridos.

O assim denominado Associativismo é um factor da maior importância para a existência de uma coesão social e cultural sólida, verdadeiramente construtiva de laços de união comunitária entre as pessoas. Referimo-nos à coesão comunitária uma vez que as Sociedades, como normalmente são reconhecidas publicamente este tipo de Associações, formam o núcleo para o qual afluíam os habitantes da aldeia, do bairro, ou de zona da cidade. É o local que, em princípio, reúne as condições necessárias para um encontro e para uma partilha de saberes e de experiências. Estas associações emergem como espaços socioculturais *tout court*. As comunidades organizam-se em espaço lúdico, onde o jogo tem um papel predominante e onde a recreação contribui efectivamente para a construção de uma harmonia social e humana equilibradas, contribuindo igualmente para uma contínua reorganização psicológica das personalidades dos indivíduos. Seguramente é o local onde cada um contribui para o colectivo, conforme as suas disponibilidades e possibilidades, colectivo esse, onde se reflectem e identificam todos os indivíduos que o constituem.

O associativismo era e é, sem dúvida, um espaço sociocultural onde a criatividade e a vontade de fazer estão presentes de forma intensa e criadora. Ajudam o ser humano a contextualizar-se socialmente, cooperando para a valorização individual de cada um dos seus membros. O indivíduo, para se manter numa sociedade em profunda mudança, como a que ocorre hoje, deve aprender a lutar pelos seus próprios meios para conseguir sobreviver, renovar-se e manter-se activo.

Manter o funcionamento de associações não é tarefa fácil. Há que diversificar as dinâmicas internas, criar espaços para a participação de todos os seus membros, garantir viva a chama que une todos nos objectivos propostos e valorizar a questão da educação popular e educação ao longo da vida. Uma e outra deverão estar comprometidas e participativas orientadas pela expectativa de realização.

A estratégia de construção da participação popular para o redireccionamento da vida social está no aprender, a partir do conhecimento do sujeito, e no ensinar, a partir

de palavras e temas geradores do seu próprio quotidiano. A Educação é vista como acto de conhecimento e transformação social, tendo um certo carácter político. O resultado desse tipo de educação é observado quando o sujeito pode situar-se bem no contexto de interesse.

Tendo em conta o quadro teórico enunciado propomo-nos, no presente trabalho, estudar a Sociedade Operária de Instrução e Recreio Joaquim António d’Aguiar, (SOIRJAA) sediada no Pátio do Salema, em Évora, contextualizando o meio que a circunda, origem, percurso e actividades que dinamiza. Acreditamos que o conhecimento daí resultante nos dará pistas suficientes para melhor compreendermos a sua intervenção, aferindo objectivamente os métodos e dinâmicas que estão na base do processo de criação de uma associação e do seu desenvolvimento ao longo dos anos da sua existência. Acreditamos que as dinâmicas culturais desenvolvidas por Sociedades desta natureza têm contribuído para o desenvolvimento local, inserindo nelas comunidades locais com poder suficiente para transformar a realidade social das associações e perceber o que foi e é a prática de educação popular na história das Sociedades em que estão inseridas.

A partir desta problemática ambicionamos ir “delineando” o nosso objecto de estudo, através do questionamento constante, sendo capazes de colocar problemas e de construir respostas temporárias, agrupadas teórica e metodologicamente, o que nos permitirá encontrar o conhecimento sobre essa própria realidade.

Um dos principais objectivos deste estudo é promover práticas socioculturais que valorizem a educação popular, a sua história e evolução.

É fundamental investigar as realidades, redescobrir as carências e enunciar os objectivos. A partir disto problematizaremos o objecto central da nossa pesquisa através de uma reflexão extensa e fundamentada que nos permitirá contribuir para algumas soluções relacionadas com questões do desenvolvimento de práticas de educação popular, num processo de intervenção e desenvolvimento local. “*S.O.I.R – Práticas culturais em repressão e em liberdade. Que diferenças?* “

A questão central, que mais à frente enunciaremos, surge porque a Sociedade Operária de Instrução e Recreio Joaquim António D’ Aguiar constitui-se como um espaço de referência para a grande maioria dos eborenses e porque é uma instituição centenária, digna de apreço e reconhecimento, pela dinâmica desenvolvida em Évora em prol da educação e da cultura.

Sem sermos demasiado exaustivos, deixamos aqui um conjunto de questões relacionadas com o problema específico que procuramos investigar e que resumem também o conjunto de questões orientadoras desenvolvidas na identificação do problema.

Importa percebermos quais os métodos e dinâmicas que estão na base do processo de criação de uma associação e do seu desenvolvimento ao longo dos anos de existência? Percebermos qual a importância e o papel dos agentes socioculturais no desenvolvimento local? Entendermos como é que uma colectividade desta natureza se mantém numa cidade que é património mundial? Quais as dinâmicas que esta colectividade teve em realidades diferentes? O que se entende por prática de educação popular no movimento associativo? Esta colectividade, apesar da diminuição da taxa de analfabetismo continuará a dar importância nas suas práticas à educação popular/cultura? Como era encarado o papel da educação popular e como é visto hoje em dia? Das várias actividades desenvolvidas pela associação ao longo da sua existência, qual é a que têm maior impacto? Quais são as actividades que estão mais voltadas para educação popular?

A identificação das primeiras questões orientadoras levam-nos, definitivamente, a elaborar a questão central da nossa investigação nos seguintes termos: “*De que forma a Sociedade Operária de Instrução e Recreio Joaquim António D’ Aguiar, ao longo da sua existência promoveu a Educação Popular*”?

Este estudo surge, então, com o objectivo de saber, através da história da Sociedade, qual foi o papel desta associação nas questões da cultura, educação popular e animação, ao mesmo tempo que pretendemos encontrar propostas de incentivo, outras dinâmicas e outros públicos no âmbito da educação popular.

A consequência desta problematização faz surgir variáveis que poderão influenciar certamente a estrutura deste estudo. Uma refere-se à relação do associativismo com a educação popular e a segunda corresponde ao associativismo com o desenvolvimento local. A terceira diz respeito à promoção de novas formas de intervenção numa sociedade com dinâmicas culturais de grande implementação.

Este trabalho terá como objectivos gerais compreender o papel das associações na cidade de Évora: relacionando a sua intervenção (SOIR Joaquim António d’ Aguiar) enquanto associação com as práticas de Educação popular; contextualizando as práticas desenvolvidas pela Associação no âmbito da educação popular e no processo de

desenvolvimento local; identificando os actores e as formas de organização da associação. Tem como objectivos específicos contextualizar a origem, percurso e intervenção da Sociedade Operária de Instrução e Recreio - Joaquim António D' Aguiar no campo da Educação Popular; valorizar o papel da Associação na comunidade Eborense, assim como a importância de técnicos especializados para a dinamização desta, como é o caso do Animador Sociocultural; caracterizar a S.O.I.R. Joaquim António D' Aguiar enquanto instrumento de implementação de Educação Popular.

A investigação irá ser sustentada por um estudo de caso, em contexto, no campo do associativismo e em particular na temática da educação popular, assim como nas potencialidades das associações enquanto campo privilegiado de experimentação de práticas mais democráticas de participação dos cidadãos na vida colectiva.

Na realização deste trabalho recorreremos a instrumentos de recolha de dados para obter informação empírica: pesquisa bibliográfica, entrevistas e análise de documentos.

A pesquisa bibliográfica que utilizámos neste trabalho, para obtenção de informação, foi sobretudo sobre associativismo, associações de cultura e recreio, movimento associativo, educação popular, animação educativa e sociocultural, dinâmicas culturais e desenvolvimento local.

CAPÍTULO I - Quadro Conceptual (movimento operário; associativismo; educação de adultos; desenvolvimento local; animação sociocultural)

1. Movimento Operário

Sendo o nosso objecto de estudo sobre uma Sociedade Operária, nada fará mais sentido do que iniciarmos este trabalho com uma pequena exposição sobre o movimento operário.

Os movimentos operários iniciais, contra as consequências da Revolução Industrial, surgiram dos artesãos, que se viram destituídos de seus meios originais de trabalho. Revoltados os operários, porque lançados na miséria pelas primeiras crises de emprego, mas também os grupos de artesãos, assaltavam as fábricas partindo as máquinas. Depois de algum tempo, os operários começaram a perceber que o problema não estava nas fábricas, nem nas máquinas em si, mas sim na forma como a burguesia organizava os meios de produção. A Revolução Industrial criava assim uma classe operária direccionada para uma luta e competição crescentes entre o capital e o trabalho.

Em consequência da concentração de trabalhadores nas grandes fábricas, criadas a partir da revolução industrial, o movimento operário luta para melhorar as condições de vida da população trabalhadora e mesmo para alterar a ordem institucional em muitos países. Organizações mais radicais do proletariado, infundidas em ideias anarquistas e comunistas, dirigiram historicamente revoluções sociais cujo objectivo era criar um novo tipo de sociedade¹.

O movimento operário português mostrou-se, particularmente, através da fundação de associações, de jornais operários e pela realização de greves. A evolução do movimento associativo foi marcada, numa primeira fase, pela implantação da República Democrática e Social francesa de 1848 e pelo êxito do socialismo imaginário. Numa segunda fase foi marcado pelas repercussões da Comuna de Paris de 1871 e pela descendência do operariado português na Associação Internacional dos Trabalhadores defendida pelo socialismo científico. A partir de 1871, as associações reuniam intelectuais, elementos da pequena burguesia e do operariado, para se tornarem associações da classe operária, com uma organização predominantemente mutualista.

¹ avozdoproletario.blogs.sapo.pt, consultado a 14/06/10

Como associações de socorro mútuo concediam apoio económico, instrução e assistência na doença e na invalidez aos seus associados. Numa terceira fase, até finais do século, as associações de classe foram-se transformando de mutualistas em sindicais. Por intermédio da imprensa operária, as associações desenvolviam a sua ideologia, descobriam as injustiças sociais, desenvolviam as suas reivindicações de classe. Através das greves, lutavam por melhores condições de vida e de trabalho dos operários. Foi da dinâmica do movimento associativo que nasceram o sindicalismo e os partidos socialista e anarquista. Posteriormente, o movimento operário anti-capitalista inspirou-se nas próprias ideologias socialista, anarquista e sindicalista².

Os operários que, no princípio do século XIX, saldaram os custos da legislação social saída da Revolução Francesa, tomam logo consciência da sua solidariedade. Desde então, estão criadas as condições para o nascimento do " Movimento Operário". O movimento operário é considerado um conjunto de tentativas colectivas de renovar a ordem social e económica para melhorar as condições de vida da população operária.

Surgido no século XIX, nos países industrializados, o dia do Trabalho, que se comemora no primeiro de Maio em quase todos os países do mundo, relembra um dos episódios mais violentos da história do movimento operário. No 1º de Maio de 1889, militantes anarco-sindicalistas nas ruas de Chicago manifestaram-se a favor da jornada de trabalho de oito horas. A partir do ano seguinte, por iniciativa da central sindical conhecida como Segunda Internacional, estabeleceu-se esse dia como data dos trabalhadores organizados³.

2. Movimento Associativo

Hoje em dia fala-se muito em Movimento Associativo, no entanto deveríamos debruçar-nos um pouco sobre as suas origens e a sua evolução ao longo dos tempos.

O associativismo, ao contrário do que muitos pensam, não é uma actividade recente. Há milhares de anos o homem descobriu a importância de viver em grupo. Para sobreviver, agregou-se em pequenas tribos e percebeu que, ao exercer funções colectivamente, conseguia melhores resultados pelos seus empenhos.

² www.portugal-tchat.com/forum consultado a 14/06/10

³ avozdoproletario.blogs.sapo.pt, consultado a 14/06/10

É complexo enunciarmos com rigor o momento em que o movimento associativo se iniciou, principalmente devido às suas próprias características. É algo que terá mais que ver com potências do que com instituições fisicamente constituídas. A espontaneidade protegeu-o da repressão e do totalitarismo ao longo dos tempos. Temos o exemplo de Portugal, no período do Estado Novo, em que as Associações estavam de certo modo reprimidas política e socialmente pela censura, pela polícia política que impunha a ausência de liberdade de associação e de expressão entre as populações, como podemos confirmar no decorrer deste trabalho com o testemunho de alguns dirigentes da Sociedade Joaquim António d' Aguiar. Contudo o Movimento Associativo subsistiu, porque ele próprio foi uma prática de liberdade que resistia ao enquadramento das estruturas político - fascistas, precisamente devido à sua incorporalidade. Pelo facto de ser realmente um movimento enfrentado, no próprio sentido da palavra, não oferecia qualquer resistência física à força e à violência, daí que astutamente o Estado Novo tenha tentado condicioná-lo e controlá-lo através da criação de estruturas de carácter político-social como, por exemplo, a Mocidade Portuguesa, que tentava restringir a Juventude⁴.

O Movimento Associativo terá que ver mais com o carácter dos seus elementos do que com a apreciação de acções que as Associações possam desenvolver. Apesar de muito subtis, há que considerar as diferenças, muito ténues por vezes, entre Associação, Associativismo e o Movimento Associativo.

O Movimento Associativo terá mais compatibilidades com energias, com uma *praxis* surgida talvez do primeiro trabalho em conjunto de um indivíduo com outro indivíduo, tentando os dois atingir um objectivo comum. O grande motor do Movimento Associativo é a Solidariedade⁵. Este continua a afirmar-se como uma escola de vida colectiva, de cooperação, de solidariedade e de defesa da nossa identidade cultural. É, de facto, um espaço único de contacto com as populações, que permite contribuir para a melhoria da sua qualidade de vida, para o seu acesso ao desporto e à cultura e conjuntamente, para a evolução da sua consciência social e política. O movimento associativo, pelas suas práticas de valorização social e pessoal, não pode deixar de ser considerado como um dos precedentes da Animação Sociocultural.

⁴ Arimateia, Rui. (1994) “O Associativismo: Ontem e Hoje” in debate o papel do associativismo hoje, na definição do desenvolvimento estratégico, S.O.I.R Joaquim António d' Aguiar, Évora.

⁵ Idem, 1994.

A importância, e o valor, do associativismo popular surge pelo facto de constituir um espaço e tempo de uma formação e realização viva e autónoma do povo português. Surge também por uma expressão significativa da acção sociocultural das populações nas áreas da cultura, do desporto, do recreio, da educação, do património. Uma manifestação da consciência cívica, da criatividade e do talento das populações. É uma expressão e um exercício de liberdade, exemplos da vida democrática.

Podemos referir a importância do associativismo nos níveis da acção política, social e económica, inicialmente a nível local e com potencialidades de repercussão a nível nacional, principalmente pela competência de abranger públicos de todas as idades, pelas actividades que incrementa, pela experiência de vivências populares e que, por ser um parceiro privilegiado e atento, tem um papel proeminente na construção de verdadeiras comunidades educativas⁶.

Ao associativismo dos dias de hoje é estabelecido um grande desafio: ter capacidade de ultrapassar as suas insuficiências perante a rápida evolução tecnológica, as constantes transmutações sociais e o aumento de exigências de qualidade de vida por parte dos indivíduos.

A Associação está relacionada com o espaço e o tempo. De acordo com o grupo de pessoas que a estabelece, tem que ver com estatutos e com sedes, com programações e projectos específicos. O Associativismo é um movimento. Refere-se ao conjunto das Associações, com comportamentos e colectivos plurais no respeito de uns perante os outros. Permite a criação de uma filosofia de vida colectiva. Não deverá ser definido unicamente pelo seu carácter lúdico, mas também pela sua capacidade de gerar movimentos sociais. As associações locais, espaços de educação não formal e informal, realizam um papel dinamizador de animação cultural e social, capaz de modificar situações sociais quotidianas em processos educativos, fundamentais parceiros na dinamização de uma cultura da participação, criadora de políticas locais e de mudança permanente⁷.

Pensamos que, nas Associações, os dirigentes exercem uma acção participante e participativa no processo de sensibilização do grupo, público-alvo associativo, para o envolvimento em acções com sentido e pertinência para a comunidade.

⁶ Martins, M.L. (2006)“ O Associativismo no concelho de Benavente – O caso da Arepa Dissertação apresentada para obtenção do Grau de Mestre. Faculdade de Psicologia e ciências da educação. Universidade de Lisboa (texto policopiado).

⁷ Idem, p.37

As associações e as sociedades ou colectividades de cultura e recreio surgem através de um exercício facilitador de experiências e partilhas entre o seus associados, no campo da recreação, convívio e instrução e que estão relacionados com as conquistas de tempo livre dos trabalhadores e da necessidade destes se valorizarem pessoalmente. A fraca disseminação do associativismo durante a 1ª República é explicada pela grande duração das jornadas de trabalho. Todavia, há registos históricos de associações, dispersas por todo o país, que deram um contributo valioso na prestação de serviços dos associados⁸.

3. O associativismo antes e após o 25 de Abril de 1974

Sendo esta Sociedade centenária, consideramos pertinente a elaboração de uma breve reflexão sobre o associativismo antes do 25 de Abril.

Teremos de tomar consciência da demarcável actuação opressiva governamental a partir de 1926 e, posteriormente, através dos anos 30/40 com o progresso repentino, mas prejudicial, do Estado Novo e da actuação de Oliveira Salazar. Foi pois, com esta ditadura, que todas as formas de Associativismo foram sendo pouco a pouco recalcadas e reduzidas a formas de corporativismo fascista, que tinham como objectivo o controle de massa associativa e das populações de todo o país. O livre associativismo tornou-se, a partir de certa altura, em obrigatório corporativismo, enquadrado em instituições tais como a Mocidade Portuguesa, as casas do povo. A livre expressão cultural ausentou-se e o anúncio estatal delineou as consciências dos cidadãos através de modelos alienatórios de falsa cultura, de ideologias obrigatórias, onde a censura e a mediocridade massificantes desempenharam um papel relevante, se não decisivo, para os anos de obscurantismo social, cultural e político de um povo. Assim, a censura institucionalizou-se, o poder criativo foi anulado de todas as organizações populares de base - Sociedades, Bibliotecas Operárias, Grupos Dramáticos e outros -; apareceram, a partir de certa altura, instituições de carácter propagandista/fascista com o fim de controlar e reprimir tudo o que fosse sinónimo de liberdade, de igualdade e de fraternidade⁹.

⁸ Lopes, Marcelino. (2006) "*Animação Sociocultural em Portugal*", Editora Intervenção, Chaves.

⁹ Arimateia, R. *Ob. cit.*, 1994 .

Foi este estado de coisas, portanto, que fez com que de certo modo as Sociedades se destituíssem, de uma maneira geral, de todo um trabalho cultural de base, o que provocou que a população, salvo algumas excepções, se desinteressasse do desempenho de uma acção cultural em comum. Fazendo com que a partir de certa altura o espírito do Associativismo se descobrisse, se alienasse e que, ao invés de estar de um modo activo ao serviço dos trabalhadores e da população, se corrompesse e fosse transformado e/ou extinguido a favor dos interesses da minoria que constituía a classe e o poder dominante da época. Todavia, apesar de toda esta situação negativa, é importante reforçar que foi nos meios associativos que resplandeceu a chama da revolta e do inconformismo em relação à ordem estabelecida pelo regime político da altura. Foram as Colectividades, através dos seus associados, que por vezes se constituíam em movimentos dinâmicos e vivos, que surgiam enquanto alternativas culturais de qualidade perante a vulgaridade e o desinteresse.

Entendemos as Sociedades e as Colectividades como um movimento humano com responsabilidades muito reais e perceptíveis no que diz respeito ao aperfeiçoamento da qualidade de vida dos associados, dos seus beneficiários. São organizações que contribuem positiva, e construtivamente, na transmutação e na evolução social e cultural dos grupos humanos em que se encontram incluídas. É, nestas Associações, sejam elas colectividades de cultura e recreio, sociedades, cooperativas, filarmónicas, ou grupos desportivos, grupos de jovens, grupos corais, grupos de teatro amadores e outros, que os cidadãos comunicam e partilham o seu saber aglomerado, o seu estar e o ser quotidianos, e se determinam de facto enquanto Agentes Socioculturais da e para a Comunidade onde estão inseridos¹⁰.

O associativismo em Portugal tem uma origem de carácter popular. A primeira associação não corporativa data de 1838 (Associação dos Artistas Lisbonenses). Mas é na segunda metade do séc. XIX e princípio do séc. XX que o movimento adopta uma expressão significativa na vida social e cultural do país. Enriqueceu a par do movimento operário, dando resposta a muitas das necessidades económicas, culturais e recreativas das classes mais desfavorecidas. As associações assumem-se como espaços de vida, de partilha, de aprendizagens diversas, constituindo-se assim como redes de sociabilidades, de simbolismos, de prevenção e propagação da memória colectiva. Este movimento

¹⁰ Arimateia, R., *Ob. cit.*, 1994.

contribuiu para uma maior consciência social, através da participação cívica e do acesso à instrução.

Profundamente enraizado nos contextos sociopolíticos de todas as épocas, o associativismo envolve, desde o seu início, associações de socorros mútuos e associações de natureza cultural e desportiva, nas quais se incluem as de instrução e recreio, como é o caso daquela que é o nosso objecto de estudo, Sociedade Operária de Instrução e Recreio Joaquim António d' Aguiar. Estas últimas tiveram uma particular relevância ao nível da instrução, atendendo ao elevado índice de analfabetismo da população, do desporto, da beneficência, das artes e como espaço privilegiado de acesso à cultura e aos valores da convivência democrática. As filarmónicas constituíram uma das principais motivações para a formação de muitas dessas associações.

Após o 25 de Abril o movimento associativo surge inculido de vitalidade de uma nova dinâmica social. Assim, surgem novos modelos, como as associações de estudantes, de moradores, juvenis, de desenvolvimento comunitário, cooperativas de habitação, grupos de defesa do ambiente e do património.

Na sociedade actual, onde predomina um acelerado desenvolvimento tecnológico, uma mudança das condições sociais, uma oferta diversificada e, por vezes, estimulante na ocupação de tempos livres, existem associações que insistem em manter-se activas. Sobrevivem de economizadoras contribuições angariadas junto dos seus associados, das autarquias, empresas locais e outras instituições da comunidade. Sobrevivem também da sua significativa mais-valia que sempre foi o esforço e empenho voluntário dos seus activistas e dirigentes. O sucesso das associações que permanecem activas deve-se à sua capacidade de adaptação e de abertura a novas ideias, novos conceitos, novos projectos, novas formas de organização, preservando, no entanto, a essência fundamental do associativismo popular, que passa pelo seu carácter democrático e participativo e a sua profunda ligação às pessoas.

O Associativismo, tendo em conta os tempos que correm, encontra-se de certo modo em declínio. Contudo, temos que reconhecer que, apesar de tudo, o Associativismo é muito rico, pela sua história, património e potencialidades¹¹.

¹¹ Arimateia, R., *Ob. cit.*, 1994.

3.1. As associações - abordagens, conceitos e tipologias

Para entendermos um pouco melhor o tema consideramos pertinente enunciar uma breve tipologia das associações existentes e qual o seu significado.

Como nos assinala Fernandes (2003)¹², um dos primeiros estudiosos do associativismo e do seu impacto social foi Tocqueville, pensador político, historiador e escritor francês, que se refere ao associativismo como um dirigente da liberdade e dos princípios populares, na medida em que coíbe a opressão da maioria: *“A associação reúne como um feixe, os esforços de pessoas que divergem em muitos pontos, e leva-os a caminhar com ardor para um único objectivo, claramente definido. A segunda vantagem importante representada pelo exercício do direito de associação é a possibilidade de reunião (...). No nosso tempo, a liberdade de associação tornou-se uma garantia indispensável contra o despotismo da maioria”*.

De acordo com Cano citado por Coelho (2005)¹³, Tocqueville delineia já uma primeira tipologia de associações voluntárias e uma excepção translúcida entre dois tipos de associação: as associações não formalizadas e aquelas que demonstram uma estrutura interna. Ainda segundo Tocqueville as associações voluntárias permitem o interesse dos participantes pela gestão da comunidade e do seu destino, assim como apela a uma participação social. Meister citado também por Coelho¹⁴ caracteriza vários tipos de participação: participação de facto, participação organizada ou voluntária, participação espontânea, participação suscitada ou provocada e, por último, participação imposta.

O sociólogo Boudon, referido por Fernandes (2003),¹⁵ aponta, como traços fundamentais que caracterizam as associações, a multiplicidade dos elementos e a sua perseverança no tempo e objectivos comuns: *“Associação: em sentido restrito o termo designa um agrupamento de duas ou várias pessoas que põem em comum, de maneira permanente, os seus conhecimentos e a sua actividade numa finalidade que não seja a de partilhar lucros (...). O fenómeno associativo que responde à propensão dos homens*

¹² Fernandes, J. (2003). “O Associativismo de Pais: No limiar da virtualidade? Lisboa. Ministério da educação, p. 66

¹³ Coelho, R. (2005). “*Centro Cénico da Cela – Uma colectividade como tantas... 30 anos de luta por uma educação popular*”. Dissertação apresentada para obtenção do Grau de Mestre em Ciências de Educação – Área de Especialização em Formação de Adultos. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação. Universidade de Lisboa (texto policopiado).

¹⁴ Idem, 2005.

¹⁵ Fernandes, J., *Ob. cit.*, 2003, p. 67

para se agruparem para a defesa dos seus direitos, a propagação das suas ideias e a realização em comum de um objectivo colectivo, desempenha um papel importante nas sociedades modernas, ao mesmo tempo complexas e fragmentadas”.

No plano jurídico e político, e nas modernas sociedades democráticas, o direito de associação surge como uma das primeiras reclamações, ao mesmo tempo que é identificado como uma liberdade pública constitucional. Assim, “associação” segundo Serrão, citado ainda por Fernandes (2003)¹⁶ surge como: *“Agrupamento de várias pessoas com o objectivo de alcançar resultados que excedam aqueles que conseguirem com as suas actividades individuais; ou então como resultado de um consenso entre indivíduos que se propõem conjugar esforços para a prossecução em comum de determinados fins”.*

Brinkerhoff e White, referidos também por Fernandes (2003)¹⁷, descrevem as associações voluntárias como *“organizações não lucrativas criadas para permitir que os indivíduos persigam os seus interesses partilhados colectivamente”.*

Já para Cesareo, ainda Fernandes (2003), as associações voluntárias, enquanto grupos formais representados, não são organizações, porém assumem *“diferentes graus de organização que as distinguem, podendo à medida que se tornam mais complexas na consecução das suas metas, dar maior relevo ao aparelho organizativo”*¹⁸.

Segundo Janela Afonso, citado por Guimarães e Sancho (2001)¹⁹, a definição de associação popular entende-se em serem *“organizações criadas por iniciativa popular, caracterizadas pela promoção de determinados símbolos e códigos que, no desenvolvimento das suas actividades são apoiadas pelo Estado, pela Igreja, por instituições privadas e /ou por actores locais”, aquilo que definiu por “associações democráticas para o desenvolvimento.”* Este autor, numa análise comparativa de algumas características da educação formal e da educação não formal, distingue nas associações democráticas para desenvolvimento as seguintes características: *“apresentam carácter voluntário, promovem sobretudo a socialização, promovem a solidariedade, visam o desenvolvimento, preocupam-se sobretudo com a mudança social, são pouco formalizadas e pouco ou incipientemente hierarquizadas, favorecem a*

¹⁶ Fernandes, J., *Ob. cit.*, 2003 p. 67

¹⁷ *Idem*, p. 80

¹⁸ *Idem*, p. 89

¹⁹ Guimarães, P. e Sancho, A.V. (2001). “A participação nas associações: Novos desafios à educação de adultos”. In: Simões, A. et al (2001). Modelos e Práticas em Educação de Adultos, Actas das II Jornadas, Coimbra: Ediliber Editora de Publicações e Fundação Calouste Gulbenkian, p. 160

participação, proporcionam investigação-acção e projectos de desenvolvimento, são por natureza formas de participação descentralizadas.”

Para Lima (1986)²⁰, as associações populares são “*espaços importantes para a educação e a promoção cultural dos cidadãos*”, uma vez que “*encerram um enorme potencial de promoção da sua participação*”, de capacidade de favorecer o desenvolvimento e consolidação da democracia, “*de conscientização de discussão e resolução de problemas locais*”.

Por seu turno, e em seguimento, Norbeck, citado por Rocha (2000)²¹, acredita nas associações populares como base ideal para a educação não formal dos adultos, já que “*nenhuma instituição, na sociedade portuguesa, dá maiores esperanças no que respeita à formação dum novo tipo de educadores e de um novo tipo de educação*” e que “*só elas têm a oportunidade única de radicarem as bases da indispensável educação para o desenvolvimento.*”

Para Lima (1986)²² foi, desde muito cedo, que as associações mostraram condutas democráticas e tradições participativas, mesmo em períodos “*pouco propícios à actualização dessas práticas.*” Reconhecendo o papel das associações no desenvolvimento local e das comunidades Lima (1986)²³ afirma ainda que: “*É inegável a importância das associações populares para a educação e a promoção cultural dos cidadãos mais carenciados e, neste sentido, lhe reconhecemos o estatuto de parceiros integrantes de qualquer processo de desenvolvimento desde que o conceito de desenvolvimento se integre, ele próprio, as dimensões, cultural e educativa*”

As Associações e as Colectividades de Cultura e Recreio têm um carácter marcadamente local, encontrando-se ao serviço das pessoas em aldeias ou bairros de um centro urbano. Observamo-las em todo o país. Muitas designam-se a si próprias por Associação Recreativa, outra designação vulgar poderá ser Associação Cultural e Recreativa. Na origem destas está sempre um grupo de pessoas a desenvolver uma determinada actividade cultural, como grupos de teatro amador, orfeões, bandas de música, danças folclóricas, etc., ou uma actividade desportiva. Muitas têm mantido a

²⁰ Lima, L. C (1986). “*Associações para o Desenvolvimento no Alto Minho*” Viana do Castelo: Centro Cultural do Alto Minho.

²¹ Rocha, M.A.T (2000). A Educação de Adultos como Projecto de Democratização Cultural. Dissertação apresentada para obtenção do Grau de Mestre em Educação - Especialização em Educação de Adultos. Braga: Universidade do Minho, Instituto de Educação e Psicologia (texto policopiado)

²² Lima, L. C. *Ob. cit.*, 1986, p. 38.

²³ Idem, *ibid.*

sua actividade inicial, outras existem, todavia, porque alargaram consideravelmente a sua gama de actividades de modo a enquadrar acções de alfabetização e biblioteca.²⁴ Algumas conheceram um desenvolvimento espantoso ao transformarem-se em verdadeiros centros de educação e cultura, com um dinamismo impressionante, ao alcance da acção e com uma influência muito para além do local inicial.

Muitas das Associações remontam aos finais do séc. XIX, princípios do séc. XX, outras começaram depois do 25 de Abril quando se registou uma vaga significativa de iniciativas em prol da criação de associações, especialmente com o objectivo dum trabalho cultural.

3.2. Associativismo e cidadania

Não faz sentido referirmo-nos ao associativismo e ignorarmos a importância da cidadania no associativismo já que, sem os cidadãos, aquele nunca resistiria. Tal como relata Rodrigues (2002)²⁵, “*O associativismo como prática é considerado um acto do exercício da cidadania, uma prática de educação para a cidadania....o associativismo tem um papel central no desenvolvimento de uma cultura democrática.*”

Turner, referido por Martins (2006),²⁶ interpreta a cidadania como uma estruturação social constituída por práticas que levam à aprendizagem social através da sua actividade permanente, sendo que a educação para a democracia e a socialização para a cidadania democrática não se constituem como meios únicos das organizações educativas formais e não formais. A cidadania, no espaço associativo, é um espaço de diálogo, de educação, de formação e de solidariedade. As associações podem ser encaradas como escolas de vida.

O associativismo, como movimento social constituído estruturalmente, estabelece uma organização com forma, gestão e partilha de poder, auxiliadora de condições para o exercício da cidadania e da participação democrática. Através dos direitos e dos deveres citados nos estatutos, faculta possibilidades a todas as pessoas de cumprirem o seu direito de cidadania, na expressão pública dos seus direitos e nas

²⁴ Norbeck, J., (1983) “Associações populares para o desenvolvimento”, Lisboa, Direcção-Geral da Educação de adultos, p.10

²⁵ Rodrigues, F.S.A. (2002). “O projecto educativo local do concelho da Golegã (1993-1999). Dissertação apresentada para obtenção do Grau de Mestre em Ciências da Educação – Área de Formação de Adultos. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa (texto policopiado), p.62

²⁶ Martins, M.L., *Ob. cit.*, 2006.

responsabilidades dos deveres para com os outros e para com toda a comunidade em que está inserido.

O associativismo como espaço/tempo possibilita a todos, na condição de sócio e/ou de dirigente, a igualdade de oportunidades e a intervenção/participação activa no projecto de vida da associação. Também sugere uma intervenção na comunidade como espaço capaz de assegurar um bem-estar social/individual e um bem-estar social colectivo, a partir da resolução de problemas imediatos.

O associativismo, como espaço dinamizador dos cidadãos, pode cooperar para determinar e encaminhar os comportamentos na expressão dos seus interesses. A solução dos problemas, com vista a um bem-estar social colectivo, passa pela prática da cidadania activa e por uma partilha de poder.

O associativismo contribui, enfim, com práticas socioculturais alcançáveis, para a construção de uma exacta cidadania susceptível de originar o desenvolvimento local.

3.3. Associativismo e desenvolvimento local

Há cada vez maiores dificuldades para levar as pessoas a participar nas associações. O interesse tem de ser cultivado e a Escola pode ter um papel determinante na promoção dos valores do associativismo. É incontestável que as associações fomentam a integração social e assumem um papel fundamental na promoção da cultura, do desporto, na área social, substituindo a própria intervenção do Estado. As colectividades de cultura, desporto e recreio existentes no nosso país também constituem uma realidade da maior importância na dinamização cultural, artística, recreativa, desportiva e associativa das comunidades locais, defrontando assim dificuldades da mais diversa ordem como a escassez de receitas e financiamentos, a carência de instalações, dificuldades técnicas e materiais, dificuldades de disponibilidade dos seus dirigentes. Essas associações prestam ainda assim um serviço incalculável às populações e ao desenvolvimento cultural, a nível local e nacional.

O desenvolvimento, na sociedade actual, torna as Associações indispensáveis. Algumas coisas que antigamente eram consideradas com naturalidade e que normalizavam todo o modo de vida, na sociedade dos nossos dias têm que ser enquadradas por organizações particulares.

Canário (1999)²⁷, citando Titmus, refere que o desenvolvimento comunitário é entendido como: “o conjunto de princípios e dos métodos utilizados tendo em vista encorajar uma comunidade a interessar-se e a assumir responsabilidades na melhoria das suas próprias condições de vida sociais e materiais”

Reis, referido por Amiguinho (2005),²⁸ encara o desenvolvimento local como “um impulso generoso, de carácter local e endógeno, assente na mobilização voluntária, cujo objectivo é originar acções com as quais se produzem sinergias entre agentes, tendo em vista qualificar os meios de vida e assegurar o bem-estar social”.

Para Amiguinho (2005), em primeiro lugar, evidencia-se a dimensão sociopolítica e territorial do desenvolvimento local, opção política que disputa com a tecnicização dos processos. Em segundo lugar, para Prevóst, referido também por Amiguinho (2005), pretende-se realçar os seus aspectos humanos. As apostas e os sucessos, as dificuldades e obstáculos, derivam do modo como as pessoas se empenham no desenvolvimento, não se mobilizam ou a ele se contestam. Finalmente, em terceiro lugar, evidencia-se o carácter educativo do desenvolvimento local, que consiste num processo contínuo de formação, predominantemente de natureza informal, no “ombro a ombro” dos actores, enquanto actuam sobre os seus problemas. O lugar maioritário do “face a face” das formações formais tende a ser ocupado por esta formação que tem, como essencial efeito educativo, o voltar a acreditar, o apostar nos próprios recursos e nas potencialidades em espaços onde cativa o fatalismo e a renúncia, conforme diz Melo citado por Amiguinho.

Alberto Melo e Priscila Soares citados por Canário (1999)²⁹ referem que “(...) o desenvolvimento local é, antes de mais, uma vontade comum de melhorar o quotidiano, essa vontade é feita de confiança nos recursos próprios e na capacidade de os combinar de forma racional para a construção de um melhor futuro. É aquilo a que se chama frequentemente a cultura do desenvolvimento. (...)”

Na opinião de Canário (1999)³⁰ os métodos e práticas relacionadas com o desenvolvimento local são particularmente divergentes “(...) na reflexão sobre os conceitos e práticas da educação de adultos” por duas razões: em primeiro lugar por se

²⁷ Canário, R. (1999). “Educação de Adultos – Um campo e uma problemática. Lisboa: Educa, p.15

²⁸ Amiguinho, A. (2005). “Educação em meio rural e desenvolvimento local” in *Revista Portuguesa de Educação*, 18 (2), pp.7-43

²⁹ Canário, R., *Ob. cit.*, 1999, p. 65

³⁰ Idem, p. 15

estabelecer uma fonte de questões às causas da formação escolar. Em segundo lugar por determinarem os processos de desenvolvimento local participativo, os meios de articulação dos diferentes pólos que definem a educação de adultos (animação, alfabetização, formação profissional), contribuindo assim para dar realce à globalidade das dinâmicas e dos processos de educação de adultos.

3.4. O papel das associações na educação popular e na participação activa dos cidadãos

Jean-Jacques Rosseau e Stuart Mill foram dos primeiros a defender a educação pela e para a participação, atribuindo especial importância à participação activa dos cidadãos numa democracia participativa e directa, em concordância às teorias da democracia formal e representativa. Lima (1996)³¹ recorda ainda que os “*conflitos entre modernização e democratização, burocracia e democracia, centralização do poder de decisão e participação no processo de decisão*” caracterizam algumas das pressões e dos conflitos que marcaram realmente o século XX.

Tal como Giddens menciona, citado por Lima (1996),³² neste período em que nos confrontamos com a “*reactualização e a radicalização de agendas hiper-racionalizadoras, de optimização e de neo-taylorização na administração do domínio público*”, podemos enfrentar em simultâneo novos movimentos sociais com fortes potencialidades emancipatórias e de “*invenção de novas formas de organização social e cultural*”.

É precisamente para esses novos movimentos sociais que Melo, A. (2003^a) chama a atenção para a capacidade de participação e de cidadania activa, também indicadas por Vieira, ainda citado por Melo (2003^a)³³, quando afirma que “*os chamados novos movimentos sociais - ecológicos, feministas, de minorias, de consumidores, ... - entidades e processos da sociedade civil, de carácter não governamental, não mercantil, não corporativo, não partidário, podem assumir um papel estratégico, quando se transformam em sujeitos políticos autónomos, levantando a bandeira da*

³¹ Lima, *Ob., cit.*, 1996.

³² *Idem*, p. 285.

³³ Melo, A. (2003^a): “*A participação dos cidadãos: contra a apatia política, uma política de empatia*”, in: Salis Gomes, M. T., (Coord.), Edições INA, 2003.

ética, da cidadania, da democracia e da busca de um novo padrão de desenvolvimento que não produza a exclusão social e a degradação ambiental”

Apesar da observação anterior, o trabalho realizado pelas associações voluntárias enuncia muitas vezes o “reverso da medalha” e que se baseia, fundamentalmente, pela instabilidade institucional. A situação que se vive no nosso país é a de uma grande difusão de iniciativas que, se por um lado, leva “à riqueza da variedade”, por outro lado, “tem gerado posições muito estanques e isolacionistas por parte de cada uma destas estruturas”, tornando a sociedade civil, “de natureza cívica e solidária, insuficientemente organizada.”³⁴

Enquanto Lima (1996)³⁵, bastante crítico na análise que faz da sociedade civil portuguesa e da relação que o Estado mantém com ela, afirma que “o regime democrático não institucionalizou a educação para a democracia e a cidadania a educação cívica, a educação para a autonomia e a participação social”, Salgado, referido por Fernandes (2003)³⁶, realça que “a democracia só existe com participação e parece que o grande salto histórico que na presente crise vivemos encontra, a vários níveis de desenvolvimento, a sua significação na necessidade de maior e mais alargada implicação do cidadão na sua vida individual e colectiva.”

O movimento associativo, enquanto expressão da sociedade civil, valorizando o empirismo, o pragmatismo e a experimentação directa, vem definir “os contornos de uma nova cultura política, proporcionada pela capacidade de mobilização dos associados, pela manipulação do simbólico, pela defesa dos interesses próprios específicos e pela afirmação de diferentes «poderes difusos» que fazem emergir nos seus contextos de acção.”³⁷ Outro autor, Teixeira Fernandes, citado por Fernandes (2003),³⁸ ao progresso da vida associativa dá, ainda, um outro sentido e uma diferente expressão à democracia local. Para ele se, por um lado, as associações se afirmam de um certo carácter não político, por outro, debatem-se com problemas que são essencialmente políticos, o que acaba por desenvolver nas associações uma cultura política específica, mas também por favorecer formas exactas de democracia participativa.

³⁴ Melo, A., *Ob. cit.*, 2003^a.

³⁵ Lima, *Ob. cit.*, 1996, p. 283

³⁶ Fernandes, *Ob. cit.*, 2003, p. 96

³⁷ *Idem*, p. 102.

³⁸ *Idem*, *ibid.*

Em nosso entender, quando falamos em educação, falamos também da participação dos cidadãos e da maneira como ela não se pode despolitizar, como muitas vezes se tenta fazer. Para que isso suceda são necessárias decisões importantes de políticas de educação de adultos em Portugal.

4. A educação de adultos: breve perspectiva em Portugal

Iniciemos então uma breve abordagem sobre a educação de adultos. Segundo Santos Silva (1990)³⁹ a educação de adultos começa a adquirir forma no desenvolvimento do século XIX, restringida por dois grandes métodos sociais. Por um lado, o “*desenvolvimento de movimentos sociais de massas*”, por outro, a “*criação dos sistemas escolares nacionais*” que tornou mais patente o problema do acesso à instrução, acabando por conduzir ao surgimento das chamadas ofertas de ensino de segunda oportunidade, numa coerência de escolarização da educação de adultos.

Poder-se-á então dizer que a educação de adultos se propagandeou a seguir à Revolução francesa, com as iniciativas do Estado, no sentido de tomar a seu cargo “*a alfabetização dos iletrados*”, como aquelas acções ligadas à formação profissional e “*à educação política visando o exercício do sufrágio universal*”.⁴⁰

No período pós Segunda Guerra Mundial surgiu a necessidade de avaliar rapidamente a mão-de-obra, tendo-se assistido a um período de aumento exponencial da oferta educativa. Esta foi uma fase da história da educação em que se assistiu a uma franca evolução. Não só se criou a extensão do ensino elementar de todas as crianças, como, ao nível das políticas, a uma preocupação desenvolvida com o número significativo de adultos que não tiveram oportunidade de se escolarizar. Nesta altura a educação/formação passa a ser encarada como um instrumento deliberativo para as políticas desenvolvimentistas. A disseminação impetuosa da educação de adultos não aconteceu de forma linear, como aconteceu com os sistemas escolares, tendo sido “*acompanhada por um processo de diferenciação interna e de complexificação do próprio campo da educação de adultos, cuja marca relevante passa a ser, progressivamente, a da sua heterogeneidade.*”⁴¹

³⁹ Santos Silva, A. (1990). “*Educação de Adultos - Educação para o Desenvolvimento*”. Rio Tinto: Edições Asa, p.11

⁴⁰ Canário, *Ob. cit.*, 1999, p. 11.

⁴¹ Idem, p. 13

A nível internacional, a educação de adultos começa como uma preocupação e é considerada como tendo um papel decisivo no desenvolvimento e crescimento dos vários países. Santos Silva⁴² salienta que, apesar das orientações, os vários programas desenvolvidos nos diversos países europeus, quer de ensino de “segunda oportunidade”, quer as campanhas de alfabetização, continuam a ser assinalados por uma forte dependência ao exemplo escolar, quer nos objectivos quer nos métodos. No entanto acabou por ser devido à perseverança da referida ideia de dimensão escolar, como educação de segunda oportunidade, com base no paradigma escolar, que a educação de adultos acabou por se estabelecer ao longo das décadas que se seguiram à II Grande Guerra.

Uma outra perspectiva definida por Santos Silva⁴³ “decorre da evolução dos métodos de alfabetização em que a UNESCO, na tentativa de contrariar a primazia do paradigma escolar, lança, no início da década de 60, o método de alfabetização funcional. Este modelo, apesar de algumas lacunas, vai abrir” várias pistas para a articulação entre aprendizagem elementar e formação cívica”. No entanto, Santos Silva⁴⁴ sublinha que seria Paulo Freire quem, “*combinando uma atitude humanista, a matriz religiosa católica e a teoria e prática marxista, haveria de propor um novo quadro para a alfabetização, já não como socialização (no sentido de inculcação / incorporação de valores e normas dominantes nos respectivos grupos ou sociedades), mas como “acção cultural para a libertação”, como “pedagogia do oprimido”, como educação no sentido de “conscientização” do sujeito em acção*”.

Em 1960, a conferência internacional de adultos, reúne-se em Montreal. Este congresso faculta à educação de jovens e adultos o objectivo de estimular a responsabilidade planetária nas pessoas, fomentar a igualdade dos homens e mulheres, desenvolver a autonomia, facultar o acesso à cultura, aos meios de comunicação, à preservação ambiental, aos cuidados com a saúde, fornecer formação continuada adequada as novas tecnologias, beneficiar uma participação criativa e consciente dos cidadãos, determinando, na opinião de Canário,⁴⁵ um verdadeiro ponto de viragem, já que a focagem, desta vez, é colocada no papel da educação de adultos e no procedimento do desenvolvimento económico.

⁴² Santos Silva, *Ob., cit.*, 1990., p. 14

⁴³ *Idem*, *ibid.*

⁴⁴ *Idem*, *ibid.*

⁴⁵ Canário, R., *Ob., cit.*, 1999.

Em 1972, no âmbito da conferência de Tóquio, entende-se a alfabetização em função do desenvolvimento integrado. A verdadeira meta da alfabetização consiste em torná-la capaz de participar na comunidade, permitir que cada cidadão participe na tomada de decisões a todos os níveis: social, político, económico, cultural. Neste congresso é destacada a ideia de que a educação de adultos e o desenvolvimento cultural são solidários, pelo que ninguém deve ser desprovido de lhe aderir. No decorrer de um processo de educação permanente, a força reside na variedade, pelo que os governos devem insistir na identificação do papel fundamental que os organismos privados e os movimentos populares exercem no domínio da educação de adultos.

Em 1976, numa reunião realizada em Nairobi, nasce um novo conceito de educação de adultos. Até então a educação escolar de crianças e jovens e a educação de adultos eram entendidas como duas partes separadas. Agora entendia-se que deviam coexistir e integrar-se num todo que constitui o sistema global de educação de cada país. Nesta conferência é acreditada uma vasta definição, a que Santos Silva⁴⁶ faz referência e onde a expressão “educação de adultos” designa, “ *a totalidade dos processos organizados de educação, qualquer que seja o conteúdo, o nível ou o método, quer sejam formais ou não formais, quer prolonguem ou substituam a educação inicial ministrada nas escolas e universidades ou sob a forma de aprendizagem profissional, graças aos quais as pessoas consideradas como adultos pela sociedade a que pertencem as suas aptidões, enriquecem os seus conhecimentos, melhoram as suas qualificações técnicas ou profissionais ou lhes dão uma nova orientação e fazem evoluir as suas atitudes ou o seu comportamento na dupla perspectiva de um desenvolvimento integral do homem e de uma participação no desenvolvimento social, económico e cultural, equilibrado e independente*”.

Canário (1999)⁴⁷ realça outras dimensões importantes do campo da educação de adultos, como é o caso do desenvolvimento local e da animação sociocultural. Defende então que desenvolvimento local “*designa práticas de articulação entre a educação de adultos e o desenvolvimento a uma escala local, com uma forte valorização da participação directa dos interessados*”, enquanto a animação sociocultural contribui fortemente para colocar em destaque a dimensão não formal dos fenómenos educativos.

⁴⁶ Santos Silva, *Ob.cit.*, 1990, p. 16

⁴⁷ Canário, R., *Ob., cit.*, 1999, p. 18

Nóvoa, citado por Canário,⁴⁸ sustenta que “*a reflexão sobre educação de adultos não se esgota, contrariamente ao que muitas vezes se pensou, nos métodos mais adequados para dar aos adultos a escola que não tiveram na infância. É uma reflexão muitíssimo mais vasta – hoje, mas também no passado -, o que interroga toda a educação e todo o ensino, nas «formas» que a sociedade e o Estado consagraram nos últimos cem anos.*”

Canário (1999),⁴⁹ para além da variedade de campos com que a educação de adultos se equipara, encara também uma série de problemáticas onde aquela pode e deve contrair um papel essencial e astucioso, de forma a dar resposta às novas necessidades individuais e sociais.

Boudon, citado por Bonal (1998),⁵⁰ refere que a relação entre a educação e igualdade social é bastante complicada. Apesar da educação já não ser vista como condição suficiente para a instabilidade social crescente nem para a educação das desigualdades sociais, continuam a não subsistir oportunidades sem educação.

Para Lima (2001)⁵¹, também algumas das dificuldades vividas em Portugal no que se refere à educação de adultos, aplicam-se à casualidade em simultâneo de manifestações de políticas diversas, “*seja enquanto um dos sectores estruturantes do sistema educativo, seja até como objecto de decisões de política educativa, e também a ausência de movimentos sociais e dinâmicas culturais suficientemente fortes e organizados na defesa da educação básica, da educação popular, da educação política e para a cidadania democrática.*”

Lima,⁵² quando se refere à falta de tradição da educação de adultos em Portugal, afirma que a “*democratização política do regime e das suas instituições representativas vem surgindo, revelando-se por uma realização aparentemente mais fácil do que a democratização educativa e sociocultural.*” Não tanto no que respeita à educação escolar de crianças e jovens mas, principalmente, pela interrupção e impugnação dos processos de desenvolvimento e pela realização de direitos sociais e educativos da população adulta. Este autor realça ainda que, historicamente, somos um povo a quem

⁴⁸ Canário, R., *Ob., cit.*, 1999, p. 4

⁴⁹ *Idem*, *ibid.*

⁵⁰ Bonal X. (1998). *Sociologia de la Educación. Una aproximación crítica a las corrientes contemporáneas*. Barcelona: Editorial Paidós Ibérica

⁵¹ Lima, L.C. (2001) “ Políticas de educação de adultos: da (não) reforma às decisões pós-reformistas”. In: *Revista Portuguesa de Pedagogia*, Ano 35, nº1, p.41

⁵² *Idem*, *ibid.*

foi indeferido o acesso a oportunidades educativas especificamente dirigidas segundo as suas características, necessidades e interesses.

Durante o período da 1ª República deparámo-nos com um fenómeno de grande investimento a nível cultural, em que a educação popular se tornou uma das principais bandeiras ideológicas. Foi um período especialmente rico nos campos do ensino livre e na difusão da cultura pelo povo. Por todo o país surgiam cursos públicos e livres, organizavam-se conferências e outras manifestações de cultura popular, muitas vezes mantidas por iniciativa de associações culturais ou outras. Entre as iniciativas de maior relevo evidenciam-se as chamadas Universidades Livres fundadas em 1912 e as Universidades Populares em 1913. Esta atitude de educação popular e de divulgação da cultura entre as massas era encarada já como algo de imprescindível e de extrema importância para o progresso e desenvolvimento, afirmando-se em muitos campos. Na música abundaram os concertos para o povo a escassos preços e nas salas mais importantes do país. Na arte estenderam-se as exposições e criaram-se, em vários pontos do país, museus regionais e locais. Os arquivos e as bibliotecas sofreram profundas reformas e foram várias as bibliotecas públicas que abriram salas de leitura infantil.

Com o passar dos anos, o aumento do desagrado popular, primeiro contra o regime e depois contra a guerra colonial, levaram a um golpe militar organizado por jovens oficiais do Exército com o apoio de grandes manifestações populares, que veio derrubar o regime a 25 de Abril de 1974. Após a Revolução de Abril de 1974, ao fundar-se o Estado democrático, realizam-se pela primeira vez, na nossa história, eleições livres e multipartidárias, o sufrágio universal, e escreve-se uma nova Constituição da República.

Apesar da mudança social provocada pela ruptura do 25 de Abril, que trouxe com ela o crescimento do movimento popular, era já claro o seu crescimento desde 1969. “ *Com uma composição de classe complexa em que dominaram o operariado urbano (sobretudo da cintura industrial de Lisboa), a pequena burguesia assalariada nas grandes e médias cidades e o operariado rural do Alentejo, este movimento popular atingiu as mais diversas áreas da vida social: a administração local, a habitação urbana, a gestão das empresas, a educação, a cultura e os novos modos de vida, a*

reforma agrária, as relações de dominação e subordinação nos campos, etc., etc.” (Sousa Santos)⁵³

Conforme nos descreve Melo e Benavente (1978), a população portuguesa organizou-se então em milhares de pequenos colectivos com o objectivo de solucionar os problemas quotidianos recebidos de vários séculos fazendo, com que nesse período, fundamentalmente entre 1974-1976, o chamado período revolucionário, se tivesse vivido um momento histórico em que tudo parecia possível às massas populares.

Nesta época funcionava no Ministério da Educação a então Direcção Geral de Educação Permanente (DGEP) que, ao ver-se confrontada com esta realidade social, percebeu que não faria sentido os conceitos frequentes sobre a educação de adultos e que seria preciso *”reinventar um serviço público capaz de dar um apoio real às iniciativas de base”, uma vez que se vivia um período de iniciativas comuns e de “união de todos à volta de problemas que todos o sentiam.”*⁵⁴ Estes autores (Melo e Benavente) chamaram a esta fase *“pré-educação dos adultos”* ou *“pré-alfabetização”*, já que foi dada preferência às actividades que associassem toda a colectividade em função de um objectivo comum, fornecido o apoio necessário à organização popular, mesmo que os seus objectivos não fossem, na origem, de ordem educativa.

Naturalmente que os responsáveis pela DGEP, segundo os autores acima referidos, não ambicionavam chegar junto da população e dizer-lhes simplesmente que eram analfabetos e que deviam aprender a ler. Como tal, um dos principais objectivos era apoiar e participar, sempre que um grupo, uma vez definidas as suas necessidades de ordem educativa e cultural, pretendesse satisfazê-las. O seu papel seria então o de estimular, *“a criação e a multiplicação das associações de educação popular, constituídas por todos os adultos, organizados em colectividade, os estabelecimentos escolares e os professores.”*⁵⁵

Como referem Guimarães e Sancho (2001)⁵⁶, foi uma fase particularmente relevante para a educação popular, uma vez que foram promovidas, pela primeira vez, medidas importantes e reais de combate ao analfabetismo e aos baixos níveis que existiam na sociedade portuguesa, quer de participação cultural, social ou política.

⁵³ Sousa, Santos, B., *Ob., cit.*, 1998, p.28

⁵⁴ Melo e Benavente, A. (1978) *“Educação Popular em Portugal (1974-1976)”*. Lisboa: Livros Horizonte, p. 10

⁵⁵ Idem, p. 12

⁵⁶ Guimarães, P. e Sancho, A.V., *Ob., cit.*, 2001.

Existiu também, por parte dos responsáveis, a preocupação de fomentar práticas sociais que desenvolvessem a participação, procurando-se reunir a aquisição de conhecimentos e competências necessárias no quotidiano das populações, com a educação informal, na adaptação de práticas democráticas.

4.1. A Educação e o movimento popular antes e depois de 25 de Abril de 1974

Em 25 de Abril de 1974 sucedeu um golpe militar que, pela iniciativa militar e popular e pelas movimentações de massas se transformou rapidamente numa revolução. O país é surpreendido por um novo ciclo de buscas e adaptações. O país democrático é, assim, construído numa relação de oposição com o regime anterior, adoptando o conceito de povo, um carácter estruturante e contraditório no universo e estratégia simbólica desenvolvida pelos agentes e protagonistas da Campanha de Dinamização Cultural e Acção Cívica do Movimento das Forças Armadas (MFA)⁵⁷.

As campanhas de dinamização do MFA surgiram num contexto de grande movimento revolucionário. Estas acções de dinamização visaram consciencializar as pessoas, sobretudo dos meios rurais isolados e distantes dos centros urbanos, dos propósitos do MFA e realizar tarefas de interesse comunitário. No entanto, a estratégia da dinamização cultural passou, essencialmente, por promover acções culturais com o intuito de aproximar os militares do povo, de materializar uma aliança entre as forças armadas e as camadas populares e de fomentar, nestas, formas de associação participada.⁵⁸

O movimento popular, apesar da sua instrumentalização por diversos partidos políticos, da sombra protectora e tutelar da esquerda do MFA e das contradições que o detiveram a um projecto de construção de um capitalismo de Estado, mostrou uma dimensão autónoma considerável e, em muitas situações, incontrolável como o confirma, por exemplo, o desenvolvimento de movimento grevista imediatamente posterior a Abril de 1974. Este movimento afirmou-se contra todos os poderes

⁵⁷ Almeida, S.V. (2009) “*Camponeses, Cultura e Revolução*”. Campanhas de Dinamização Cultural e Acção Cívica do M.F.A. (1974-1975). Edições Colibri. Lisboa.

⁵⁸ Lopes, Marcelino, *Ob., cit.*, 2006.

estabelecidos, envolvendo as burocracias sindicais nascentes que organizaram e realizaram manifestações de rua contra os trabalhadores grevistas.⁵⁹

Segundo Canário (2007)⁶⁰, “o movimento popular constitui um numeroso e activo processo colectivo de aprendizagem para milhões de trabalhadores, através da sua participação em múltiplas formas políticas de debate e decisão, de luta, de gestão autónoma de empresas e herdades abandonadas ou tomadas aos patrões. É na acção transformadora que se aprende a desempenhar a democracia”. “O movimento popular que degradou a sociedade portuguesa na fase imediatamente posterior ao 25 de Abril, desempenhou um aumento de autonomia cujos antecedentes foram activos e persistentemente construídos e protegidos pela actividade autónoma do movimento operário, desde o século XIX até 1974, estimulada pelas suas principais correntes, libertária e comunista: o desenvolvimento das diferentes formas de simbiose: à criação, em zona operárias de uma firme rede de associações culturais, recreativas e de instrução; à construção do movimento sindical; recreativas e de instrução; ao movimento de criação de cooperativas, envolvendo a área do consumo de bens alimentares, de consumo de livros e do inquilinato cooperativo.”⁶¹ No dicionário, o termo popular diz respeito ao povo, usado ou frequente entre o povo, feito para o povo, que agrada ao povo.

Para Barreto (2000)⁶² foram muitas as mutações sucedidas em Portugal, em especial a partir da década de 60 e que finalizaram com a Revolução de Abril de 1974, onde “um sistema de governo tradicionalmente autoritário e autocrático foi substituído por um regime democrático e parlamentar”. Perante a crise de Estado, decorrente da Revolução de Abril, várias iniciativas prolongam-se através de múltiplas associações e de partidos políticos, a nível local e regional, desenvolvendo diversas práticas de animação num contexto de grande socialização do povo. Práticas provocadas por anos de obscurantismo, de medo e de desejo em participar nas mudanças ocorridas na sociedade, traduzidas em acções políticas.

⁵⁹ Canário, R. (2007). “A educação e o movimento popular do 25 de Abril”, in Rui Canário *Educação popular e Movimentos Sociais*. Lisboa; EDUCA, p.14

⁶⁰ Idem, *ibid.*

⁶¹ Idem, p. 17.

⁶² Barreto, A. (Org.) (2000). “A situação social em Portugal”, 1960-1999. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.

Se até 1974 os movimentos socioculturais tinham como objectivo a oposição ao Regime, estabelecida através de acções culturais de resistência e de esclarecimento, a partir dessa data a preocupação reside no papel a ocupar por essas mesmas instituições nas alterações profundas das estruturas sociais.

Santos Silva (1990)⁶³ refere que foram colocadas em confronto duas correntes de educação de adultos no período revolucionário. A lógica entre actividades e serviços da administração pública e iniciativas de grupos de cidadãos. *“A perspectiva que então prevalece é claramente a da “educação popular”, nestes dois sentidos: primeiro, já não se tratava de difundir o modelo escolar, trazendo até ele o maior número possível de sujeitos ou consolidando extensões extra-escolares da escola, mas sim de apostar, um lado, na comunicação entre a escola e o meio social, e de outro nos processos educativos de aprendizagem por resolução de problemas e por diálogo entre formadores e formandos, no quadro de projectos e estruturas sociais colectivas; segundo, não se trata apenas de promover actividades educativas, mas, e sobretudo de focalizar e desenvolver as dimensões educativas de práticas sociais, privilegiando, portanto, as condições e os recursos para capacitação, para aquisição de competências para agir e as oportunidades e virtualidades formativas e comunitárias dos momentos e práticas lúdicas. O horizonte é, então, a revolução social, a emergência de uma nova sociedade, maioritariamente vivenciada então como democrático socialista.”*

“ Interpretando os processos de comunicação entre a escola e as populações ensaiadas em 1974-76, Setephen Stoer (1986), citado por Santos Silva (1990),⁶⁴ pôde distinguir duas correntes principais de mobilização popular, cujas características sintetizou nas fórmulas “alfabetização” e “poder popular”, aquela centrada predominantemente na questão do poder de Estado, esta relativamente próxima da perspectiva que, vimos aqui, designada por “educação popular”. E, examinando a Campanha de Dinamização Cultural lançada em 1975, pela 5ª Divisão do MFA, concluiu pela supremacia, na sua orientação, da corrente da alfabetização sobre o poder popular, explicitando as respectivas consequências: uma organização centralista; um investimento das concepções estratégicas sobre a sua implementação prática, decorrente da atitude da “pedagogia esclarecida.”

⁶³ Santos Silva, A., *Ob.cit.*, 1990, p.19.

⁶⁴ Idem, *ibid.*

A Campanha de Dinamização Cultural mostrou-se infrutuosa pela vontade de obter, num curto espaço de tempo, efeitos políticos de conversão ideológica de uma população que viveu, tempo demais, debaixo de uma ideologia de obscurantismo. Resistindo ao modelo centralista e propagandista, várias associações e comissões, e alguns sindicatos, estimularam actividades de animação sociocultural, implicando as populações nos seus processos educativos, concebendo dinâmicas de participação com reflexos na vida sociopolítica em que estavam completados.

Segundo Santos Silva (1990)⁶⁵, a UNESCO define as práticas de educação popular como: *“o conjunto das práticas sociais que visam estimular a iniciativa e a participação das populações no processo do seu desenvolvimento e na dinâmica global da vida sociopolítica em que estão integrados”*

Em finais de 1975 uma das apostas dos responsáveis da DGEP era a de *“integrar a educação de adultos e a educação popular num sistema de avaliação que permitisse equivalências ao ensino oficial, obrigando este ao mesmo tempo a rever os seus princípios e critérios.”*⁶⁶ O objectivo fundamental do programa era apoiar, de um modo constante e estruturado, as iniciativas resultantes das organizações populares: *“Foi dada prioridade às actividades que unissem toda a colectividade em função de um objectivo comum e devia fornecer-se um apoio à organização popular lá onde ela aparecia, mesmo se os seus objectivos não eram, na origem, de ordem educativa (...) fixámo-nos como objectivo seguir todos estes grupos o mais perto possível, (...).”*⁶⁷

Antevendo as iniciativas estatais, e as de carácter popular, apurámos que, em termos de Educação de Adultos, estas foram quase sempre conduzidas pela mão do Estado, num processo de escolarização dos adultos. Em 1979 as questões de Educação de Adultos foram recuperadas pelo Estado com a aprovação, na Assembleia da Republica, a 10 de Janeiro, da Lei nº 3/79, possibilitando ao então Ministério da Educação e Investigação Científica elaborar o Plano Nacional de Alfabetização e Educação de Adultos (PNAEBA). Ainda no ano de 1979 a então DGEP viria a designar-se Direcção Geral da Educação de Adultos (DGEA), cabendo-lhe assim o desempenho e coordenação do PNAEBA, a partir do modelo de educação popular de 1976 desenvolvido com a aprendizagem efectuada autonomamente, entre 1976 e 1978, pelos grupos de animação social.

⁶⁵ Santos Silva, *Ob., cit.*, 1990, p 21.

⁶⁶ Melo e Benavente, *Ob., cit.*, 1978, p. 15.

⁶⁷ Idem, p.21.

O PNAEBA não passou da intenção expressa em papel por falta de medidas políticas que apoiassem a sua implementação e nem o Instituto de Educação de Adultos foi criado como era previsto. A educação de adultos continuou a não ser tida nas prioridades políticas como uma estratégia para o desenvolvimento do país, facto também compreensível nas mudanças frequentes de denominação do organismo responsável pela educação de adultos.

Para Santos Silva (1990),⁶⁸ foi no quadro do PNAEBA “*que se lançou e consolidou, em Portugal, um subsistema (por fragmentário e enviesado que seja) de educação de adultos no conjunto da administração pública portuguesa*”.

A partir de meados de 80, com a sucessiva diminuição do apoio ao movimento associativo e à educação não formal, vive-se um período de “*forte tendência para a escolarização da educação de adultos, para a fragmentação do sector e para a subordinação às lógicas de formação profissional e de gestão de recursos humanos.*”⁶⁹

De Abril de 1988 a Dezembro de 1988 a DGEA passa a denominar-se Direcção Geral de Apoio e Extensão Educativa (DGAE) para, a partir de 29 de Dezembro do mesmo ano, se passar a denominar Direcção Geral de Extensão Educativa (DGEE). Segundo Lima (2001)⁷⁰ “*as perspectivas políticas de modernização, de feição vocacionista e produtivista, fariam da educação de adultos um dos primeiros sectores a ser objecto de orientações de inspiração neo-liberal*”.

As opções governamentais que se seguiram vieram dar uma maior ênfase ao papel da educação, como plano mais adequado para beneficiar a adaptação à mudança. É nesta perspectiva que o ensino recorrente e a formação profissional ganham importância. Esta estratégia dirige para um segundo plano as iniciativas de educação popular e de alfabetização, bem como o desenvolvimento local e a intervenção comunitária.⁷¹

Em 1998 é lançado o Programa para o Desenvolvimento da Educação e Formação de adultos com a finalidade de reestruturar a educação de adultos em Portugal através de uma política susceptível de reprovocar um passado assinalado pelo atraso e preparar o futuro. Foi criado um Grupo de Missão que solicitou um estudo à Unidade de

⁶⁸ Santos Silva, *Ob. cit.*, 1990, p.28

⁶⁹ Correia, A.J. (1999). “Relações entre a escola e a comunidade: da lógica da exterioridade à lógica da interpelação”. In: *Aprender*, 22, pp. 82-90

⁷⁰ Lima, L.C., *Ob. cit.*, 2001, p.46

⁷¹ Martins, M.L., *Ob. cit.*, 2006.

Educação de Adultos da Universidade do Minho com o propósito de construir um modelo institucional para a Agência Nacional de Educação de Adultos e Formação de Adultos (ANEFA). Foi esta Agência Nacional determinada no estudo como: “*num instituto público dotado de personalidade jurídica e de autonomia administrativa, financeira e pedagógica, com atribuições nas áreas da promoção, do financiamento, do acompanhamento e avaliação da validação e certificação, da investigação e difusão, de programas e de projectos de educação e formação de base de adultos, designadamente nos domínios da alfabetização e literacia básica, do ensino recorrente, da promoção educativa e da formação para o trabalho numa perspectiva de educativa e formação ao longo da vida, da intervenção cívica, da animação socioeducativa e do desenvolvimento comunitário*”⁷²

A ANEFA não cumpria o proposto designadamente nos domínios da criação, estudo e proposta de definição de políticas e da responsabilidade de “*constituir, coordenar e animar uma rede nacional de organizadores locais*”⁷³, efectuando-se ainda uma redução na definição do campo de acção e de intervenção, não havendo referências, “*(...) nem assumpção de responsabilidades, nos importantes domínios da alfabetização e da literacia básica, da educação para o mundo do trabalho, do ensino recorrente, da intervenção cívica e da educação para a cidadania democrática, da animação sócio educativa, do desenvolvimento local e comunitário.*”⁷⁴

O decreto-lei nº 208/2002, de 17 de Outubro, extinguindo a ANEFA, criou a Direcção Geral de Formação Vocacional, com tendência, o que veio a verificar-se, para uma Rede Nacional dos Centros de Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências e o sistema de Educação e Formação de Adultos.

4.2. Educação não formal e educação popular

Para pensar em Educação Popular é necessário incidir sobre o tema. Quando se fala na educação sob perspectiva social, falamos da condição da permanente recriação da própria cultura. Já na perspectiva individual, a educação é a condição de criação do

⁷² Lima, L.C., Janela Afonso, A. e Estevão, C.V. (1999). Agência Nacional de Educação e Formação de Adultos - Estudo para a Construção de um Modelo Institucional. Braga: Universidade do Minho, Unidade de Educação de Adultos, p. 58

⁷³ Lima, *Ob., cit.*, 2001, pp.57- 58.

⁷⁴ Idem, *ibid.*

indivíduo; é a relação do saber nas trocas entre pessoas. A Educação Popular é uma educação envolvida e participativa, orientada pela perspectiva de realização de todos os direitos do povo. A sua principal característica é utilizar o saber da comunidade como matéria-prima para o ensino. É aprender a partir do conhecimento do sujeito e ensinar a partir de palavras e temas criadores do quotidiano dele. O processo ensino-aprendizagem é considerado como acto de conhecimento e transformação social, tendo um certo carácter político. A Educação Tradicional é diferente, porque não é uma educação forçada, já que se baseia no saber da comunidade e incentiva o diálogo. E é diferente de uma Educação Informal porque possui uma relação horizontal entre educador e educando.

A Educação Popular visa a formação de sujeitos com conhecimento e consciência cidadã e a organização do trabalho político para afirmação do indivíduo. É uma estratégia de construção da participação popular para o redireccionamento da vida social. A Educação Popular pode ser aplicada em qualquer contexto, mas as aplicações mais comuns ocorrem em zonas rurais, em instituições socioeducativas, em aldeias indígenas e no ensino de jovens e adultos.

São objectivos da educação popular:

- *Contribuir para a construção de uma sociedade democrática que favoreça a capacidade e a possibilidade efectiva de intervir e participar na orientação das transformações sociais e nas tomadas de decisões;*
- *Facilitar o conhecimento e o reconhecimento da realidade social e das formas de actuar em comunidade;*
- *Favorecer o desenvolvimento pessoal e colectivo da capacidade de analisar, compreender e transformar a realidade concreta;*
- *Impulsionar a organização de grupos conducentes à criação de um tecido social capaz de actuar com autonomia para melhorar a realidade.*⁷⁵

A educação popular, tal como o desenvolvimento no seu conjunto, determina, principalmente, os meios disponíveis no próprio território: estruturas, pessoas, saberes, bens materiais e virtuais.⁷⁶

⁷⁵ Lopes, Marcelino. *Ob. cit.*, 2006, p. 416.

⁷⁶ direitodeaprender.com.pt, Consultado a 01/08/09

Segundo Lima (2005),⁷⁷ a mobilização popular que ocorreu logo após o 25 de Abril de 1974 “conheceu múltiplas formas de expressão, tendo a educação de adultos ficado associada a lógicas de intervenção típicas da educação popular, baseadas em dinâmicas participativas e num activismo socioeducativo que se traduziu em iniciativas de auto-organização, de tipo local, dotadas de grande autonomia e de assinalável criatividade.” Refere o autor que as dimensões educativas surgiram por vezes associadas a processos de reivindicação, a projectos culturais e sociais e a melhoramentos locais, a dinâmicas de desenvolvimento comunitário numa perspectiva política e organizacional.

Podemos ordenar, enquanto características da Educação Popular, as seguintes reflexões:

1. “A formação da consciência da sua identidade, do seu território e da comunidade humana de pertença;
2. A auto-estima e uma maior confiança nos outros, condição da participação e da cooperação ao serviço do desenvolvimento;
3. O despertar da capacidade de iniciativa e de criatividade, para se deixar de ser consumidor e assistido e tornar-se empreendedor e promotor;
4. O domínio da expressão e dos instrumentos da negociação, que permitem intervir eficazmente na esfera pública.”⁷⁸

As práticas de educação popular estabelecem-se em mecanismos de democratização onde se reflectem os valores de *solidariedade* e de *reciprocidade* e as novas formas alternativas de produção e de consumo, sobretudo, as práticas de educação popular comunitária, muitas delas voluntárias.

A história de vida de cada sujeito é que contextualizará as actividades pedagógicas, sejam elas formais ou não formais, das actividades intervencionistas com base na educação popular. Santos Silva (1990)⁷⁹ menciona que a educação de adultos: “ (...) começa a ganhar sentido e alguns contornos no decurso do século XIX, no quadro de dois grandes processos: a formação de sistemas escolares nacionais e o desenvolvimento de movimentos sociais de massas. “

⁷⁷ Lima, L. (2005). “A educação de adultos em Portugal (1974-2004). Entre as lógicas da educação popular e da gestão dos recursos humanos”, in Rui Canário e Belmiro Cabrito (Orgs.) *Educação e Formação de Adultos. Mutações e Convergências*. Lisboa;EDUCA, pp37

⁷⁸ direitodeaprender.com.pt, Consultado a 01/08/09

⁷⁹ Santos Silva, A. *Ob., cit.*, 1990, p. 21.

A partir do fim da Segunda Guerra Mundial a educação de adultos passou a deixar de estar restringida a uns quantos para passar a atingir todas as classes socioprofissionais ou socioculturais e a estar associada à problemática do desenvolvimento económico do país.

Santos Silva⁸⁰ sublinha ainda que “(...) a educação de adultos, foi-se constituindo como um campo específico mercê, de um lado, da persistência da referida concepção de extensão escolar, como educação de segunda oportunidade segundo o paradigma escolar; e de três novas perspectivas programáticas, diferentes entre si, mas não necessariamente antagónicas e nenhuma ainda claramente hegemónica”

Segundo Alberto Melo, citado por Santos Silva (1990)⁸¹, “(...) o conceito de educação de adultos evoluiu no sentido de atribuir à noção de “adulto” um significado ético, uma perspetivação no futuro, uma aproximação permanente de um ideal de ser humano realizado. (...) Nesta perspetiva, o centro das preocupações transfere-se da área de “definição de um público” (que idade? que características?) para o campo do próprio processo de aprendizagem. Somente determinadas estruturas (as que se baseiam na participação activa dos adultos. Na gestão das suas aprendizagens), apenas determinados métodos (os que coloquem os participantes como sujeitos da sua aprendizagem) somente determinados conteúdos (os que facilitem a apropriação intelectual e social, por parte do adulto, de si mesmo, do seu mundo físico e do seu meio social) poderão agora caber dentro do domínio da educação de adultos.”

Nóvoa e Finger (1998)⁸² realçam “uma nova forma de encarar o adulto e a sua formação, encarando-o como um ser inacabado e em constante “aprender a ser”. Ainda sob esta perspetiva “a educação tem lugar em todas as idades da vida e na multiplicidade das situações e das circunstâncias da existência “.

Le Goff (1996), citado por Canário (1999)⁸³ afirma que “(...) a formação de adultos passou a constituir um elemento central das políticas de gestão social e do desemprego, integrando-se de forma perfeitamente harmoniosa nos objectivos das empresas.” “O interesse actual pela educação ao longo da vida, longe de significar um

⁸⁰ Santos Silva, A. *Ob., cit.*, 1990, p. 12.

⁸¹ *Idem*, p.14.

⁸² Nóvoa, A e Finger, M. (org.) (1998). “O Método (Auto) Biográfico e a formação”. Lisboa. Ministério da Saúde

⁸³ Canário, R. *Ob. cit.* 1999, p. 90

renovado interesse pelos ideais dos anos 70, assenta precisamente na continuidade da erosão desses ideais.”

A educação de adultos tem-se afirmado, cada vez mais, numa dupla finalidade: a realização pessoal dos intervenientes e a participação no desenvolvimento social, económico e cultural das comunidades.

5. Animação Sociocultural e o animador

Como um dos objectivos deste estudo é transmitir a importância da implementação de técnicos especializados para a dinamização da Sociedade, como é o caso do Animador Sociocultural, achamos oportuno deixar umas breves notas sobre a animação e a importância do animador nestas associações.

A animação sociocultural, cujo conceito nasceu na Europa nos anos sessenta, pode ser encarada como intervenção lógica dos indivíduos e dos grupos com o seu meio e sobre si mesmo, contribuindo para uma melhoria da qualidade de vida.

Existem muitas opiniões distintas sobre Animação Sociocultural. Referenciamos algumas, no sentido de contribuir para a clarificação do conceito.

Segundo Bento, A. (2003)⁸⁴, *“a animação sociocultural é uma forma de acção pedagógica que, sem ser a única, se caracteriza pela procura e pela intencionalidade de gerar processos de participação das pessoas em áreas culturais, sociais e educativas que correspondam aos seus próprios interesses e necessidade”*.

De acordo com Trilla (2004),⁸⁵ *“animação sociocultural é “o conjunto de acções realizadas por indivíduos, grupos ou instituições numa comunidade (ou mesmo num sector da mesma) e dentro do âmbito de um território concreto, com o objectivo principal de promover nos seus membros uma atitude de participação activa no processo do seu próprio desenvolvimento quer social quer cultural.”*

A animação sociocultural emerge a partir de duas super-estruturas: dos contextos e das instituições. O âmbito dos contextos pode ser Cultural, Social, Educativo e outros. No que diz respeito às Instituições podemos integrar as Colectividades Locais, as Organizações Sociais, as Associações Voluntárias, as Autarquias Locais e as

⁸⁴ Bento, Avelino (2003). “Teatro e Animação- outros percursos do desenvolvimento sócio-cultural no Alto Alentejo”. Edições Colibri, Lisboa, p.120.

⁸⁵ Trilla, Jaume (2004): “Animação Sociocultural - teorias, programas e âmbitos”, Edição Inst. PIAGET, Col. Horizontes Pedagógicos, Lisboa.

Associações Artísticas. O campo da animação sociocultural percorre quatro dimensões operativas: o método, que procura a integração e participação das populações; a acção, que se direcciona no sentido da autonomia e participação colectiva; a mudança, no sentido de transformação de atitudes e de relações inter-individuais e colectivas; os conteúdos, que valorizem a criatividade como a expressão de si, em observação às questões da estética e da arte, do conhecimento e do saber, dos valores e da ética, da ecologia e da qualidade de vida⁸⁶.

A animação sociocultural desenvolve as seguintes funções:

- Função cultural que potencia o desenvolvimento de capacidade criadora das populações a partir da cultura destas, o que fortifica uma ideia de identidade nacional, assim como a abertura para uma dimensão expressiva.

- Função recreativa que pretende que os indivíduos, participando nas actividades, as apreciem;

- Função social que coopera na integração social e cultural das minorias étnicas, no apoio à toxicoddependência, aos idosos, etc;

- Função educativa, a Animação sociocultural insere-se essencialmente na educação não formal e/ou informal;

- Função relacional com o objectivo de estimular as relações interpessoais.

Segundo Quintas e Castaño, citados por Jacob, L. (2007),⁸⁷ *“a animação é uma actividade interdisciplinar e intergeracional que em diversas áreas influencia a vida do indivíduo e do grupo. O objectivo das actividades de animação pode especificar-se por quatro modalidades: Cultural, educativa, económica e social.”*

Enquanto modalidade cultural, a animação sociocultural emerge como organização criadora, gestora e construtora de um produto cultural, artístico ou criativo. Como educativa, a animação surge como impulsionadora da educação e formação, inicial e ao longo da vida. Na sua dimensão económica, a animação aparece como actividade criadora de meios económicos e financeiros, como sejam a criação do próprio emprego ou ela própria como fonte de receitas. Por fim, na sua dimensão social, a animação e o animador reaparecem como meios de vencer as desigualdades sociais e motores de promoção da pessoa e da comunidade.⁸⁸

⁸⁶ Bento, Avelino, *Ob. cit.*, 2003, p. 120.

⁸⁷ Jacob, Luís (2007). “Animação de idosos” 2ª Edição, Colecções Idade do saber, Ambar, Porto pp.22-23

⁸⁸ Idem, *ibid.*

A animação sociocultural também pode organizar-se em quatro categorias: na difusão cultural, através do incentivo do gosto pelas formas culturais, científicas e do conhecimento; nas actividades artísticas não profissionais, desenvolvendo os talentos e as capacidades artísticas e criativas das pessoas através da sua prática; nas actividades lúdicas, a animação sociocultural proporciona divertimento, lazer, desporto ou convívio; nas actividades sociais, através da promoção da participação das pessoas, nos momentos cívicos, sociais, políticos ou económicos.⁸⁹

5.1. A animação sociocultural e o enquadramento associativo

A animação sociocultural, entendida no sentido mais lato, enquanto metodologia participativa de estruturação de uma comunidade territorial forte e criativa, com um relacionamento fácil e estreito dos grupos e do poder, dificilmente prescindirá das associações e das colectividades locais. Pelo contrário, essas associações serão mesmo um dos agentes mais importantes na continuação dos objectivos de integração social, de participação, de vivência democrática local.

Uma intervenção sociocultural em termos de política associativa deverá partir sempre da consideração da autonomia do sujeito participativo no mundo em que vive, aspecto diverso e muito mais próximo de uma pedagogia de compreensão e de intervenção, funcionando como uma escola paralela e complementar que cuide da redução das assimetrias culturais e da intervenção nos essenciais domínios da exclusão social. A animação sociocultural terá como funções essenciais a adaptação e a integração, a disponibilização de uma vertente recreativa, de uma vertente educativa, enfim, de uma vertente que faça a ligação e possibilite a participação criativa e a resposta a carências culturais, sobretudo dos mais jovens. As associações assumem-se, nesta medida, como fundamentais nas identidades, entendidas por um carácter relacional e por um movimento de identificação.

⁸⁹ Jacob, Luis, *Ob. cit.* 2007, p.23.

5.2. A animação sociocultural e educação popular

Situemos um pouco do papel da animação na educação popular.

A animação sociocultural envolve uma realidade muito variada e, daí, as múltiplas definições e caracterizações⁹⁰. Esta polissemia da animação sociocultural permitiu-lhe, historicamente, adaptar-se aos âmbitos da educação permanente, da educação de adultos, da educação não formal, da educação popular, da educação para o ócio e para os tempos livres, da difusão cultural, da gestão cultural e da promoção social e desenvolvimento comunitário.

Hoje a animação sociocultural estende e reformula o campo dos destinatários, os objectivos e também as actividades. O pluralismo conceptual e respectivas implicações e destinatários faz, da animação sociocultural, um modelo de intervenção específico, mas com diferentes metodologias e campos de actuação prioritários, conforme a diversidade sociocultural e contextos territoriais.

Educação popular é um termo que resulta da acção dos movimentos dos trabalhadores, de experiências educativas e do progresso cultural levado a cabo por diversos indivíduos, nomeadamente movimento associativo, universidades populares. A educação popular tornou-se, na continuação dos tempos, em educação de adultos. Podemos dizer hoje que ambos os conceitos, educação de adultos e animação sociocultural, complementam o âmbito de intervenção socioeducativa e sociocultural.

Persiste, todavia, uma relação de paternidade entre educação popular e animação sociocultural. Isto mesmo é referido por Besnard, citado por Lopes (2006),⁹¹ quando evidencia o facto de a animação sociocultural ser historicamente descendente da educação popular, e manter com esta uma relação de existência simultânea ao longo do seu desenvolvimento: *“Se a animação sociocultural aparece como um fenómeno recente, não é menos certo que tem origem, precisamente, na história da educação popular e graças a ela se pode compreender e o seu nascimento e o seu desenvolvimento. A educação sempre se revestiu à volta de dois aspectos: um mais profissional que tem, como objectivo, a aquisição de técnicas precisas indispensáveis para o exercício de um ofício; o outro, mais cultural, que concerne mais à formação geral do indivíduo e aspira a realizar e a adquirir conhecimentos em todos os campos*

⁹⁰ A. de Miguel (1995). “Perfil del Animador Sociocultural”. Narcea. Madrid

⁹¹ Lopes, M. *Ob. cit.* 2006, pp. 417- 418.

permitindo-lhes compreender, o seu meio, adaptar-se a ele e inclusive transformá-lo. Estas duas tendências, uma referente à formação profissional, outra à formação cultural, às vezes separadas na educação, às vezes juntas, existem e coexistem ainda hoje. A educação popular e a animação sociocultural se sustentam mais da segunda tendência, que aparece por iniciativa de grupos voluntários e dos trabalhadores preocupados em adquirirem, além da formação técnica, uma cultura que a burguesa concebia em seu proveito, para assegurar e manter o seu domínio económico e social, mesmo depois da revolução de 1789...”

Capítulo II - Sociedade Operária de Instrução e Recreio Joaquim António d'Aguiar

1. Apresentação do objecto em estudo: breve enquadramento local e histórico; práticas culturais da cidade de Évora

De acordo com Augusto Santos Silva, citado por Costa, A. F., (1997),⁹² as políticas culturais podem hoje em dia ser observadas sob um aspecto privilegiado, o das relações entre o Estado e sociedade civil em matéria de acção cultural. Neste âmbito adianta, “*que as políticas públicas têm, em geral, gravitado em torno de quatro pólos: as políticas de património, as políticas de formação educativa de públicos; as políticas de sustentação de oferta cultural; as políticas de uso económico, social e político da cultura.*”⁹³

Interessa para já percebermos de uma forma sucinta quais as práticas culturais dominantes na cidade de Évora. Segundo Bento, A. (2003)⁹⁴ o teatro prevalece pelo número de grupos formalmente constituídos. A dança e a música seguem-no nestas estruturas organizativas. No que diz respeito às artes plásticas, esta área, por tradição não faz parte do movimento associativo porque os autores apresentam a sua obra de forma individual e não em grupo. Em Évora têm expressão os festivais de teatro de amadores organizados por grupos da Sociedade Operária Joaquim António D'Aguiar (Sociedade a estudar) e da Sociedade Dramática Eborense.

Existem alguns agentes culturais na cidade de Évora que passamos a nomear: Centro Dramático de Évora (CENDREV); Sociedade Harmonia Eborense; Pimtai Associação Cultural; Pédexumbo – Associação promoção música e dança; Companhia de dança contemporânea de Évora; Batepé Associação para o desenvolvimento das artes; Bruxa teatro associação; Grupo pró-Évora; Cine-clube da cidade de Évora; Eborae musica; Coral Évora; Evoraensemble contemporâneo; Coro gregoriano de Évora; Coro Stella Matutina; Coro da Universidade de Évora; Trulé – Investigação de formas animadas; Era uma vez – Teatro de Marionetas; Centro Regional do Alentejo –

⁹² Costa, A. F. (1997) Versão electrónica do artigo da publicação periódica do observatório de dinâmicas culturais, OBS nº 2, Outubro, p.4

⁹³ Idem, ibid.

⁹⁴Bento, Avelino, *Ob.cit.*, 2003, p. 223.

Unima P; Bonecos de Santo Aleixo; Trimagisto; Associação cultural Trítono; Sociedade Recreativa e Dramática Eborense; Associação cultural teatro do imaginário; Associ'arte – Associação de comunicação e artes; Centro cultural de Évora – Departamento de escultura em pedra; Cépia – Centro de estudos performativos e artísticos; Art X- Geração e Cultura; Associação oficinas de comunicação; Teoartis- Associação de Actividades Artísticas e Culturais; Confraria da Moenga; Grupo rodapé – Grupo de Música Portuguesa; Modas à Margem do Tempo; Coincidências; Almaplana; Lundum; Grupo “Sons do Vagar”; Banda Filarmónica da Casa do Povo de N^a. Sr^a. Machede; Banda Filarmónica da Associação Filarmónica “24 de Junho”; Orquestra de Metais e Percussão; Orquestra da Universidade de Évora; Orquestra Templos; Grupo Coral “Cantares de Évora”; Grupo Coral “Pastores do Alentejo”; Rancho Folclórico Flor do Alto Alentejo.

No contexto das actividades desenvolvidas pelas organizações há sempre aquelas de maior impacto junto das comunidades. A acção cultural antes do 25 de Abril de 1974 estava muito estabelecida em Évora. O percurso do movimento associativo e sociocultural de Évora, representado essencialmente pelas colectividades de cultura e recreio, nunca deixou de estar dinâmico e activo.

A dinâmica cultural de Évora, vinda já antes do período do 25 de Abril, está associada a razões históricas. O facto de Évora ter sido considerada Cidade-Museu e, posteriormente, Património Mundial da UNESCO, originou seguramente nas populações esta vontade para a acção cultural, assim como para o aumento da oferta cultural em toda a cidade, através também do aumento do número de companhias ou grupos profissionais de teatro ou aparecimento de outras artes do espectáculo. Mas também o acréscimo demográfico associado ao desenvolvimento da cidade de Évora, através da Universidade.

O poder local e o envolvimento da comunidade levam à participação e à diversidade cultural enquanto expressão individual e colectiva. Existem, cada vez mais, hábitos culturais, por isso o público distribui-se pelas diversificadas manifestações culturais. As pessoas em Évora vão ao teatro e isso deve-se à qualidade do repertório, mas também, como já foi mencionado, ao aumento demográfico dos últimos anos relacionados com o desenvolvimento da Universidade de Évora.

1.1. “História de vida” da Colectividade

Pretendemos reconstruir as memórias da Sociedade Joaquim António d’ Aguiar, desde a sua fundação, passando pela agitada fase de 74/75, até aos dias de hoje. Esta é uma realidade única, que nos propomos compreender e interpretar através de uma metodologia qualitativa.

Nesta, como em qualquer história, está sempre presente a interpretação da realidade, não só do ponto de vista de quem a escreve, como de outros, por privilegiarem os pontos de vista retrospectivos de alguns actores. Mas também de outros que, sobre esta mesma realidade, já reflectiram. Recorreu-se então a dados obtidos pela análise de documentos oficiais seleccionados, a documentos não oficiais e também da experiência vivida pela investigadora no decorrer do trabalho empírico.

A Sociedade Operária de Instrução e Recreio (S.O.I.R) Joaquim António de Aguiar foi fundada a 8 de Dezembro de 1900 por um grupo de operários, com a designação de Grupo Recreativo Operário Joaquim António de Aguiar.⁹⁵ Na época, existia na cidade de Évora um espaço convivial e social de relevo, a Sociedade Harmonia Eborensis que, de algum modo, foi sendo encarada por alguns eborenses como espaço reservado a uma elite, excluindo assim os grupos mais desfavorecidos. Na sequência desta situação e tendo como escapatória a criação de uma tuna com regência de António Jacinto, um pequeno grupo de cidadãos, num exercício de cidadania, deu início ao processo de constituição da colectividade. Nos dias de hoje a Sociedade Operária Joaquim António d’ Aguiar com esta e outras colectividades são cordiais e coerentes.

A partir de 29 de Janeiro de 1910, depois da aprovação e publicação dos seus estatutos, passou a denominar-se Sociedade Operária de Instrução e Recreio Joaquim António de Aguiar. Em relação à criação da Sociedade, o entrevistado C. relembra:

“... Em 1900, portanto esta colectividade foi criada acima de tudo como uma colectividade de instrução e recreio. Foi inicialmente uma tuna musical. Um grupo de jovens operários que se reuniam num quarto de um deles e que tinham uma tuna musical decidiram formar um grupo associativo com essa tuna. Daí passaram em 1909 para a Sociedade de Instrução e Recreio Joaquim António d’ Aguiar. Portanto, ao fim e ao cabo, os grandes objectivos foram os objectivos culturais, evidentemente que

⁹⁵ Sociedade de Instrução e Recreio Joaquim António D'Aguiar (2000). *Revista centenário*. Évora

estávamos em 1900, que se estava em véspera da Implantação da República e estes jovens, eram jovens progressistas e Republicanos. Automaticamente também se envolveram nas actividades que, mais tarde, vieram a dar a Implantação da República. Portanto, embora não seja uma Colectividade formada com fins eminentemente políticos, foi mais em termos culturais. Mas como, geralmente, a cultura nunca está dissociada da questão política, no sentido do progresso, no sentido do desenvolvimento e contra o obscurantismo...”

A S.O.I.R constitui-se como um espaço privilegiado de lazer, de aprendizagem cooperada, com intenções de âmbito social, educativo, cultural e recreativo patentes nos objectivos definidos nos seus estatutos (Anexo IV):

- Realizar saraus literários, dançantes e musicais;
- Realizar em seu benefício quermesses e espectáculos;
- Promover excursões que possam ser úteis à sociedade;
- Criar uma biblioteca, uma escola de desenho, uma escola de instrução primária e todas as outras que possam ajudar a formação dos actuais e futuros operários;
- Criar uma tuna e um grupo dramático;
- Realizar sessões de educação para os operários de forma a ensinar-lhes a cumprir os seus deveres e todas as regras de justiça;
- Organizar e promover festas educativas e humanitárias, tendo sempre presente o devido respeito à moral, à justiça e à verdade;
- Espalhar, sempre que possível, por todos os que mais necessitem, provas de boa instrução e educação cívica.

Relativamente à escolha do patrono parece-nos importante dispor algumas considerações. Joaquim António d’ Aguiar foi um homem do século XIX que não teve ligação directa com a cidade de Évora. Era um jacobino (nome dado outrora, na França, aos religiosos e religiosas da regra de São Domingos) de alta linhagem e os ideais liberais que orientaram a sua vida como cidadão, professor e ministro, bem como o facto de ter abolido a maioria das casas de religiosos das ordens regulares, agregando os seus bens nos da fazenda nacional (adquirindo o cognome de mata frades), parecem ter sido as razões que levaram à sua escolha como patrono da colectividade.

Esta associação conta com várias centenas de associados, repartidos por vários escalões etários e sócio-económicos, subdividindo-se em sócios fundadores, ordinários, extraordinários e de mérito, como podemos verificar através dos estatutos (Anexo IV),

tendo como finalidade prioritária na sua actividade, o propiciar aos sócios em especial e à população da cidade em geral, o acesso e à fruição cultural através do teatro, da alfabetização de adultos, de organização de palestras e conferências, convívios, cafés concertos, exposições, música, jogos, cinema, biblioteca, etc. A Colectividade homenageia todos os sócios pelo seu papel de extrema importância na vida da Colectividade (Anexo III).

Ao longo da sua existência secular, e através de uma intervenção variada, a SOIR Joaquim António D'Aguiar tornou-se um importante centro cultural da cidade de Évora, espaço de formação para muitas gerações de eborenses que nela encontraram o convívio, a festa o baile, a instrução, a leitura, a poesia, a música, a dança, o teatro, o cinema e que, presentemente, assume um papel primordial. *“Houve um tempo - não sei, disseram-me - em que as pessoas se juntavam e, pela alegria simples de querer mudar desde a rua ao mundo, da mente à mentalidade, construíram histórias, amizades, colectividades, grupos, manifestos. Um tempo em que à falta de outras distrações se ia para o grupo cénico ou para o núcleo de alfabetização.”*⁹⁶

Durante todo o período fascista a actividade da Colectividade marcou a diferença no “deserto” e obscurantismo cultural dominantes, sem apoios e reconhecimento das instituições e órgãos de poder de então, que a olhavam e vigiavam com desconfiança e hostilidade. Várias gerações encontraram aqui um espaço solidário, de resistência e de exercício da cidadania que eram tão negados aos portugueses pelo regime ditatorial. *“...esta Sociedade teve sempre do lado de quem trabalha e do lado do progresso, não é em vão que antes do 25 de Abril, nesta Sociedade se organizavam conferências, colóquios, que punham a nu, portanto as actividades e a prepotência do anterior regime”* - C.

Actualmente procura acompanhar as profundas e aceleradas transformações sociais e culturais do nosso tempo sem, no entanto, perder as suas características e objectivos fundamentais como centro de convívio e de formação cultural e cívica, ligado aos vários estratos sociais e etários, com forte incidência nas camadas jovens.

As suas actividades têm um impacto cultural e social que ultrapassa em muito os cerca de seiscentos associados que possui e dos quais cem estão directamente envolvidos na dinamização dos vários projectos amadores que marcam hoje a vida da Colectividade e têm eco na cidade.

⁹⁶ Rui Pina Coelho (2000). As tábuas do Nosso Contentamento. *Revista do Centenário*, p.11.

Pólo de resistência e de iniciativa criadora, às tendências massificadoras da vida cultural e social, a S.O.I.R tem procurado abrir as suas portas a uma cada vez maior procura por parte de grupos e pessoas interessadas em promover novas e diversificadas actividades, apesar de toda esta disponibilidade estar muitas vezes circunscrita pelas carências do espaço.

A instrução, o combate ao analfabetismo e o estímulo de hábitos de leitura foram objectivos fundadores da sociedade. Após o 25 de Abril, e até há algum tempo atrás, funcionaram nas instalações da colectividade e com a colaboração da Direcção Geral de Educação de Adultos (DGEA), cursos de alfabetização de adultos. Segundo o entrevistado C esta Colectividade sempre esteve muito virada para actividades de educação popular “... teatro, o cinema, o núcleo de poesia, que portanto trazemos aqui os grandes autores e declamávamos poemas deles e falávamos à volta de deles de grandes poeta, a própria biblioteca, o nosso centro de informática”.

O núcleo das forças animadas teve, durante a década de oitenta, uma actividade relevante e participou nos festivais de marionetas de Viseu, Santarém e em Évora, na BIME (Bienal Internacional de Marionetas de Évora)⁹⁷.

O Grupo Cénico da S.O.I.R Joaquim António d’ Aguiar é um dos mais antigos grupos de teatro de amadores portugueses em actividade, que tem registado uma acção regular ao longo dos seus anos de existência.

Do seu historial fazem parte a montagem de dezenas de espectáculos de teatro com que o grupo conseguiu grande influência, tais como e por exemplo: “O Prémio Nobel”, “Deus lhe Pague”, “Antígona”, “A Raposa e as Uvas”, “O Grito na Charneca”, “A Forja”, “A Casa de Bernarda Alba”, “A Boda dos Pequenos Burgueses”, “ Abite! Abite! Aqui os de Abite”, “ Marinela” e “ George Dandin”, em Fevereiro de 2010 estrearam a peça “Sonho de uma noite de Verão com encenação de João Bilou.

Com uma actividade constante e arrebatada, o grupo começou, em 1970, a organizar os Festivais de Teatro de Amadores de Évora, por onde têm passado os melhores grupos de amadores e profissionais do país. Este Festival estabeleceu-se como um importante marco no panorama do teatro de amadores em Portugal.

⁹⁷ Revista Alentejo: Arte & Cultura, O Alentejo na cultura portuguesa, pp. 16-20 Out./Nov./Dez. 2009

Não só com produções próprias, o grupo ergueu-se a um plano de prestígio, mas também com colaborações empenhadas em trabalhos produzidos por outras entidades, como o Centro Cultural de Évora ou a Câmara Municipal de Évora, através dos textos “Sem Alterações (as alterações de Évora de 1637)” ou o “Serão Quinhentista”. Dois grandes êxitos que o público acarinhou.

A partir de 1985, no campo das formas animadas, o grupo criou o seu núcleo e, colocando nesta área de trabalho o seu habitual empenhamento e rigor, alcançou relevantes sucessos com os seus espectáculos “Tantas Histórias, Quantas Perguntas” e “Estórias”, nos encontros realizados pelo Instituto da Juventude em Viseu e Santarém.

A Sociedade surge como uma escola que permitiu às várias gerações de eborenses tomar contacto e aprender a amar e compreender o teatro. O grupo cénico da S.O.I.R dinamizou, ao longo da sua existência, centenas de amadores para a prática teatral. Alguns deles desenvolvem hoje a sua actividade profissional em diversas companhias de teatro, como actores e técnicos, onde encontraram nas experiências vividas e na actividade desenvolvida, conhecimentos que contribuiram de modo significativo para a sua promoção sociocultural.

O critério da qualidade preside a cada projecto que planificam. As preocupações de rigor e criatividade vivem permanentemente ligadas à acção. Continuam a investir no futuro. As portas do grupo continuam abertas à juventude que procura, numa troca de experiências e conhecimentos, formar novos actores, mais encenadores e técnicos, fortalecendo assim a estrutura do grupo e a vitalidade do teatro de amadores.

Escolhem criteriosamente os espectáculos que montam, quer para adultos, quer para crianças, procurando fazê-los bem e com eles ganhar público para o teatro.

Além da sua intensa actividade local, o grupo cénico da S.O.I.R é um dos grupos de teatro de amadores que mais itinerância tem realizado no país, quer percorrendo a sua região até aos lugares mais escondidos, quer participando em encontros e festivais, realizando espectáculos de norte a sul do país. ...” *Temos o festival de teatro que também tem a 22ª edição este ano, 21ª, temos um festival de cinema que também já tem repercussões internacionais e que tem uma visibilidade mesmo lá fora e que vai mantendo, marcando um ponto na cultura da cidade que cada vez mais pobre, por outro lado cada vez se torna mais importante este papel da Sociedade - Entrevistado - F”*

O público acorre aos espectáculos e iniciativas, divertem-se e, juntos, saboreiam o prazer de amar o teatro.

O Grupo Cénico da S.O.I.R tem participado também em produções promovidas por outras entidades, nomeadamente pela Câmara Municipal de Évora e pelo CENDREV, assim como se tem deslocado e participado em inúmeros eventos e festivais de teatro de norte a sul do país.

A itinerância é uma das características da acção cultural do grupo e neste contexto integra o programa da Delegação Regional da Secretaria do Estado da Cultura participando num programa transfronteiriço. Desenvolveu também um projecto de âmbito concelhio, teatro nas freguesias, que tem também uma dimensão formativa e de dinamização cultural.

A dimensão lúdica e recreativa é certificada também pela organização de festas, bailes populares.

Com grande interesse e participação têm-se organizado torneios de bilhar, snooker, dominó, damas e xadrez. “... *nós estamos aqui, jogamos um bocadinho de bilhar, realizamos torneios de snooker, de bilhar*” – Entrevistado - E. O bar apesar de pequeno é um espaço de convívio e descontração.

A sociedade dispõe de uma biblioteca rica, criada em 1908. Em 1911 foi inaugurada a Academia dos Estudos Livres onde decorriam aulas de instrução primária, geometria, caligrafia, noções de matemática e desenho. A biblioteca foi formada ao longo das décadas da sua história, a partir de ofertas dos seus sócios e de várias instituições que, durante muito tempo, foi suporte material de uma sala de leitura individual e colectiva ...” *uma biblioteca que tem à volta de mil e tal livros e todos bons escritores, houve muitos sócios que se desenvolveram através disso, que tinham a 4ª classe e através da literatura criaram apoios para se classificarem para outros cursos*”.- Entrevistado - A

No âmbito da formação cultural, a Colectividade promoveu, e promove, ciclos de conferências, palestras e debates sobre diversos temas, das artes plásticas ao cinema, da dança ao teatro, da literatura à música, do associativismo à construção da cidadania, na cultura: criadores, críticos, divulgadores, agentes artísticos, actores, artistas plásticos, entre outros.

A partir de 25 de Abril de 1974 o cinema passou a constituir mais uma actividade regular e marcante da vida da Colectividade. Em 1994 institucionalizou-se o

núcleo, designado Pátio do Cinema, que tem vindo a organizar diversos ciclos e mostras de cinema dedicados ao cinema europeu, ao cinema independente, a realizadores consagrados, à animação, a tipos de cinema e a temas específicos, ao cinema marginal, aos documentários, a extensão de festivais nacionais consagrados e a partir de 1997 a Mostra Transfronteiriça de curtas-metragens. ... *“Nós projectamos cinema, também temos um festival internacional de curtas-metragens de Évora que abarca muita actividade no núcleo do cinema, portanto isso também é muito importante”*. – Entrevistado – B.

Entre as actividades culturais, foi o teatro de amadores que se tornou na imagem de marca da Joaquim António d’ Aguiar, desde 1902 que o grupo cénico tem desenvolvido permanente e intensa actividade ... *“mantêm um grupo de teatro quase em continuidade desde a altura que foi iniciado e continua todos os anos a ter peças, a lançar peças cá para fora e o ano passado lançamos duas, este ano já tivemos uma e estamos já a pensar noutra e a coisa funciona assim”* – Entrevistado - F.

A divulgação das actividades é feita através de panfletos, dos jornais locais como é o caso do “Diário do Sul” e do blogue da Sociedade Joaquim António d’ Aguiar.

A Sociedade Joaquim António d’ Aguiar tal como pudemos constatar através das entrevistas realizadas tem, como planos futuros, estender o património da colectividade, comprando o resto do quarteirão, dar continuidade à cultura, ao teatro e à formação de novos dirigentes.

1.2. Dificuldades e recursos

Uma associação mostra-se pela sua própria essência sociológica, como um cenário onde se verificam relações de força, onde se relacionam e mostram recursos, poderes. Como sugere Capucha referido por Coelho (2005)⁹⁸, subsistindo-se na opinião de Peter Hall (1987): *“Toda a acção social implica a capacidade de mobilizar e utilizar recursos, isto é, implica a existência de atributos, posses ou circunstâncias, materiais e simbólicos, utilizáveis para atingir fins. Os fins a atingir e os meios, legítimos e*

⁹⁸ Coelho, R. (2005) *“ Centro Cénico da Cela – Uma colectividade como tantas... 30 anos de luta por uma educação popular”*. Dissertação apresentada para obtenção do Grau de Mestre em Ciências de Educação – área de Especialização em formação de Adultos. Faculdade de Psicologia e ciências da educação. Universidade de Lisboa (texto policopiado). 2005

ilegítimos (quer dizer, legitimados ou não) que podem e devem ser definidos e mobilizados, obedecem a regras socialmente institucionalizadas. A capacidade de mobilizar recursos e instituir regras constitui o poder. Neste sentido, o poder é inerente a toda a interacção social, é atributo de todo o agente, é o centro da própria noção de acção. Numa palavra, não existem agentes sociais sem poder”.

Por estarmos perante uma realidade social bastante complexa, onde se demonstram relações de poder e de conflito, onde se assumem relações de liderança, muitos são os factores que nela interferem.

A Sociedade Joaquim António D’ Aguiar tem várias parcerias. Antes de 25 de Abril de 1974 contavam só com o apoio da Câmara mas, nos dias de hoje, existem outras cooperações, como é o caso do cineclube da Universidade de Évora, outras associações, Câmara Municipal de Évora, Fundação Eugénio de Almeida, Juntas de Freguesia, embora com pequenos contributos, pois o orçamento para estes apoios não é muito grande.

As estratégias utilizadas para fazer face às mudanças sentidas ao longo dos tempos no nosso país foi, acima de tudo, até ao 25 de Abril *“respeitarem os próprios dirigentes, após o 25 de Abril foi totalmente diferente havia mais liberdade de falar, mais liberdade de reunião. Liberdade de se poder representar sem o medo do lado da censura”* – Entrevistado - A e a *...”emancipação dos seus sócios a todos os níveis, desde os sociais e já agora porque não dizer também políticos”* – Entrevistado - B.

2. A sociedade e a importância do papel da educação popular

Desde o seu início que a S.O.I.R se apresentou como uma escola de operários e para operários, o que levou a que ao longo da sua história centenária, mesmo durante o longo período da ditadura, 1926/1974, participasse e impulsionasse causas que promoviam o debate e mobilizavam o operariado e os cidadãos.

Espaço de lazer e aprendizagem colectivo, desde a sua fundação, que a Colectividade assumiu a defesa das condições de instrução, de educação cívica, das regras de justiça social, e do direito ao exercício da cidadania.

As actividades que estiveram mais voltadas para a educação popular foram o *“teatro, o cinema, o núcleo de poesia, que portanto trazemos aqui os grandes autores e*

declamávamos poemas deles e falávamos à volta de deles de grandes poetas. a própria biblioteca, o nosso centro de informática” – Entrevistado - C.

Ao longo da sua existência secular a Joaquim António D’ Aguiar afirmou-se, no plano cultural, com a realização do seguinte conjunto de eventos: criação em 1902, do Grupo de Teatro (que em 2010 conta com 108 anos de actividade ininterrupta); a criação de uma Biblioteca (1908) e da “Academia dos Estudos Livres” (1911). A realização de importantes Conferências nas décadas de sessenta e setenta; a realização do Festival de Teatro de Amadores de Évora, a partir de 1965 (em Setembro de 2010 terá lugar a sua 22.^a edição).

A partir de 25 de Abril de 1974, a criação dos Núcleos de Alfabetização e de Cinema da SOIR, passando este núcleo a denominar-se Pátio do Cinema, a partir de 1994. O Pátio do Cinema, para além de sessões regulares de cinema de qualidade, começou a organizar, em parceria com o Cineclube da Universidade de Évora, inicialmente a Mostra Transfronteiriça de Curtas-Metragens e depois a partir de 2001: o FIKE – Festival Internacional de Curtas Metragens, (em 2010, realiza a sua 9.^a edição).

Têm existido algumas medidas para a defesa e valorização dos saberes populares que decorreram na Sociedade como foi o caso do projecto “Raízes”. Tratava-se de trazer à Colectividade um conjunto de contadores de histórias que mostravam a riqueza da tradição oral.

Existe uma grande tradição em torno da educação popular como é o caso do teatro de amadores que surge como uma forma sã das pessoas alargarem os seus conhecimentos, Afinal uma forma de auto-promoção.

3. A importância da S.O.I.R em termos de desenvolvimento local: dinâmica, articulação e colaboração com outros agentes

A Sociedade Joaquim António d’ Aguiar tem um grande prestígio na cidade pela organização de espectáculos, festivais e cinema (em parceria com Universidade de Évora). Com estas práticas culturais incute nas pessoas alguma instrução e cultura. No caso do cinema ainda mais, porque a cidade está sem cinema e se há alguma dinâmica neste domínio dentro da cidade, deve-se à Sociedade Joaquim António d’ Aguiar.

A Sociedade Operária de Instrução e Recreio Joaquim António d’ Aguiar teve/tem uma influência grande no desenvolvimento local porque *“passam por aqui um*

conjunto de gerações, de jovens, que vão aqui adquirindo conhecimentos, que vão aqui vivendo vivências e que isso é um acervo importante para a sua formação pessoal e isso também corresponde ao desenvolvimento local. Por outro lado, a Colectividade está sempre aberta a colaborar com todas as entidades, com a Câmara, com as outras instituições de forma a desenvolver actividades que sejam meritórias para a Comunidade e eu penso que isso é uma forma de desenvolvimento local”.... “todos a conhecem, tem uma grande influência e depois é aquilo que a colectividade desenvolve, a organização de espectáculos, festivais e cinema presentemente ligada à Universidade”- Entrevistado - A.

Existem novos projectos e perspectivas para a S.O.I.R, que consistem em *“manter esta actividade enquanto a gente vir chegar aqui os jovens e estes envolverem-se e conseguirem ter uma comunicação, um diálogo com os mais velhos, e é neste diálogo entre gerações e entre vários níveis etários e até sócio – profissionais que se vai consolidando as perspectivas de desenvolvimento cultural e pensar neste projecto é projectar o futuro”- Entrevistado - C.*

Capítulo III - Metodologias

1. Opção metodológica - Estudo de caso

Como menciona Nóvoa (1991),⁹⁹ “(...) *as opções científicas e metodológicas devem pautar-se por critérios de coerências e pertinência em relação ao objecto de estudo e não por uma qualquer decisão apriorística sobre a validade das teorias ou das práticas de investigação (...)*”. Assim, para entendermos e analisarmos o nosso objecto de estudo torna-se necessário fazer as escolhas metodológicas que melhores condições nos propiciem para o conhecimento investigado.

Ao desejarmos compreender e interpretar os métodos e as práticas particulares de uma determinada colectividade, restringidas, por sua vez, a um determinado contexto social e político, estamos perante um objecto que é a própria acção.

Segundo Bogdan e Bilklen (1994)¹⁰⁰ existem características que distinguem uma investigação qualitativa. São elas: “*Na investigação qualitativa a fonte directa de dados é o ambiente natural, constituindo-se o investigador como instrumento principal; A investigação qualitativa é descritiva; Os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva; O significado é de importância vital na abordagem qualitativa*”.

Passemos então a descrever o que é um estudo de caso e algumas das técnicas de recolha de dados que utilizaremos neste estudo.

O estudo de caso consiste na observação detalhada de um contexto, ou indivíduo, de uma única fonte de documentos ou de acontecimentos específicos.

O plano geral do estudo de caso pode ser apresentado como um funil.¹⁰¹ Num estudo qualitativo, o tipo adequado de perguntas nunca é muito específico. Os investigadores querem locais ou pessoas que possam ser objecto do estudo ou fontes de dados e, ao encontrarem aquilo que pensam interessar-lhes, avaliam o interesse do terreno ou das fontes de dados para os seus objectivos. Procuram indícios de como deverão proceder e qual a possibilidade de o estudo se realizar. Começam pela recolha de dados, revelando-os e explorando-os, e vão tomando decisões acerca do objectivo do

⁹⁹ Nóvoa, A. (1991). *As Ciências da Educação e os processos de Mudança*. Lisboa: Ed. Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação

¹⁰⁰ Bogdan, R. & Bilklen, S. (1994) *Investigação Qualitativa em Educação – Uma Introdução à teoria e aos métodos*. Porto Editora. Porto, pp.47-51

¹⁰¹ Idem, pp.89-90.

trabalho. Organizam e distribuem o seu tempo, escolhem as pessoas que irão entrevistar e quais os aspectos a aprofundar. Podem pôr de parte algumas ideias e planos iniciais e desenvolver outros novos. À medida que vão conhecendo melhor o tema em estudo os planos são modificados e as estratégias seleccionadas. Com o tempo acabarão por tomar decisões no que diz respeito aos aspectos específicos do contexto, indivíduos ou fonte de dados a estudar. A recolha de dados e as actividades de pesquisa são orientadas para terrenos, sujeitos, materiais, assuntos e temas.

2. Estratégias e técnicas de investigação

Como refere Costa (1986)¹⁰², neste tipo de estudos a principal ferramenta de pesquisa é o próprio investigador, já que o objectivo é tentar captar a realidade de uma forma mais completa e profunda possível. Por isso mesmo não é incomum que o investigador, para além do uso das técnicas nucleares, como é caso da observação, se prepare e as complete com outras técnicas, como é o caso das entrevistas ou análises de documentos. O investigador é, pois, o instrumento principal, na medida em que os dados são recolhidos no contexto do estudo com o investigador implicado activamente nesse procedimento.

Nas metodologias de tipo qualitativo, como referem Bogdan e Biklen (1994)¹⁰³, o importante são os significados que os agentes cedem a si próprios e às situações que vivem, dando-se prioridade ao processo e menos ao produto.

Dado que neste tipo de estudos o investigador permanece bastante tempo no terreno, Costa (1986) sublinha a importância, no plano das técnicas de pesquisa, de privilegiar a informalidade. Na opinião deste autor as situações rotineiras, os acontecimentos ocasionais ou a conversa informal acabam por ser técnicas nucleares neste tipo de pesquisa. Contudo, esta informalidade pressupõe um processo de acordo mútuo, também referenciado por Bogdan e Bilken (1994), quando atestam que o papel do investigador no trabalho de campo deve ser empático e ponderado.

¹⁰² Costa, A. F. (1986). "A pesquisa do terreno em sociologia". In: Santos Silva, A. E Pinto, J. M. (1986). Metodologia das Ciências Sociais. Porto: Edições Afrontamento, 6ª Ed., pp.129-148

¹⁰³ Bogdan, R. & Biklen, S. *Ob., cit.*, 1994.

Esta parte específica da estratégia metodológica, que consiste em confrontar o investigador como principal instrumento da pesquisa de campo, não é uma questão serena e torna-se até complicada. O problema da subjectividade e da intervenção do investigador, quer na recolha, quer na análise dos dados, pretende uma atenção especial, e na opinião de Costa (1986),¹⁰⁴ *“a questão não está, pois, em supostamente evitar a interferência mas em tê-la em consideração, controlá-la e objectivá-la, tanto quanto isto for possível”*.

Propomo-nos efectuar uma investigação em que a opção metodológica pelo estudo de caso se coloca face à natureza do objecto, e onde o processo de recolha de dados resulta, em grande parte, da interactividade entre o investigador e os actores locais. Desta forma, evocando a uma variedade de informações fornecidas por vários informantes e técnicas, o investigador pode reedificar, de forma sistemática e detalhada, *“as características das variáveis e dos fenómenos com o fim de gerar e aperfeiçoar esquemas e categorias conceptuais, descobrir e validar associações entre fenómenos.”* (Goetz e Lecompte (1988), citados por Rodrigues 2002).¹⁰⁵ Também segundo Costa¹⁰⁶, *“os actos de pesquisa podem reunir-se em 4 etapas: planificação da pesquisa; recolha de informação; registo da informação; análise da informação”*.

É a partir das técnicas de recolha de dados que se adquirem informações pertinentes, susceptíveis de serem analisadas. Por isso recorremos a alguns instrumentos com o intuito de obter a informação empírica que serve de base a este estudo tais como: observação, análise de conteúdos, pesquisa bibliográfica e entrevistas.

A análise de conteúdo reflecte sobre documentos relativos a um local ou a uma situação. Corresponde, do ponto de vista técnico, a uma observação de artefactos escritos. Os documentos são fontes de dados para o investigador. A sua análise origina um conjunto de modificações, operações e confirmações realizadas a partir dos mesmos, com o objectivo de se lhes ser atribuído um significado relevante em relação a um problema de investigação.

¹⁰⁴ Costa, *Ob.cit.*, 1986.

¹⁰⁵ Rodrigues, F.S.A. (2002) *“O projecto educativo local do concelho da Golegã (1993-1999)”*. Dissertação apresentada para obtenção do Grau de Mestre em Ciências da Educação – Área de Formação de Adultos. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa (texto policopiado), p.134.

¹⁰⁶ Costa, *Ob.cit.*, 1986.

O lugar ocupado pela análise de conteúdo na investigação social é cada vez maior, nomeadamente porque consagra a possibilidade de tratar de forma metódica informações e testemunhos que apresentam um certo grau de profundidade e de complexidade, como por exemplo, os relatórios de entrevistas pouco directivas. Melhor do que qualquer outro método de trabalho, a análise de conteúdo permite satisfazer harmoniosamente as exigências do rigor metodológico e da profundidade inventiva que nem sempre são facilmente conciliáveis.

A análise de conteúdo é feita fundamentalmente sobre uma avaliação das actas, jornais, blogues, planos e relatórios de actividades, desenvolvidos na Sociedade.

A pesquisa bibliográfica trata-se do levantamento de toda a bibliografia já publicada em forma de livros, revistas, publicações. A sua finalidade é colocar o investigador em contacto directo com tudo aquilo que foi escrito sobre determinado assunto, com o objectivo de permitir ao pesquisador o reforço paralelo na análise das suas pesquisas ou manipulação das suas informações.

A pesquisa bibliográfica aqui utilizada como um instrumento de obtenção de informação precisa sobre o nosso quadro conceptual.

As entrevistas suscitaram uma parte substancial da informação que considerámos fundamental para tratar as questões orientadoras formuladas, sobretudo, porque foram dirigidos a dirigentes actuais e antigos, sócios.

2.1. O processo de recolha de informação

No caso concreto do nosso estudo, que abrange o período de vida da associação S.O.I.R, antes e depois de 25 de Abril de 1974, e uma vez que a opção foi no sentido de uma investigação de perspectiva histórica, a etapa dedicada à recolha de informação iniciou-se pelas técnicas nucleares como a observação, quer de pessoas, de actividades, como foi o caso de peças teatrais, assim como de documentos existentes (relatórios e planos de actividades, actas, jornais, estatutos, ofícios) considerados importantes.

A relativa proximidade da investigadora com a realidade em estudo mostrou-se um factor facilitador e rentabilizador no que respeita à aquisição de informações e consulta de materiais existentes. Das conversas e contactos que se sucederam foi possível perceber a total disponibilidade manifestada, tendo o estudo em causa sido recebido e entendido pelos diversos actores como uma forma de valorização e

reconhecimento do trabalho associativo desenvolvido, assim como uma forma de avaliar o trabalho.

2.1.1. Informação documental

Como refere Saint-Georges (1997)¹⁰⁷ “*não existe investigação sem documentação*”, mas a documentação pode compreender realidades muito variadas.

Bardin (1997)¹⁰⁸ faz uma primeira abordagem que denomina de pré-análise. Face ao vasto número de documentos existentes procurou-se efectuar um primeiro estudo variável, com o objectivo de tornar operacionais e sistematizar as ideias iniciais, de modo a seguir-se um esquema mais preciso de escolha dos documentos a serem submetidos à análise e interpretação final. Uma perspectiva histórica, como a que nos apontámos abarcar, traz consigo uma complexidade, quer da própria realidade social, quer do ponto de vista da quantidade de possíveis fontes de informação que se foram aglomerando ao longo dos anos de existência da Sociedade.

Este processo teve como objectivo reunir todas as informações úteis para a reconstrução da história de vida da própria Sociedade e conferir outras que não se mostraram relevantes, face ao objecto de estudo, à problemática e questões orientadoras.

Nesta fase exploratória pretendia-se, então, escolher o universo de documentos susceptíveis de fornecer informações que permitissem descrever a S.O.I.R nos vários momentos da sua existência, reconstruindo a sua história. Este reencontro com o passado facilitou a análise e compreensão dos objectivos sociais, políticos e educativos que orientaram todo o processo da pesquisa. Ao mesmo tempo, possibilitou, também, analisar os principais factores facilitadores e de resistência à implementação e crescimento da Sociedade, que permitiram compreender o modo como os actores implicados na Associação se adequaram ao processo de construção e desenvolvimento da Colectividade. Ao mesmo tempo, evocando essa história, observa-se o modo como a S.O.I.R se articula e coopera com os vários parceiros locais, avaliando a sua

¹⁰⁷ Saint-Georges, P. (1997). “Pesquisa e crítica das fontes de documentação nos domínios, económico, social e político”. In: Albarello, L. et al. (1997). Métodos de Investigação em Ciências Sociais. Lisboa: Gradiva Publicações, p. 15

¹⁰⁸ Bardin, L. (1977). Análise de Conteúdo. Lisboa: Edições 70

importância em termos de desenvolvimento local, de associativismo e da educação popular.

Assim sendo, confirmaram-se como principais fontes de informação:

. Fontes escritas oficiais e privadas (documentos emitidos ou recebidos pela S.O.I.R).

. Fontes escritas não oficiais (trabalhos monográfico realizado sobre a S.O.I.R, revistas, jornais).

. Pontos de vista dos actores envolvidos no processo de criação e desenvolvimento da S.O.I.R e cuja visão retrospectiva e analítica se procurou captar através de contactos informais e de entrevistas semi-estruturadas.

2.1.2. Entrevistas

A entrevista, como arte e técnica, é uma forma de interacção com o entrevistado, em que se consegue revelar as suas opiniões, tentando que o faça com sinceridade e de uma forma natural. O entrevistador deverá saber introduzir as perguntas no momento adequado, facto que se aprende e se treina, dado que está subjacente a possíveis qualidades inerentes que fazem de algumas pessoas bons entrevistadores. Uma planificação e exercitação de habilidades que contribuem para o seu sucesso.

No seguimento de alguns dos objectivos definidos para este estudo e uma vez que, nesta fase de recolha de informação, se pretendia, em simultâneo, reconstruir a história da Sociedade, assim como compreender o modo como os actores implicados se apropriaram do processo e que significados lhe atribuem, optou-se por incluir a técnica da entrevista (semi-estruturada).

Pode-se dizer que esta abordagem de natureza qualitativa e compreensiva valoriza em especial o ponto de vista dos actores, até porque a Sociedade em si mesma é uma estrutura social, com regras colectivas e o seu conhecimento aprofundado não pode ser revelado a não ser através dos sujeitos, segundo Bertaux, citado por Cavaco, (2001)¹⁰⁹. Segundo o mesmo autor, com as entrevistas pretende-se extrair experiências daqueles que vivem uma parte da sua vida no interior de determinados objectos sociais,

¹⁰⁹ Cavaco, C.J.D. (2001) Processo de Formação de Adultos Não Escolarizados – “*A Educação Informal e a Formação Experiencial*”. Dissertação apresentada para obtenção do Grau de Mestre em Ciências da Educação – Área de Formação de Adultos. Faculdade de Psicologia e Ciências de Educação da Universidade de Lisboa(texto policopiado).

o que lhes permite reunir informações e descrições que, depois de analisadas, ajudam o investigador a compreender o funcionamento e as dinâmicas dessa mesma estrutura social.

Para Bertaux, referido por Cavaco (2001),¹¹⁰ os testemunhos de vida dos actores locais que, neste caso, participam num determinado processo, não têm como objectivo captar a interioridade dos sujeitos, mas sim aquilo em que as suas experiências pessoais e colectivas se articulam com os saberes práticos e os contextos sócio-históricos nos quais se inserem.

Neste estudo foram utilizados cinco guiões de entrevistas diferentes para destinatários também diferentes. Três apresentados a sócios das mais diferentes gerações e mais dois guiões apresentados a dirigentes actuais e antigos, dependendo do cargo exercido antes ou após 25 de Abril de 1974.

Optámos por entrevistar aqueles que, pelo seu envolvimento na Sociedade, se encontram ou encontraram num determinado período de tempo envolvidos na sua gestão e na dinamização das suas actividades e que nos vão proporcionar o olhar histórico. Foram seleccionados seis actores, número que nos parece satisfatório, que de forma mais ou menos activa tiveram um papel significativo na fundação/desenvolvimento da S.O.I.R.

Com a realização das entrevistas visámos os seguintes objectivos: compreender as lógicas, objectivos e motivações que estiveram subjacentes à criação e desenvolvimento da Colectividade; perceber também quais as dificuldades sentidas em todo este processo de criação da S.O.I.R, bem como das vividas ao longo de todos estes anos; perceber quais são os factores facilitadores neste processo e que parcerias existem com outras instituições e com outros parceiros locais; compreender a importância das actividades de carácter educativo, lúdico, cultural e desportivo na instituição de hoje; indagar qual a avaliação que é feita sobre a forma de financiamento das associações; indagar qual a avaliação que fazem actualmente do projecto grandioso que se tornou a S.O.I.R e que outros projectos e perspectivas futuras se equacionam; conhecer as opiniões dos actores locais no contributo da S.O.I.R para o desenvolvimento local.

¹¹⁰ Cavaco, C.J.D., *Ob., cit.*, 2001.

2.2. Registo, análise e apresentação da informação

A recolha de dados efectuada através das diferentes técnicas referenciadas atendeu a um projecto que, por sua vez, foi delimitado pela problemática teórica subjacente ao estudo. Se, por um lado, havia um conjunto de objectivos definidos antecipadamente e que serviam para uma fase de orientação e organização inicial, por outro lado foram, também, tomadas em consideração informações obtidas na fase inicial da recolha de dados.

Seguiu-se então a fase de selecção dos documentos e constituição de um plano passível de ser submetido aos procedimentos analíticos. Foi organizado algum material que nos permitiria a elaboração da caracterização da Colectividade no que se refere à sua evolução ao longo dos tempos, actividades, sócios e respectivos corpos dirigentes.

Surge então a selecção de toda a informação de natureza documental que nos pareceu pertinente e adequada ao objectivo do estudo nos dois momentos, antes e depois de 25 de Abril de 1974, e que pretendem mostrar o retrato da Colectividade em cada uma das décadas, desde a sua fundação até à actualidade.

Todo este processo de pré-análise facilitou, não só a construção do próprio guião da entrevista, fornecendo pistas para o diálogo com os entrevistados, como também a escolha de algum destes entrevistados como informantes privilegiados em todo este processo (Anexo I).

Logo no decorrer da 1ª fase de leitura e pré análise do material existente, e que nos poderia ser útil na reconstrução da vida da Colectividade, foram sendo recolhidos planos de actividades e/ou relatórios de actividades, uma vez que nos pareceram conter indícios importantes a ter em conta na futura investigação das dinâmicas da Sociedade ao longo dos seus anos de existência (Anexo V). O relatório de actividades consiste na descrição de todas as actividades realizadas ao longo do ano, divulgação feita, parcerias e apoios financeiros alcançados, espectáculos, participantes, grupo de teatro de amadores que ao longo dos anos tem tido uma atribuição preponderante na vida da colectividade, obras realizadas, intercâmbios e convívios organizados com outros grupos de amadores e profissionais de teatro tais como: Ajidanha, Bonifrates, Cendrev, do Imaginário, Loucomotiva – teatro de Taveiro, Teatro Artimanha, Teatro do Mar, Ultimacto – Cem soldos, cinema, actividades de recreio na sala de convívio, homenagens realizadas, como foi o caso do grande impulsionador do grupo de teatro,

Manuel Américo Peres, ao antigo dirigente António Justo Pires (o qual tivemos o prazer de entrevistar), comemoração de dias, como é o caso do 25 de Abril e 1 de Maio, que tem um papel marcante no desenvolvimento da Colectividade e o mês do teatro. Constatámos também que, ao longo dos anos, a Sociedade foi obtendo mais apoios. No que diz respeito ao plano de actividades, este consiste na descrição das actividades nas suas várias vertentes que se pretende desenvolver ao longo de um ano.

A recolha de actas, antes e após o 25 de Abril, pareceu-nos conter informação pertinente (Anexo III). Pudemos constatar, através do conteúdo das actas, que estas referem a planificação de actividades, a maior parte delas reforçando o papel da educação popular, factos ocorridos nessas mesmas actividades e obras a desenvolver para melhorar o bom funcionamento da colectividade.

As práticas desenvolvidas pela Colectividade, ou Sociedade, na repressão e na liberdade mantêm a mesma vertente ao longo dos anos: cultural, recreativa, educativa e social. Essas actividades consistem na representação de peças do grupo de teatro de amadores, organização de colóquios, conferências, intercâmbios, sessões de leitura, concertos, bailes, angariar fundos financeiros, cinema. A SOIR continua com música, teatro, cinema, para que também a cultura sirva de motor à transformação de uma sociedade. Em suma, a Colectividade sempre trabalhou para contribuir para o desenvolvimento local através das suas práticas.

Os estatutos de uma Associação /Sociedade são as bases existenciais de qualquer instituição. Através deles sabemos quais os objectivos e as linhas orientadoras pelos quais estes grupos se regulam e entendemos os fins a que se destinam. Podemos constatar que os objectivos que a Colectividade se propunha atingir desde a sua fundação encontram-se ligados a questões sociais. Se analisarmos os objectivos consignados nos estatutos verificamos que estes são intemporais, ainda hoje considerados de crucial importância para as populações. Tendo como base o bem-estar das populações, houve necessidade da S.O.I.R. se adaptar às realidades socioculturais actuais. As preocupações já não são as mesmas, contudo os problemas sociais ainda hoje persistem. Ainda existe diferença de direitos e de oportunidades. A grelha de análise encontra-se no Anexo IV.

O blogue feito pela Sociedade Joaquim António d' Aguiar também foi alvo de análise. Podemos pesquisar através do link <http://soirjaa.wordpress.com>, criado em 2008, as respectivas categorias: cinema, colectividade, digressão, direcção, música,

peças em cena, teatro. Recebemos informação das actividades desenvolvidas ao longo dos meses, com a respectiva reportagem fotográfica realizada ao longo das intervenções. Também existe acesso directo aos blogues de alguns grupos de teatro com os quais a S.O.I.R tem mantido intercâmbios. Mais uma vez podemos constatar o peso do teatro e do cinema no desenvolvimento da Colectividade e consequentemente nas dinâmicas da cidade de Évora.

Através da análise a ofícios pudemos verificar que a Colectividade faz questão de homenagear todos os sócios pelo seu papel, de extrema importância, na vida da colectividade.

Quer a documentação seleccionada, quer as transcrições das entrevistas, foram várias vezes lidas, de modo a captar as ideias principais, tendo em vista o estabelecimento de algumas conexões entre dados e possíveis eixos de análise.

Passemos então à análise das várias entrevistas realizadas, quer a dirigentes (antigos e actuais), quer a sócios.

Através da análise e interpretação da entrevista realizada ao Sr. António Justo (Anexo I- Entrevistado A) podemos constatar que fez parte do corpo dirigente desde os 20 anos como “segundo vogal da direcção” onde era “o responsável pela biblioteca”. Alguns anos depois teve lugar como secretário, primeiro vogal e mais tarde como Presidente. “Depois fui para Presidente da Assembleia Geral onde estive à volta de 6 anos”.

O Sr. António relata que a Sociedade “foi fundada em 1900 por cinco pessoas, que criaram a Colectividade com o intuito de fomentar cultura nos associados. “Nesta Sociedade houve uma tuna, uma escola, para ensinar as pessoas que não sabiam ler e outro tipo de actividades como palestras de bi-cariz com grandes figuras cientistas”. “Os antigos estatutos tinham como segurança o bem-estar da Colectividade, o bem estar dos associados e o seu desenvolvimento cultural”. O entrevistado menciona algumas actividades que decorriam na Colectividade “faziam-se espectáculos teatrais, bailes de Carnaval, (as três noites de Carnaval) o Baile da Pinha, o Baile do Livro”. Segundo o antigo dirigente existiam comissões organizativas desses bailes que eram de cariz cultural e muito alegres. Acrescenta também que em 1965 a Colectividade “pensou em ser organizadora de um festival de teatro amador, único em Portugal. Presentemente estamos no 28º ou 29º festival.”

Segundo o entrevistado, as estratégias utilizadas para fazer face às mudanças sentidas ao longo dos tempos no nosso país foram, acima de tudo, até ao 25 de Abril, *“respeitarem os próprios dirigentes. Após o 25 de Abril foi totalmente diferente, havia mais liberdade de falar, mais liberdade de reunião. Liberdade de se poder representar sem o medo do lado da censura”*.

No que diz respeito aos apoios e parcerias o Sr. António refere que antes do 25 de Abril só tinham o apoio da Câmara. Após esta data existem muitos outros, onde se mantêm o apoio já mencionado da Câmara Municipal de Évora, acrescentando a cooperação do Governo Civil, Fundação Eugénio de Almeida e as juntas de freguesia urbanas e da periferia.

Considera que a principal razão pela qual uma Colectividade, como a Joaquim António d’Aguiar, se mantêm numa cidade que é património mundial, deve-se ao facto *“de ter uma quota muito baixa”*. Das várias actividades desenvolvidas pela associação ao longo da sua existência, a que teve maior impacto, segundo o entrevistado, *“foram todas as que acusavam o desenvolvimento da cultura e o ensinamento dos associados”*.

A importância atribuída às actividades de carácter lúdico, cultural, educativo e desportivo deve-se às *“pessoas com um sentido anti-político que na época serviam a Colectividade, dando nome à cidade de Évora, cujo desenvolvimento, através das suas organizações culturais e do teatro, era relevante”*.

No que diz respeito às tradições de educação popular que existiram, lembra que existe na Colectividade *“uma biblioteca que tem à volta de mil e tal livros e todos de bons escritores. Houve muitos sócios que se desenvolveram através disso. Tinham a 4ª classe e, através da literatura, criaram apoios para se classificarem para outros cursos”*. Pensa que a *“base da educação popular foi o teatro, todas as palestras com grandes figuras da literatura a falarem e as salas sempre cheias. O próprio convívio dos bailes, que era um evento de desenvolvimento cultural, servia também como espaço de formação, onde as pessoas criavam faculdades na expressão oral e na compreensão das palestras que existiam na colectividade. O teatro foi uma influência muito grande. O grupo cénico foi criado já há 105 anos”*.

Segundo o Sr. António, dentro da Colectividade têm existido algumas medidas para a defesa e valorização dos saberes populares, como é o caso da criação de novos quadros *“por exemplo eu já sou um velho, temos lá rapaziada nova como dirigentes, rapazes com 23, 24, 25 anos. Isso é uma criatividade, é para dar um impulso a esses*

novos para que possam seguir aquilo que os velhos deixaram, e acima de tudo para não se perder a colectividade. A colectividade tem mesmo de se manter preservada e ela está conhecida através do país, ela está bastante reconhecida”. No seu entender, a prática de educação popular no movimento associativo prende-se com tudo o que diga respeito à cultura. Considera que pode existir uma “pequena diferença” em relação ao papel da educação popular no decorrer dos tempos “mas é só no sentido do movimento associativo ser mais influenciado do que era antigamente”.

Para finalizar, este nosso entrevistado pensa que a Sociedade Operária de Instrução e Recreio Joaquim António d’ Aguiar teve uma influência grande no desenvolvimento local porque *“todos a conhecem, tem uma grande influência e depois é aquilo que a colectividade desenvolve, a organização de espectáculos, festivais e cinema presentemente ligada à Universidade”.*

O Sr. Gilberto Costelas (Anexo I- Entrevistado B) tem 64 anos entrou para a Sociedade em 1972 ou seja, quando tinha 27 anos. Veio *“pela mão de um companheiro que infelizmente já se foi, foi um dos grandes operários do teatro aqui desta casa, foi o Sr. Manuel Américo Perez. Em 73 fiz-me sócio da colectividade e em 1974 fui eleito secretário, fui tesoureiro muitos anos e depois saí e actualmente faço parte do conselho fiscal”.*

O Sr. Gilberto descreve como surgiu a Colectividade em 1900. Esta Sociedade foi promovida por *“um grupo de operários que já fazia parte de uma outra sociedade, que era a Sociedade Harmonia que foi feita não só para operários mas sim para todos. Só que os operários começaram a ser excluídos e esse grupo de operários entenderam por bem sair da Sociedade Harmonia e formar ela própria um grupo porque, inicialmente, a Sociedade chamava-se Grupo. A partir daí fizeram os estatutos, claro e o fundamental. O que eles queriam era ter uma tuna. Por acaso tocavam muito bem vários instrumentos e também porque queriam, digamos, emancipar-se em vários aspectos, portanto, políticos ou sociais dos seus colegas operários, porque em princípio a sociedade era mesmo operária, só constituída por sócios operários”.*

Segundo o entrevistado, existiram algumas estratégias utilizadas de forma a Sociedade fazer face às mudanças que ocorriam no país, *“inicialmente era importante para esta Colectividade ter uma tuna e uma orquestra de canto e de música, assim como era importante a criação de uma escola de adultos para a formação das pessoas. É evidente que isso intrigou a classe política, porque umas coisas que o antigo governo*

daquele tempo, se calhar hoje também em parte, o que não quer é a emancipação da classe operária no aspecto de adquirirem conhecimentos e isso, claro, marcou desde logo a Sociedade que ao longo dos tempos, apesar de todas essas coisas, todas essas limitações, tem tentado, e julgo que tem contribuído para a emancipação dos seus sócios a todos os níveis, desde os sociais e já agora porque não dizer também políticos”.

No que diz respeito aos apoios e parcerias o Sr. Gilberto refere que antes do 25 de Abril o apoio era fundamentalmente da Câmara *“para os festivais de teatro e também já davam o subsídio, embora muito pequeno, para o seu funcionamento. Hoje temos muito mais apoios até do poder local, a nível de freguesias. Hoje todas as freguesias gostam de apoiar a Joaquim António. Depois há outras instituições hoje, que não havia naquele tempo. A Fundação Eugénio de Almeida que também nos concede subsídios a troco de divulgação nos cartazes. Isso também convém para o bom nome da instituição. E a Câmara continua a da, quando fazemos peças de teatro. Normalmente a Câmara apoia, além do apoio sempre anual. Naquele tempo o jornal, que é hoje o “diário do sul”, que era na altura o “jornal de Évora”, e mais o “notícias de Évora” e o “democracia” digamos que, como tinham medo da acção política do regime de então, não publicavam as nossas iniciativas”.*

Este nosso entrevistado entende que a principal razão pela qual uma Colectividade, como a Joaquim António d’Aguiar, se mantêm numa cidade que é património mundial, deve-se ao facto de ser uma *“Sociedade, digamos, de índole cultural, dentro da cidade, intra-muros, inter-muralhas. Não há outra”.* Das várias actividades desenvolvidas pela Associação ao longo da sua existência, a que teve maior impacto, segundo o entrevistado, foi e *“continua a ser os festivais de teatro de amadores, que ainda hoje persiste ao final de 40 anos”.*

A importância atribuída às actividades de carácter lúdico, cultural, educativo e desportivo, o Sr. Gilberto indica várias actividades, *“tivemos ao longo dos anos, que se saiba, uma tuna. Como disse, havia aulas de educação de adultos, de instrução. Sei que mais tarde também tiveram um orfeão, depois um grupo coral de 3ª idade, um grupo coral tipo gregoriano, isso já foi do meu tempo, e o grupo coral de 3ª idade, assim como o cinema. Nós projectamos cinema, também temos um festival internacional de curtas-metragens de Évora que abarca muita actividade no núcleo do cinema, portanto isso também é muito importante”.*

No que diz respeito às tradições de educação popular, que existiram, recorda que na Colectividade durante muitos anos decorreram aulas para adultos. Pensa que a actividade que esteve mais voltada para a educação popular foi a alfabetização para adultos. Segundo o Sr. Gilberto, dentro da Colectividade têm existido algumas medidas para a defesa e valorização dos saberes populares. Antigamente, existiam *“professores qualificados para instruir as pessoas, portanto, os que vinham aprender, aprenderam. Isso foi importante nessa altura, por volta de 1950/1960, porque era o tal período de obscurantismo. Era aquilo que interessava à classe dominante e inclusive política. O teatro também é uma maneira de educação popular”*.

No seu entender a prática de educação popular no movimento associativo prende-se *“com a tentativa dos seus sócios, e a população em geral, terem acesso à cultura.”* Em relação ao papel da educação popular no decorrer dos tempos relembra que antigamente existiam *“folhetos políticos que eram escondidos em vários sítios, mas aqui a casa não sei se fazia isso. Sei que, mesmo assim, eram lidos por camadas, também populares, para terem conhecimento. Lembro-me que o meu pai que de vez em quando se juntava com uns quantos de amigos e liam prospectos de acção política Aqui na Sociedade, que sempre foi aberta para toda a gente, como já disse, para enfim consultarem aquilo que quisessem e usufruírem especialmente de peças de teatro, cinema e também, como disse, de espectáculos”*. Pensa que a Sociedade Operária de Instrução e Recreio Joaquim António d’ Aguiar teve uma influência grande no desenvolvimento local porque incutiu *“nas pessoas alguma instrução e cultura.”*

Analisando a última entrevista feita a um actual dirigente, podemos atestar que o Sr. João Bilou (Anexo I- Entrevistado- C), tem 59 anos, entrou para a Sociedade em 69, *“com 19 anos vim fazer teatro, aqui no grupo de teatro, porque esta Colectividade inicialmente foi fundada à volta da música mas logo, muito rapidamente em 1902 foi montado um grupo cénico. Inicialmente era para fazer espectáculos de teatro que dessem receita para comprar instrumentos para a tuna, mas depois a tuna acabou em 1920 por cessar as funções e o teatro continuou até aos dias de hoje. Temos registo em que é quase, desde 1902 até aos dias de hoje, todos os anos foi montada uma peça, ou ano sim ano não, mas sempre nesta casa houve espectáculos de teatro, todos os anos pelo próprio grupo da Colectividade. Já tive vários lugares nos corpos directivos, já fiz parte da mesa da Assembleia Geral e da direcção não como Presidente, também já tive como secretário, como vogal, já tive outras funções”*.

O Sr. João expõe como surgiu a Colectividade em 1900: Esta colectividade “foi criada acima de tudo como uma colectividade de instrução e recreio, foi inicialmente uma tuna musical, depois daí decidiram formar um grupo associativo com essa tuna. Daí passaram em 1909 para a Sociedade de Instrução e Recreio Joaquim António d’ Aguiar, portanto ao fim ao cabo, os grandes objectivos foram os objectivos culturais, evidentemente que estávamos em 1900, que se estava em véspera da Implantação da República e estes jovens, eram jovens progressistas e Republicanos, embora não seja uma Colectividade formada com fins eminentemente políticos, foi mais em termos culturais. Mas, como geralmente a cultura nunca está dissociada também da questão política no sentido de ser do progresso, no sentido do ser para o desenvolvimento e contra o obscurantismo”.

Segundo o entrevistado, existiram algumas estratégias utilizadas para a Sociedade fazer face às mudanças que tem ocorrido no país, “esta Sociedade teve sempre do lado de quem trabalha e do lado do progresso, não é em vão que antes do 25 de Abril nesta Sociedade se organizavam conferências, colóquios, que punham a nu, portanto, as actividades e a prepotência do anterior regime”.

No que diz respeito aos apoios e parcerias, o Sr. João refere que existem vários apoios, “temos com o cineclube da Universidade de Évora, temos parcerias com outras associações, temos apoio da Câmara, da Fundação Eugénio de Almeida, das Juntas de Freguesia, estamos abertos a várias instituições e colaboramos com todas elas e com as associações congéneres”. Considera que a principal razão pela qual uma Colectividade como a Joaquim António d’Aguiar se mantém numa cidade que é património mundial deve-se ao facto de esta Colectividade “zelar pela cultura e pensamos que pela nossa actividade, pelo que temos feito à volta do teatro e da cultura também ajudámos um pouco esta cidade a ser classificada Património da Humanidade”. Das várias actividades desenvolvidas pela associação ao longo da sua existência, a que teve maior impacto, segundo o entrevistado, é o teatro

A importância atribuída às actividades de carácter lúdico, cultural, educativo e desportivo, o Sr. João mencionou que, no aspecto lúdico e cultural e educativo, é de toda a importância através da Biblioteca, “do núcleo de informática que trabalha no sentido de combater a infoexclusão, ainda há poucos anos estávamos aqui a fazer aulas de alfabetização para alfabetizar pessoas, portanto analfabetos, também tivemos essa preocupação. O cinema. Nós hoje somos os responsáveis pelo cinema que se passa em

Évora, porque inclusivamente acabou o circuito comercial dos Alfas e estamos nós no auditório Soror Mariana a assegurar as projecções de cinema da cidade da dimensão de Évora”.

Afirma que existe uma grande tradição em torno da educação popular, “o próprio teatro é uma forma das pessoas alargarem os seus conhecimentos, na medida em que se estuda um autor, se estuda um momento histórico em que a peça acontece, se reúnem um conjunto de dados para se poderem interpretar o papel ou poder fazer uma encenação, é uma forma de auto-promoção, de promoção de conhecimentos e de se ser em termos didácticos, portanto um auto-didacta que vai adquirindo mais conhecimentos e vai tendo outras capacidades em termos culturais”.

Pensa que as actividades que estiveram mais voltadas para a educação popular é o “teatro, o cinema, o núcleo de poesia, que portanto trazemos aqui os grandes autores e declamávamos poemas deles e falávamos à volta de deles de grandes poetas. a própria biblioteca, o nosso centro de informática”.

Segundo o Sr. João, dentro da Colectividade têm existido algumas medidas para a defesa e valorização dos saberes populares, como foi o caso do “projecto “Raízes do som”, onde nós próprios trazíamos aqui contadores de histórias e ainda este ano temos, no nosso plano de actividades, desenvolver uma coisa em torno dos contos do Amaral da Fonseca e de trazer aqui um conjunto de contadores de histórias que nos tragam a riqueza da tradição oral popular”. No seu entender a prática de educação popular no movimento associativo, é “uma prática onde as pessoas aprendem fazendo, fazendo permutas de saber uns com os outros, um sabe numa determinada área dá esses conhecimentos a outro e os outros da área que dominam dão aos outros”.

Em relação ao papel da educação popular no decorrer dos tempos relembra que “no princípio da República foi-lhe dado muito mais importância, hoje com a massificação, com a televisão, com um conjunto de coisas e com o desinteresse que existe às vezes da parte dos poderes constituídos, a educação popular está a ser relegada um bocadinho para segundo plano, mas ela ainda hoje tem bastante força, porque há um conjunto de animadores benévolos que continuam com muita força a tentar que ela vá para a frente e eu estou convencido que vá vencer esta batalha”.

Pensa que a Sociedade Operária de Instrução e Recreio Joaquim António d’ Aguiar teve uma influência grande no desenvolvimento local, porque “passam por aqui um conjunto de gerações, de jovens, que vão aqui adquirindo conhecimentos, que vão

aqui vivendo vivências e que isso é um acervo importante para a sua formação pessoal e isso também corresponde ao desenvolvimento local. Por outro lado, a Colectividade está sempre aberta a colaborar com todas as entidades, com a Câmara, com as outras instituições de forma a desenvolver actividades que sejam meritorias para a Comunidade e eu penso que isso é uma forma de desenvolvimento local”. Existem novos projectos e perspectivas para a S.O.I.R, que para o depoente consiste em “manter esta actividade enquanto a gente vir chegar aqui os jovens e os jovens envolverem-se e conseguirem ter uma comunicação, um diálogo com os mais velhos, e é neste diálogo entre gerações e entre vários níveis etários e até sócio – profissionais que se vai consolidando as perspectivas de desenvolvimento cultural e pensar neste projecto é projectar o futuro.”

No que diz respeito às entrevistas realizadas a sócios das mais diversas gerações podemos atestar que o Sr. Francisco Mira (Anexo I- 1ª Geração) tem 80 anos, entrou como sócio há volta de 40 anos, entrou para a Sociedade antes de 25 de Abril de 1974, foi secretário, tesoureiro, vogal, pertenceu à Assembleia Geral. A partir de 82 é que não teve mais cargo nenhum. Para o Sr. Mira as perspectivas futuras da Sociedade consistem na “*continuidade da cultura, do teatro, a formação de novos dirigentes, mais novos, a continuidade da Colectividade*”. Colaborou na direcção e na manutenção da Sociedade.

Este nosso entrevistado considera que a Sociedade têm influências em termos locais porque um dos principais alicerces desta casa “*é para que houvesse mais pessoas com emprego, mais trabalho*”. “*Sendo uma Sociedade Centenária em que em que a cultura, o pensar no dia de amanhã, sempre, a continuidade do bom para a gente*” é a importância dada ao papel da S.O.I.R no contexto das dinâmicas da cidade de Évora.

Segundo o depoente existe um significado pessoal atribuído ao envolvimento numa associação deste tipo que consiste em “*disciplinar as pessoas, responsabilizá-las em todos os aspectos, até na maneira de estar, na maneira de progredir*”. Encara o associativismo e a participação activa em colectividade como espaços de intervenção.

Para o Sr. Mira, a participação na Sociedade reflectiu-se nas esferas pessoais e profissionais através “*das boas relações com as pessoas, a nível profissional também teve muita influência o dialogar, trocar impressões é fundamental*”. Refere que existem contactos e relações que se criam neste ambiente e se reflectem na vida pessoal, como é

o exemplo de, no feriado do 1º de Maio, irá trabalhar para o *“Jardim a assar farinheiras e linguças, porque é o dia do trabalhador”*.

O Sr. António Laurentino (Anexo I- 2ª Geração) tem 49 anos, entrou como sócio há 20 anos, já foi Presidente, vogal, relator do conselho fiscal e, neste momento, é Vice-Presidente do conselho fiscal.

O Sr. António diz ter conhecimento da história da Sociedade e considera que as perspectivas futuras da Sociedade consistem na compra do resto do quarteirão. As actividades em que mais se envolve são as de cariz desportivo e recreativo, como é o caso de *“torneios de bilhar, snooker”*.

Pensa que a Sociedade têm influências em termos locais devido ao teatro e ao cinema, ainda para mais quando *“a cidade está sem cinema e se há algum cinema dentro da cidade pode-se agradecer à Sociedade Joaquim António d’ Aguiar”*. Segundo o depoente a Sociedade tem um significado pessoal, funciona como uma segunda casa.

O nosso entrevistado encara o associativismo e a participação activa em colectividade, como espaços de intervenção. Para si a participação na Sociedade reflecte-se nas esferas pessoais e profissionais, através do colectivismo, do associativismo e da confraternização entre colegas. Refere que se conhece muita gente, criam-se contactos e relações neste ambiente que se reflectem na vida pessoal.

Por último o Sr. João Barreiros (Anexo I – 3ª Geração) tem 21 anos, entrou na Sociedade desde 2001, com 14 anos, faz o trabalho de actor, técnico, pertence à direcção do grupo cénico e faz parte da mesa da Assembleia.

O Sr. João tem conhecimento da história da Sociedade. Sabe que foi *“fundada por um grupo de operários em 1900, em 1902 começa um grupo de teatro, teve uma tuna, uma sala de alfabetização, durante o período do fascismo, marcou aqui um ponto de mostra cultural de oposição a tudo o que as acções repressoras que havia no Estado na altura e também depois em termos teatro, porque mantêm um grupo de teatro quase em continuidade desde a altura que foi iniciado e continua todos os anos a lançar peças cá para fora e o ano passado lançamos duas, este ano já tivemos uma e estamos já a pensar noutra e a coisa funciona assim. Temos o festival de teatro que também tem a 22ª edição este ano, 21ª, temos um festival de cinema que também já tem repercussões internacionais e que tem uma visibilidade mesmo lá fora e que vai mantendo, marcando um ponto na cultura da cidade que cada vez mais pobre, por outro lado cada vez se*

torna mais importante este papel da Sociedade”. A actividade em que mais tem participado tem sido no teatro.

Pensa que a Sociedade têm influências em termos locais pelo facto de se ter prestado a *“ensinar pessoas a ler, criar espectáculos, de oferecer cultura, de oferecer também um ponto de convívio, um ponto às vezes de encontro de gerações”*. Desta forma tem consciência da importância do papel da S.O.I.R no contexto das dinâmicas da cidade. Segundo o depoente, a Sociedade tem um significado pessoal, porque se cria um ambiente quase familiar.

O nosso entrevistado encara o associativismo e a participação activa em colectividade como espaços de intervenção. Para si, a participação na Sociedade reflecte-se nas esferas pessoais e profissionais, cria-se *“uma envolvimento de família, a nível profissional também tem influência, todos os trabalhos que comecei a fazer de luz, teatro.”* Refere ainda que conhecem muita gente, dos mais diversos níveis sociais, criam-se contactos e relações neste ambiente e que se reflectem na vida pessoal, *“cria-se uma ligação, um conhecimento, diferente aqui”*.

Em suma a S.O.I.R tem um carácter marcadamente local, encontrando-se ao serviço das gentes locais, embora a designação de recreio nos possa levar para questões meramente lúdicas, ou seja, onde os sócios se dirigem para se divertirem após o trabalho, o que por si só já é válido, uma vez que o homem necessita também deste tempo de relax. Contudo, a aposta desta sociedade vira-se também para questões de ordem social, política e cultural. O desejo de se autopromover e desenvolver as suas próprias capacidades, e de influenciar a sociedade através de iniciativas, foi sempre o grande objectivo deste grupo.

A S.O.I.R nasceu para fazer frente a certas injustiças como a falta de emprego, o isolamento das nossas gentes. Tem como objectivos a preocupação educativa da sua comunidade, promovendo acções de alfabetização e com continuidade. Sempre foi, e é, solicitada a promover a descentralização da cultura através do teatro, da música, de saraus, espectáculos e outros. A comunidade desta Colectividade, assim como a exterior, usufruía e continua a usufruir de momentos culturais, cívicos e humanitários de grande utilidade para a construção e desenvolvimento individual e colectivo. Ainda hoje as preocupações dos sócios e simpatizantes têm como base os mesmos objectivos, contudo a S.O.I.R. foi-se adaptando a exigências do mundo contemporâneo. Embora, não tenham deixado para trás os objectivos iniciais, a dinamização cultural e a

preservação de situações sociais actuais, as questões internacionais fazem parte das aspirações do grupo.

A S.O.I.R foi, e é, de crucial importância para a sociedade eborense, tendo como preocupação as causas sociais e políticas, que foram uma constante no seu percurso existencial. Procuraram-se sempre adaptar-se aos problemas sociais e culturais que emergiam.

Capítulo IV - Cenário de intervenção sócio cultural

1. Investigação, criação e animação: conteúdos e construção de um cenário de intervenção sócio cultural

Ao ambicionarmos produzir um cenário de intervenção sociocultural para a Sociedade Operária de Instrução e Recreio Joaquim António d' Aguiar ligada aos trabalhadores e operários, está presente uma ideia de partir para um instrumento metodológico de intervenção cultural, organizado e preciso, que terá em conta, quer os resultados dos nossos instrumentos de pesquisa utilizados sobre a realidade local, quer o nosso quadro conceptual e alguns conceitos aí desenvolvidos. O quadro conceptual confirmou, em muitos aspectos, que o desenvolvimento sociocultural pode ser organizado em função de interesses e necessidades das pessoas, ao mesmo tempo que é acessível a influências integradoras de bem-estar social, cultural, educacional, artístico, e político. A animação sociocultural como tecnologia social e como precursora de uma nova atitude perante o mundo e as pessoas, tem capacidades de intervir na mudança popular e pode ser um dos instrumentos favorecidos para instituir a mudança.

A eficiência de muitos conceitos passa pela articulação da estrutura de uma sociedade democrática, portadora de projectos que resultam das necessidades de desenvolvimento das comunidades, com a expressa vontade de fomentar a participação democrática.

As formas culturais, os costumes, os valores de uma região ou sub-região, são o molde em que são recebidas as medidas inovadoras dos planos de desenvolvimento. Quando tais formas e molde não são conhecidos, ou não são tidos em conta, o que sucede é uma estranha diversão de destruição e resistência.

No que diz respeito à cultura não se deverá apenas diversificar e aumentar a oferta, mas traçar rumos no sentido de que cada pessoa construa o seu percurso de vida cultural assente nos padrões que mais lhes convierem, sendo ao mesmo tempo objecto e sujeito das acções culturais. Estes conceitos são definidos por Bento, A. (2002)¹¹¹ como a expressão de “*democratização cultural*” que, para o mesmo autor, “*tem sobretudo dois objectivos. Por um lado o objectivo de alargar o público e, por outro, o objectivo de criar fidelidade nas práticas culturais.*”¹¹² Estes objectivos só serão alcançados com

¹¹¹ Bento, Avelino, *Ob.cit.*, 2003, p.255

¹¹² Idem, *ibid.*

políticas culturais claramente definidas, que coloquem a cultura como mais um dos elementos a contribuir para a qualidade de vida das pessoas da comunidade.

Estamos convictos de que vivemos uma era de cultura popular de massas, com tendência para se distanciar do sentido que a antropologia e a sociologia atribuem ao conceito cultura popular, cultura de origem, espontânea, criativa e de manifestação privilegiada e específica das comunidades, tendo em conta o carácter da identidade e da afirmação cultural.¹¹³ A concepção de cultura popular que defendemos é aquela que exprime o modo de vida colectivo de uma comunidade.

Consideramos a intervenção sociocultural como uma trajectória que leva, a quem participa, a observar primeiro o movimento do desenvolvimento cultural.

Os propósitos da animação sociocultural encontram-se interligados. Assentam no vitalizar, dinamizar, estimular, e têm como finalidade a melhoria permanente da qualidade de vida das pessoas, grupos e comunidades. Para tal, é imprescindível estimular a iniciativa e o compromisso activo dos indivíduos como pessoa e membro do grupo, tentando superar necessidades, mudanças e problemas.

O animador sociocultural poderá ter um papel muito importante na sociedade, tanto de facilitador de dinâmicas locais, como de mediador entre as vontades sociais e o ritmo da mudança. O animador é um profissional e técnico com qualificação e competências para planificar, gerir e coordenar os programas sociais, culturais e de desenvolvimento comunitário. Tem, por isso mesmo, a possibilidade de, junto das populações ou das organizações, contribuir para o desenvolvimento da comunicação, da socialização e da criatividade. Neste sentido, procura contribuir para a melhoria da qualidade de vida e do desenvolvimento das comunidades, assim como procura potenciar a liberdade de expressão individual e colectiva.

*O animador Sociocultural é um agente de desenvolvimento. Por essa circunstância, deve desempenhar funções gerais ou específicas conducentes ao êxito da melhoria da qualidade de vida das populações: comprometendo-se a estar atento à tradição e inovação cultural, obrigando-se a incentivar, apelar e organizar a participação dos indivíduos e tornando-se um ponto de referência dos valores e da democracia.*¹¹⁴

¹¹³ Bento, Avelino, *Ob., cit.*, 2003, p. 257

¹¹⁴ Idem, *ibid.*

O animador sociocultural, junto das populações, contribui para o desenvolvimento sociocultural dessas comunidades, assim como ajuda a potenciar a dimensão da expressão individual e colectiva, da expressão e criação artística e a consciencializar a liberdade como um valor absoluto. É aquele que realiza tarefas e actividades de animação, que é capaz de estimular os outros para uma determinada acção, é um mediador, um intermediário, um provocador, um gestor, um companheiro e um agente de ligação entre um objectivo e um grupo alvo. Um animador não pode ser um homem só, ele trabalha com e para o grupo.

A animação, no nosso cenário de intervenção sociocultural, valoriza fundamentalmente as capacidades de respostas entre os sujeitos em interacção.

Pretendemos que o cenário de intervenção sociocultural, que vamos elaborar, possa contribuir para a valorização do carácter de autenticidade e da afirmação cultural da Sociedade Joaquim António d' Aguiar.

Poucas cidades, como a cidade de Évora, se poderão orgulhar de ter dado a Portugal, no século XX, e progredindo a sua actividade no século XXI, uma sociedade operária centenária com uma história e uma actividade tão exemplarmente construtivas como a Sociedade Operária de Instrução e Recreio Joaquim António d' Aguiar (S.O.I.R). São 110 anos de história ao serviço das classes trabalhadoras, da juventude, da cultura e da liberdade. Fundada, dirigida e dinamizada por operários e outros trabalhadores, soube, e sabe afirmar com dignidade, a existência de uma cultura que exalte as capacidades humanas e dos trabalhadores.

A S.O.I.R teve a coragem e a sabedoria de contribuir para que o sonho da liberdade e da paz, que os eborenses, os alentejanos e o país acalentavam, se fizesse realidade com a Revolução de 25 de Abril de 1974.

Nos tempos que se seguiram à Revolução de Abril, e na primeira década do século XXI, a colectividade tem desenvolvido uma política cultural de qualidade, onde se destacam o Festival de Teatro Amador e o Festival Internacional de Curtas Metragens (FIKE). A S.O.I.R procura ter uma cooperação com outras instituições de Évora, do Alentejo e do País.

Conseguiu com muito empenho comprar o edifício-sede, no Pátio de Salema, no coração do centro histórico da cidade de Évora, Património da Humanidade. A Sociedade tem como um dos objectivos a requalificação do edifício e dos espaços interiores.

A dissertação, para além de ser organizada por uma argumentação teórica intensa e pelos resultados dos instrumentos metodológicos utilizados, como já foi mencionado, apresenta também propostas de intervenção sociocultural com novas dinâmicas e outros públicos, com o objectivo de valorizar o papel da educação popular. A nossa proposta de intervenção tem como objectivo principal desenvolver e dinamizar estratégias no sentido da mudança, para melhorar e promover um desenvolvimento participado por parte de todos os agentes locais.

Com a nossa proposta de intervenção e analisando todo o percurso da Sociedade, pretendemos propor algumas ideias diversificadas destinadas a vários públicos que julgamos serem pertinentes:

- A prática de actividades de Animação Educativa e Sociocultural que visam o desenvolvimento pessoal e social da população;
- A integração do Animador Sociocultural na Sociedade Operária de Instrução e Recreio Joaquim António d' Aguiar;
- Apostar numa cultura do passado mais virada para o futuro;
- Criar dinâmicas culturais permanentes dentro dos espaços e meios que lhes são particulares;
- Proporcionar momentos de lazer e prazer.

Para além destas ideias pensamos que existe uma série de actividades que poderão ser importantes para o desenvolvimento sociocultural da Colectividade. Actividades culturais como exposições de artesanato, fotografia, antiguidades, desenhos, gastronomia, produtos regionais, vestuário e outras, terão o objectivo de proporcionar à população momentos ricos de lazer. Actividades que desenvolvam a dança nas suas diversificadas formas de expressão são, actualmente, bastante procuradas, porque contribuem para o desenvolvimento motor e bem-estar físico. Festivais de grupos tradicionais portugueses, encontros de Tunas e Serenatas académicas, visto ser uma cidade Universitária, noites de fado e outras.

Também o desenvolvimento de actividades em parceria com as escolas da cidade procurando despertar e incentivar nos mais novos o gosto e interesse pela criação e fruição das mais variadas expressões artísticas (teatro, cinema, artes plásticas, música). As actividades de leitura também serão importantes, assim como a hora do

conto, a dramatização de histórias, momentos de leitura individual na biblioteca. A Colectividade possui uma biblioteca bastante rica. Sócios e dirigentes consideram que a mesma terá de ser mais valorizada através da sua dinamização.

Organizar encontros multiculturais em parceria com outros agentes locais, compostos por um conjunto de iniciativas transversais e inter-geracionais que se entrecruzam e complementam. Têm como objectivo homenagear o contributo da população imigrante que, como cidadãos co-activos e co-participativos, devem ser absolutamente integrados, partilhando-se conhecimentos e experiências, ao mesmo tempo que se fomenta a tolerância, o respeito pela diversidade étnica, cultural, religiosa e o diálogo intercultural.

Criação de um espaço de convívio (tertúlia) que pode alternar entre a análise, o debate e a discussão de temas centrais da sociedade Portuguesa (saúde, educação, cultura popular, associativismo, ambiente, novas tecnologias, ...) e as chamadas causas fracturantes (eutanásia, aborto, casamento, adopção, ...) de modo a estimular o prazer de conversar, fomentando a tertúlia e suscitando o diálogo intergeracional.

Criação de folha informativa sobre as actividades que a Associação desenvolveu trimestralmente, com o objectivo de servir de elo de ligação entre os associados mais dispersos, lutando pela sobrevivência cultural, contribuindo para a construção de uma comunidade mais plural e não abdicando de princípios e valores que pretende preservar.

Em suma, este projecto pretende valorizar a educação popular, tal como tem vindo a decorrer ao longo dos anos de existência da Sociedade ou Colectividade em estudo. Mas acima de tudo pretende fomentar o gosto pelo Associativismo aos mais novos, criando, ao mesmo tempo, outras dinâmicas e novos públicos na Sociedade Joaquim António d' Aguiar, envolvendo como parceiros os mais diversos agentes locais.

1.1- Construção do cenário de intervenção sociocultural

	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maiο	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
Exposiçōes		Gastronomia 1		Artesanato 1			Fotografia 1		Vestuário 1		Desenhos 1	
Dança	Sessōes de Dança 4	Sessōes de Dança 4	Sessōes de Dança 4	Sessōes de Dança 4	Sessōes de dança 4	Sessōes de Dança 4			Sessōes De Dança 4	Sessōes de Dança 4	Sessōes de Dança 4	Sessōes de Dança 4
Espectáculos			Festival de música Tradicional 1	Encontro de Tunas 1		Noite de Fados 1	Noites de Convívio 1	Noites de Convívio 1	Grupo de Serenatas 1			

	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
Expressões Artísticas			Teatro 2		Cinema 2				Artes Plásticas 2		Música 2	
Biblioteca	Sessões de Leitura 1	Sessões de Leitura 1	Sessões de Leitura 1	Animação na Biblioteca 1	Sessões de Leitura 1	Animação na Biblioteca 1	Sessões de Leitura 1	Animação na Biblioteca 1	Sessões de Leitura 1	Animação na Biblioteca 1	Sessões de Leitura 1	Animação na Biblioteca 1
Encontros multiculturais						Encontros Multiculturais 1	Encontros Multiculturais 1					

	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maió	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
Criação de espaços de tertúlia	Saúde 3/4	Educação 3/4	Cultura popular 3/4	Associativismo 3/4	Ambiente 3/4	Novas tecnologias 3/4			Casamento 3/4	Adopção 3/4	Eutanásia 3/4	Aborto 3/4
Criação de folha informativa			Criação de folha informativa 5			Criação de folha informativa 5			Criação de folha informativa 5			Criação de folha informativa 5

Legenda: 1- Toda a comunidade; 2- Crianças; 3- Idosos; 4- Adultos/Jovens; 5- Sócios

CONCLUSÃO

Sendo as associações pioneiras na verificação das necessidades e potencialidades existentes na sua região, porque estão no terreno e conhecem melhor as condições e as pessoas do local, deveriam ser vistas como elementos essenciais de norma social, através de políticas claras que lhes garantissem independência e sustentabilidade. Essa mesma proximidade às populações dá-lhes o valor da relação, da afectividade e de uma maior adequação nas respostas.

Alcides Monteiro (2004),¹¹⁵ no seu trabalho sobre o “Associativismo e novos laços sociais” salienta, “ (...) *reclamamos do Estado uma postura que não seja a de um «Estado animador», mas sim a de um «Estado parceiro» capaz de respeitar o carácter autónomo e alternativo da intervenção associativa e, ao mesmo tempo, legitimar a sua contribuição para formas mais solidárias de regulação social*”

Com este estudo podemos concluir que o Associativismo responde à necessidade de implementação de medidas destinadas, simultaneamente, a reforçar a coesão social E valorizar e proteger a diversidade étnica, cultural e religiosa. As colectividades de Cultura e Recreio são associações que reúnem um diversificado grupo de pessoas que trabalham em prol dos mesmos objectivos para assim satisfazerem as suas necessidades.

A nossa Colectividade, a Sociedade Joaquim António d’ Aguiar, parece-nos um exemplo claro da tentativa de integração das dimensões social e económica nas suas lógicas e práticas quotidianas.

Na sua base, na sua criação, está subjacente um projecto de mudança, ajustado em ideais de valorização de princípios como os da cultura, identidade, comunidade, solidariedade, numa sociedade que se vira durante décadas, imersa numa ditadura que não permitia a criatividade social ou a afirmação de intenções colectivas. ...”*após o 25 de Abril foi totalmente diferente havia mais liberdade de falar, mais liberdade de reunião. Liberdade de se poder representar sem o medo do lado da censura*” – Entrevistado - A.

¹¹⁵ Monteiro, Alcides A. 2004 “*Renunciar à autonomia ou ao movimento associativo numa encruzilhada: o exemplo das iniciativas de desenvolvimento local*” (IDL’S) em Portugal. In Revista critica de Ciências Sociais, Coimbra, (69), Outubro, p.303.

Para que as associações adoptem de facto um papel tão fundamental na nossa sociedade, há que modificar toda uma lógica, não só de articulação/colaboração/parceria com o Estado, mas também de administração das próprias organizações. Se por um lado estas colaboram para o aumento dos recursos dos indivíduos que as dirigem, também por outro, vivem, graças a eles, ficando a sua gestão um pouco à vontade de quem for eleito para os cargos dirigentes, exactamente porque não existe a fonte de sustentabilidade e, em particular, de equilíbrio destas associações, de forma a garantir um corpo técnico permanente onde possa estar incluído, por exemplo, um animador sociocultural. Também as condições básicas (instalações, equipamentos, comunicações) de funcionamento devem evitar situações a que Melo (2003)¹¹⁶ chamou a atenção e às quais se referiu como círculo vicioso: “ *sem equipa técnica não haver candidaturas a projectos sem candidaturas bem sucedidas, não haver equipa técnica*”.

A 8 de Dezembro, do ano transacto, a Sociedade Joaquim António d’Aguiar comemorou 109 anos, da data em que um grupo de jovens, operários e músicos, fundou o Grupo Recreativo Operário Joaquim António d’Aguiar. A partir de 1909 tornou-se na Sociedade Operária de Instrução e Recreio Joaquim António d’ Aguiar que, nomeando a instrução como factor de afirmação dos valores progressistas, criou uma Biblioteca, uma Tuna, um grupo dramático, uma escola de desenho e de instrução primária. Realizou sessões de educação para os operários, de forma a ensinar-lhes a cumprir os seus deveres e todas as regras de justiça.

Presentemente, através de uma intervenção multifacetada, a Joaquim António d’ Aguiar constitui-se um importante centro cultural na cidade de Évora, sendo um espaço de formação para muitas gerações de eborenses que aqui encontraram a civilidade, o convívio, a festa, o baile, a dança, a instrução, a leitura, as conferências, a poesia, a música, o teatro, o cinema.

Através de intercâmbios culturais, com outras regiões do País, levaram, e levam o teatro, a poesia, a música e o cinema a muitas localidades. Criaram o Festival de Teatro de Amadores de Évora - FESTAE e o Festival de Cinema de Curtas Metragens – FIKE e hoje, depois de mais um século de vida associativa, seguem em frente alicerçados na capacidade de sonhar e de lutar por vencer as dificuldades do conjunto de associados, particularmente os mais jovens, que honrando o passado e o riquíssimo

¹¹⁶ Melo, A. 2003 a“*A participação dos cidadãos: contra a apatia política, uma política de empatia*”. In: Salis Gomes, M.T (Coord) (2003). *Cidadania, Administração Pública e Sociedade – A face Oculta da Governança*. Oeiras: Edições INA.

património cultural da S.O.I.R Joaquim António d' Aguiar continuam a lutar pelo presente e a sonhar o futuro.

Respondendo à nossa questão central: “De que forma a Sociedade Operária de Instrução e Recreio Joaquim António D' Aguiar ao longo da sua existência promoveu a Educação Popular”? Podemos dizer que através das actividades implementadas, como foi o caso do curso de alfabetização, do grupo de teatro, cinema, palestras e conferências. A Sociedade promoveu e continua a promover a Educação Popular, através daquela que é o ponto fulcral da Colectividade, o Teatro.

Em nossa opinião a Sociedade Joaquim António d' Aguiar consegue harmonizar várias práticas de desenvolvimento local e social, interagindo entre as esferas do económico, do social e do próprio mercado, porque consegue orientá-las tendo como base um projecto político forte e autónomo para a sua região, não deixando, no entanto, de demonstrar com fragilidade a sua dependência pelo carácter voluntário dos intervenientes/dirigentes.

É exactamente pelo momento que se vive actualmente nas nossas sociedades, que a importância das colectividades, do chamado 3º sector, se fortalece, quer na promoção de políticas estatais, quer também porque persistiram na construção de alternativas de mudança no seu próprio interior.

As experiências, como a da Sociedade Joaquim António d' Aguiar, existem e simbolizam a capacidade que ainda resta a este tipo de organizações civis de inovar e de criar limiares de autonomia rumo a uma sociedade civil mais activa, referência necessária à democracia e que, provavelmente, cabe-lhes ocupar e reforçar “*os espaços de mediação entre os indivíduos ou comunidades, o Estado e o Mercado*”¹¹⁷ no quadro de um sempre maior diálogo e solidariedade.

A animação sociocultural tem como finalidade uma acção pedagógica que usa as técnicas mais adequadas para trabalhar com a comunidade ou grupo em questão. Utiliza também uma pedagogia social de compreensão dos outros, interagindo com eles e respeitando a sua identidade cultural, tornando-os actores efectivos das suas intervenções ou acções. Em suma, as Colectividades poderão usar a animação sociocultural como um instrumento de mudança para novas dinâmicas culturais. A animação sociocultural tem um papel fulcral neste tipo de associações. Esta Sociedade

¹¹⁷ Monteiro, A. *Ob. cit.* 2004.

tem a grande vantagem de ter um dos dirigentes como animador sociocultural profissional e existir essa percepção da importância destes técnicos nestas associações.

Consideramos a experiência empírica dos dirigentes uma conquista para a vida do associativismo e para a formação de novos dirigentes que possam seguir o trabalho. É no entanto importante a formação dos quadros de associações locais, através da transmissão de um conjunto de conhecimentos técnicos no apoio à promoção da animação sociocultural, de instrumentos e metodologias de intervenção e de métodos de gestão associativa, com os objectivos de valorizar e potencializar o trabalho do movimento associativo, enriquecer com mais e melhores conhecimentos os dirigentes associativos para a sua intervenção, corresponder em quantidade e qualidade às necessidades culturais, desportivas e recreativas das populações locais. Consideramos que o dirigente associativo, ao escolher para si o papel de actor impulsionador das novas dinâmicas associativas, poderá intervir em três grandes domínios: na mobilização dos sócios; na participação activa na vida da colectividade e da comunidade; na abertura ao diálogo e incentivo de boas relações da instituição com as outras associações locais.

Esta análise e investigação foi muito importante para nós, tanto pessoal como profissional, na medida em que para além de ser um trabalho académico, que poderá ser importante para a vida futura, foi importante também avaliar os resultados de forma a tentar solucionar os problemas e arranjar novas dinâmicas culturais para assim renovar.

Concretizar actividades para o desenvolvimento social, cultural e educativo são as prioridades da Sociedade Operária de Instrução e Recreio para que assim a Comunidade se sinta bem com a realidade.

As actividades descritas na proposta de intervenção parecem-nos interessantes e, por outro lado, também variadas. Por serem variadas dá a hipótese de a população poder escolher as actividades de que mais gosta, e isso é muito importante para incentivar a população e dar hipótese a cada um de escolher fazer o que mais gosta. A proposta de intervenção tem em atenção, também, propor actividades para todas as faixas etárias, isto é, actividades que possam agradar às diferentes idades. Há que dar resposta a todas as pessoas, criando novos interesses e novas necessidades, independentemente da idade, para que não existam desfasamentos e desequilíbrios sociais.

BIBLIOGRAFIA

- A. De Miguel. “*Perfil del Animador Sociocultural.*” Narcea. Madrid, 1995.
- AFONSO, Natércio. “*Investigação Naturalista em Educação*”, um guia prático e crítico; Coleção em foco; Lisboa, Edições Asa, Novembro, 2005.
- ALBARELLO et al. “*Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*”. Gradiva: Lisboa, 1997. Pp- 86-88
- ALMEIDA, S.V. “*Camponeses, Cultura e Revolução*”. Campanhas de Dinamização Cultural e Acção Cívica do M.F.A. (1974-1975). Edições Colibri. Lisboa, 2009.
- AMIGUINHO, A. “**Educação em meio rural e desenvolvimento local**” in *Revista Portuguesa de Educação*, 18 (2), 2005
- ARIMATEIA, Rui “*O Associativismo: Ontem e Hoje*” in debate o papel do associativismo hoje, na definição do desenvolvimento estratégico, S.O.I.R Joaquim António d’ Aguiar, Évora, 28 de Abril de 1994.
- BANHA, Rui: “*O associativismo em Loures: retrato das associações voluntárias com actividades culturais recreativas e desportivas.*” C.M. de Loures, Departamento Sócio-Cultural Lisboa, 2ª edição, 1º volume 1989/90.
- BARDIN, L. (1977). “*Análise de Conteúdo*”. Lisboa: Edições 70
- BARRETO, A. (Org.). “*A situação social em Portugal*”, 1960-1999. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais. 2000
- BENTO, A. “*Teatro e Animação - outros percursos do desenvolvimento sócio-cultural no Alto Alentejo*”. Edições Colibri, Lisboa, 2003
- BOGDAN, R. & BILKLEN, S. “*Investigação Qualitativa em Educação*” – Uma Introdução à teoria e aos métodos. Porto Editora. Porto, 1994.
- BONAL, X. Sociologia de la Educación. Una aproximación crítica a las corrientes contemporâneas. Barcelona: Editorial Paidós Ibérica, 1998
- BRANDÃO, P.O. “*Formação em contexto associativo*”. Dissertação apresentada para obtenção do Grau de Mestre em Educação – Especialização em Educação de Adultos. Braga: Universidade do Minho, Instituto de Educação e Psicologia (texto policopiado), 2000.
- CANÁRIO, R. “*Educação de Adultos – Um campo e uma problemática*”. Lisboa: Educa, 1999.

- **CAVACO, C.J.D.** Processo de Formação de Adultos Não Escolarizados – “*A Educação Informal e a Formação Experiencial*”. Dissertação apresentada para obtenção do Grau de Mestre em Ciências da Educação – Área de Formação de Adultos. Faculdade de Psicologia e Ciências de Educação da Universidade de Lisboa(texto policopiado). 2001.
- **COELHO, R.** “ *Centro Cénico da Cela – Uma colectividade como tantas... 30 anos de luta por uma educação popular*”. Dissertação apresentada para obtenção do Grau de Mestre em Ciências de Educação – área de Especialização em formação de Adultos. Faculdade de Psicologia e ciências da educação. Universidade de Lisboa (texto policopiado). 2005
- **CORREIA, A.J.** “ *Relações entre a escola e a comunidade: da lógica da exterioridade à lógica da interpelação*”. In: Aprender, 22, 1999
- **COSTA, António Firmino:** “ *Problemas e Práticas*”; Centro de investigação de estudos de Sociologia; Ciências Sociais; Lisboa; R.P. Pires; nº 25; 1997.
- **COSTA, A. F.**“A pesquisa do terreno em sociologia”. In: Santos Silva, A. E Pinto, J. M. *Metodologia das Ciências Sociais*. Porto: Edições Afrontamento, 6ª Ed., 1986
- **CRESPI, Franco:** “*Manual da Sociologia da cultura*”; Lisboa; Edições Estampa; 1997
- **ECO, Humberto:** “*Como se faz uma tese em Ciências Humanas*”; Lisboa, Editorial Presença, 1991
- **FERNANDES, J.**“*O Associativismo de Pais. No limiar da virtualidade?*” Lisboa: Ministério da educação, 2003.
- **FREIRE, J. (Org.)**“*Associações Profissionais em Portugal*”. Oeiras: Celta Editora, 2004.
 - **GERALDES DA SILVA, F.**“*Associações Desportivas, Recreativas e Culturais – O caso da Covilhã*”. Dissertação apresentada para obtenção de grau de Mestre em Sociologia. Covilhã: Universidade da Beira Interior (texto policopiado), 2002.
 - **GUIMARÃES, P. e SANCHO, A.V.** “*A participação nas associações: Novos desafios à educação de adultos*”. In: Simões, A. et al (2001). Modelos e Práticas em Educação de Adultos, Actas das II Jornadas, Coimbra: Ediliber Editora de Publicações e Fundação Calouste Gulbenkian, 2001

- **HÉBERT-LESSARD, M.** e tal. “*Investigação Qualitativa*” - Fundamentos e Práticas Instituto Piaget. Lisboa. 1994.
- **HÉBERT, M.** et al. “*Investigação Qualitativa*” – Fundamentos e Práticas. Instituto Piaget: Lisboa. 1995.
- **JACOB, Luís:** “*Animação de idosos*” 2ª Edição, Coleções Idade do saber, Ambar, Porto, 2007.
- **LIMA, L.C.** “*Associações para o Desenvolvimento no Alto Minho*”. Viana do Castelo: Centro Cultural do Alto Minho, 1986.
- **LIMA, L.C.** “*Educação de Adultos e construção de cidadania democrática. Para uma crítica do gerencialismo e da educação contábil*”. In: Inovação, 9, 1996.
- **LIMA, L.C., Janela Afonso, A. e Estevão, C.V.** Agência Nacional de Educação e Formação de Adultos - Estudo para a Construção de um Modelo Institucional. Braga: Universidade do Minho, Unidade de Educação de Adultos. 1999.
- **LIMA, L.C.** “ *Políticas de educação de adultos: da (não) reforma às decisões pós-reformistas*”. In: Revista Portuguesa de Pedagogia, Ano 35, nº1, 2001.
- **LIMA, L.** “*A educação de adultos em Portugal (1974-2004). Entre as lógicas da educação popular e da gestão dos recursos humanos*”, in Rui Canário e Belmiro Cabrito (Orgs.) *Educação e Formação de Adultos. Mutações e Convergências*. Lisboa; EDUCA. 2005.
- **LIMA, L. C.** “*Associações para o Desenvolvimento no Alto Minho*” Viana do Castelo: Centro Cultural do Alto Minho, 1986.
- **LOPES, Marcelino:** “*Animação Sociocultural em Portugal*”, Chaves: Editora Intervenção. 2006.
- **MARTINS, M.L.** “*O Associativismo no concelho de Benavente – O caso da Arepa* Dissertação apresentada para obtenção do Grau de Mestre. Faculdade de Psicologia e ciências da educação. Universidade de Lisboa (texto policopiado). 2006
- **MELO A. e BENAVENTE, A.** “*Educação Popular em Portugal (1974-1976)*”. Lisboa: Livros Horizonte. 1978.

- **MELO, A.** “*A participação dos cidadãos: contra a apatia política, uma política de empatia*”. In: Salis Gomes, M.T (Coord.) (2003). *Cidadania, Administração Pública e Sociedade – A face Oculta da Governança*. Oeiras: Edições INA. 2003^a.
- **MONTEIRO, Alcides A.**: “*Renunciar à autonomia ou ao movimento associativo numa encruzilhada: o exemplo das iniciativas de desenvolvimento local*” (IDL’S) em Portugal. In *Revista critica de Ciências Sociais*, Coimbra, (69), Outubro, 2004.
- **NORBECK, Johan**: “*Associações populares para o desenvolvimento*” Lisboa; Direcção-Geral da Educação de Adultos, 1983.
- **NÓVOA, A e FINGER, M.** (org.) “*O Método (Auto) Biográfico e a formação*”. Lisboa. Ministério da Saúde. 1998.
- **NÓVOA, A.** *As Ciências da Educação e os processos de Mudança*. Lisboa: Ed. Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, 1991.
- **QUIVY, Raymond, CAMPENHOUDT, Luc Van**: “*Manual de investigação em ciências sociais*” Lisboa, Gradiva, 1992.
- **ROCHA, M.A.T.** “*A Educação de Adultos como Projecto de Democratização Cultural*”. Dissertação apresentada para obtenção do Grau de Mestre em Educação - Especialização em Educação de Adultos. Braga: Universidade do Minho, Instituto de Educação e Psicologia (texto policopiado) 2000.
- **RODRIGUES, F.S.A.** “*O projecto educativo local do concelho da Golegã (1993-1999)*”. Dissertação apresentada para obtenção do Grau de Mestre em Ciências da Educação – Área de Formação de Adultos. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa (texto policopiado), 2002.
- **SAINT-GEORGES, P.** “*Pesquisa e crítica das fontes de documentação nos domínios económico, social e político*”. In: Albarello, L. et al. (1997). *Métodos de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva Publicações, 1997.
- **SANTOS SILVA, A.** “*Educação de Adultos – Educação para o Desenvolvimento*”. Rio Tinto: Edições Asa.1990.

- **SOUSA SANTOS, B.** “*O Estado e a Sociedade em Portugal (1974-1998)*”. Porto: Edições Afrontamento, 14ª Edição. 1998.
- **TRILLA, Jaume:** “*Animação Sociocultural - teorias, programas e âmbitos*”, Edição Inst. PIAGET, Col. Horizontes Pedagógicos, Lisboa, 2004.

Outras fontes Bibliográficas

Revistas

- **APRENDER**, Revista, Escola Superior de Educação de Portalegre, Animação Educativa e Sócio-Cultural, “*Práticas Profissionais e Contextos de Intervenção*”, nº 30, Dezembro de 2005.
- **CADERNOS DE CIÊNCIAS SOCIAIS:** Silva, Augusto Santos, “*Agentes culturais e públicos para a cultura*” Nº 15/16, Edições Afrontamento, 1996.
- **CADERNOS DE CIÊNCIAS SOCIAIS:** Lopes, João Teixeira, “*Alguns contributos para o (re)pensar da noção de recepção cultural*” Nº 18, Edições Afrontamento, Fevereiro de 1998.
- **SOCIOLOGIA, PROBLEMAS E PRÁTICAS;** Revista do Centro de Investigação e Estudos de Sociologia, **SILVA**, Augusto Santos, “*Cultura: Das Obrigações do Estado à Participação Civil*”; **CONDE**; Idalina, “*Cenários de Práticas Culturais em Portugal*”, Departamento de Sociologia do ISCTE, nº 23, Março, 1997.
- **SOCIOLOGIA, PROBLEMAS E PRÁTICAS;** Revista do Centro de Investigação e Estudos de Sociologia, Departamento de Sociologia do ISCTE, nº 49, Set/Dez, 2005.
- **SOCIOLOGIA, PROBLEMAS E PRÁTICAS;** Revista do Centro de Investigação e Estudos de Sociologia, **SILVA**, Augusto Santos, “*Como abordar as políticas culturais autárquicas? Uma hipótese de roteiro*”, Departamento de Sociologia do ISCTE, nº 54, Maio/Agosto, 2007.
-

- Costa, A. F. Versão electrónica do artigo da publicação periódica do observatório de dinâmicas culturais, OBS nº 2, Outubro de 1997
- Revista do Centenário Joaquim António de Aguiar
- Jornal Diário do Sul, Periodicidade diária, ano: 40º; número 11.129, Edição: terça-feira, 9 de Fevereiro de 2010
- Revista Alentejo: Arte & Cultura, O Alentejo na cultura portuguesa, pp. 16-20 Out./Nov./Dez. 2009

Fontes Electrónicas

- http://cm-evora.pt/zc_municipio.htm
- <http://www.cm-evora.pt/pt/conteudos/concelho/Caracterizacao%20do%20concelho/Caracterizacao%20do%20Concelho.htm>
- <http://www.forum-mensagem.com/Downloads/ALBA-Associativismo.pdf>
- http://www.geocities.com/animate032000/images/textos/asc_enquadramento_associativo.htm
- http://www.direitodeaprender.com.pt/index.php?option=com_frontpage&Itemid=2
- <http://soirjaa.wordpress.com/2008/12/31/sociedade-operaria-de-instrucao-e-recreio-joaquim-antonio-d%E2%80%99aguiar/>
- <http://avozdoproletario.blogs.sapo.pt/2193.html>
- <http://www.portugal-tchat.com/forum/do-liberalismo-ao-da-monarquia-1820-1910/3627-movimento-operario.html>

Anexos

Guião de entrevistas

(Sócios da S.O.I.R)

1ª Geração

- Tem conhecimento das perspectivas futuras da Sociedade?
- Quais as actividades desenvolvidas em que mais se envolveu?
- Que influências teve a S.O.I.R em termos de desenvolvimento local?
- Qual foi a importância dada ao papel da S.O.I.R no contexto das dinâmicas da cidade de Évora?
- Qual o significado pessoal atribuído ao envolvimento numa associação deste tipo?
- Encara o associativismo e a participação activa em colectividade como espaços de intervenção?
- De que forma a participação na Sociedade se reflectiu nas esferas pessoais e profissionais?
- Que tipo de contactos e de relações (formais e não formais) se criaram neste ambiente e que reflexo tiveram na sua vida pessoal?

2ª Geração

- Tem conhecimento da história da Sociedade? / Tem conhecimento das perspectivas de futuro da Sociedade?
- Quais são as actividades desenvolvidas em que mais se envolve ou se envolveu?
- Que influências tem ou teve a S.O.I.R em termos de desenvolvimento local?
- Tem consciência actualmente da importância do papel da S.O.I.R no contexto das dinâmicas da cidade? E no seu passado?
- Que significado pessoal é atribuído ao envolvimento numa associação deste tipo?
- Encara o associativismo e a participação activa em colectividade como espaços de aprendizagem?
- De que forma a participação na Sociedade se reflecte nas esferas pessoais e profissionais?

- Que tipo de contactos e de relações (formais e não formais) se criam neste ambiente e que reflexo têm/ teve/ virá a ter na sua vida pessoal?

3ª Geração

- Tem conhecimento da história da Sociedade?
- Quais são as actividades desenvolvidas em que mais se envolve?
- Que influências tem a S.O.I.R em termos de desenvolvimento local?
- Tem consciência da importância do papel da S.O.I.R no contexto das dinâmicas da cidade?
- Que significado pessoal é atribuído ao envolvimento numa associação deste tipo?
- Encara o associativismo e a participação activa em colectividade como espaços de aprendizagem?
- De que forma a participação na Sociedade se reflecte nas esferas pessoais e profissionais?
- Que tipo de contactos e de relações (formais e não formais) se criam neste ambiente e que reflexo virá a ter na sua vida pessoal?

(Dirigentes da S.O.I.R após o 25 de Abril)

- Como surgiu a ideia da Sociedade em 1900 e que finalidades, objectivos (políticos, sociais e educativos) estavam subjacentes ao projecto?
- Ao longo deste tempo viveram-se transformações sérias no nosso país. Que estratégias foram sendo utilizadas para a Sociedade fazer face a essas mudanças?
- Como são descritos os apoios e parcerias que a associação mantém com as outras instituições e com o poder local?
- Como é que uma colectividade desta natureza se mantém numa cidade que é património mundial?
- Das várias actividades desenvolvidas pela associação ao longo da sua existência, qual é a que têm maior impacto?
- Que importância é atribuída às actividades de carácter lúdico, cultural, educativo e desportivo?
- Que tradição existe na educação de adultos?

- Quais são as actividades que estão mais voltadas para educação popular?
- Os saberes populares perdem-se na memória do tempo. A preservação deste património imaterial é urgente. Que medidas tem sido preconizadas para a sua defesa e conseqüente valorização?
- Como era encarado o papel da educação popular e como é visto hoje em dia?
- Que influências tem a S.O.I.R em termos de desenvolvimento local?
- Que novos projectos e perspectivas se prevêem num futuro próximo para a S.O.I.R?

(Dirigentes da S.O.I.R antes o 25 de Abril)

- Como surgiu a ideia da Sociedade em 1900 e que finalidades, objectivos (políticos, sociais e educativos) estavam subjacentes ao projecto?
- Ao longo deste tempo viveram-se transformações sérias no nosso país. Que estratégias foram sendo utilizadas para a Sociedade fazer face a essas mudanças?
- Como são descritos os apoios e parcerias que a associação manteve com as outras instituições e com o poder local?
- Como é que uma colectividade desta natureza se garantiu numa cidade que é património mundial?
- Das várias actividades desenvolvidas pela associação ao longo da sua existência, qual é foi a que teve maior impacto?
- Que importância foi atribuída às actividades de carácter lúdico, cultural, educativo e desportivo?
- Que tradição existiu na educação de adultos?
- Quais foram as actividades que estiveram mais voltadas para educação popular?
- Os saberes populares perdem-se na memória do tempo. A preservação deste património imaterial é urgente. Que medidas têm foram preconizadas para a sua defesa e conseqüente valorização?
 - O que entende por prática de educação popular no movimento associativo?
 - Como era encarado o papel da educação popular e como é visto hoje em dia?
 - Que influências teve a S.O.I.R em termos de desenvolvimento local?

Entrevista com o Sr. António Justo Gomes Pires

Idade: 83 anos, natural da freguesia de Alcáçovas do concelho de Évora, concelho de Viana do Alentejo, distrito de Évora.

Entrevistador: Profissão?

Entrevistado: Eu vim para Évora com 9 anos fazer o exame da 4ª classe que não me saiu bem, vim para aqui com o meu Pai e arranjei aqui trabalho em Évora e eu vim para aqui por tanto em 1936. Em 1942 entrei para a oficina onde estive a trabalhar 43 anos e mais três meses numa oficina. Foi uma grande oficina de onde saíram largas dezenas de operários, mas operários feitos. Então depois em 42, um dos meus mestres que era o Sr. Luís Silva que era torneiro mecânico, e Presidente da direcção Joaquim António perguntou-me se eu queria ir para teatro e eu disse que sim, eu até gosto muito de teatro e então para lá fui. Entrei em Outubro de 1942 para o teatro. A primeira peça em que entrei foi na Rosa do Adro. Entrei como figurante. Era uma peça ensaiada pelo Sr. Posidónio Mesquita que era um operário.

Entrevistador: Teve quantos anos como dirigente?

Entrevistado: Como dirigente, eu fiz 4 mesas entrei em 1943 com 16 anos, sou o sócio número 7 aos 20 foi o primeiro lugar que tive na direcção foi como segundo vogal da direcção que era o responsável pela biblioteca. Passados outros anos, fiz o lugar de secretário, primeiro vogal, (substituto de qualquer dos outros elementos) e Presidente. Depois fui para Presidente da Assembleia Geral, onde estive à volta de 6 anos.

Entrevistador: E quando é que deixou de ser dirigente? Aos quantos anos?

Entrevistado: Foi acerca de 8 anos, que passei o lugar a outro. Senão continuava ainda não é? Mas achei que convinha um rapaz mais novo, para ser dirigente e então foi um operário também. É que a nossa colectividade..., a Joaquim António d' Aguiar era uma colectividade em que o patrono, foi um ministro do governo do século XVIII que era conhecido pelo Mata frades. E passados estes anos todos desde 1942 até 1983 que deixei o teatro, deixei de ser director, continuei como sócio como ainda sou e sempre que for preciso, vou lá. Às vezes a direcção precisa de ter uma reunião, aquelas reuniões especiais para saber como dar continuidade à vida da colectividade, eu vou lá pedindo para se respeitar acima de tudo os estatutos. Nesta colectividade só podiam ser directores, o operariado. Podiam ser como sócios auxiliares ou extraordinários os

empregados de balcão, empregados de escritório. Mas como dirigentes tinham que ser só operários, agora não, já sofreu umas modificações.

O período chamado por lápis azul “cortes da censura”, nós não podíamos representar qualquer peça que não tivesse a autorização da censura, o que é que sucede? Sucedem que tínhamos que mandar três cópias para o Instituto para Lisboa, mas entretanto íamos lendo os papéis na íntegra tal e qual estava nos livros do autor e quando chegava a altura do espectáculo não tinha vindo a autorização de Lisboa, quando mandavam já a gente tinha representado a peça. As peças que representávamos eram de cariz cultural, todas com sentido, com duplo sentido até, antes do 25 de Abril era altamente perigoso.

Eu representei à volta de 30 e tal peças, ao longo destes 38 anos como amador de teatro e representava as peças e nunca houve problemas. O problema grande que houve foi em 1965, salvo erro num concurso de teatro e nos levamos uma peça da autoria de um dos grandes amadores da Colectividade Sr. Manuel Perez, “O Grito da Charneca” baseada na situação da família de um trabalhador rural no Alentejo. E quando nós fomos representar esta peça ao teatro da Trindade em Lisboa, impressionou imenso as pessoas. O espectáculo correu bem, foi muito aplaudido, mas não ganhamos o primeiro prémio.

Entrevistador: Como surgiu a ideia da Sociedade em 1900 e que finalidades, objectivos (políticos, sociais e educativos) estavam subjacentes ao projecto?

Entrevistado: A colectividade foi fundada em 1900, por cinco pessoas, onde houve uma tuna, uma escola, para ensinar as pessoas que não sabiam ler e outro tipo de actividades como palestras de bi-cariz com grandes figuras cientistas. Os antigos estatutos tinham como segurança o bem estar da colectividade, o bem estar dos associados e o seu desenvolvimento cultural. Faziam-se espectáculos teatrais, semanas inteiras para os sócios, entradas gratuitas, faziam-se bailes que normalmente eram no Inverno, ao Sábado ou ao Domingo, bailes de Carnaval, as três noites de Carnaval, o Baile da Pinha, o Baile do Livro. Havia comissões organizativas desses bailes, uma comissão de sócios que era composta pelos directores chamada pelos “Bens casados”, era a direcção, o conselho fiscal, a assembleia e o contínuo da colectividade que vivia lá. Esses bailes eram de cariz cultural e muito alegres. Sempre tendo em atenção e respeitando os estatutos, não pode haver falcatruas. Faziam-se espectáculos fora da colectividade aqui no distrito de Évora e não só. A colectividade, depois de 1965

pensou em ser organizadora de um festival de teatro amador, única em Portugal. Presentemente estamos no 28º ou 29º festival.

Entrevistador: Ao longo deste tempo viveram-se transformações sérias no nosso país. Que estratégias foram sendo utilizadas para a Sociedade fazer face a essas mudanças?

Entrevistado: Foi acima de tudo, dentro do possível respeitarem os próprios dirigentes e foi assim até ao 25 de Abril, após o 25 de Abril foi totalmente diferente havia mais liberdade de falar, mais liberdade de reunião. Liberdade de se poder representar sem o medo do lado da censura. A partir dessa data do 25 de Abril foi totalmente diferente o espectáculo, o tipo de peças que se levavam já com um cariz já um pouco com política introduzida mas, sempre com o intuito de ajudar as pessoas a abrir os olhos. E foi, assim que se representou as peças.

Entrevistador: Como são descritos os apoios e parcerias que a associação manteve com as outras instituições e com o poder local?

Entrevistado: Depois do 25 de Abril a Câmara, o Governo Civil, juntas de freguesia das cidades urbanas e mais duas ou três das periferias como é o caso dos Canaviais, Bacelo são colaboradoras e estão sempre na lembrança dentro do possível, a Fundação Eugénio de Almeida uma das grandes colaboradoras, que contribui para que a colectividade tenha o seu seguimento e não termine. Antes do 25 de Abril não tínhamos estes apoios, só da Câmara.

Entrevistador: Como é que uma colectividade desta natureza se garantiu numa cidade que é património mundial?

Entrevistado: A principal razão é o facto de ter uma quota muito baixa. Pagamos 1 euro de quota. Ao princípio era uma quota que custava 50 cêntimos. Mas existem sócios que pagam mais, que colaboram e dão ajudas, também na Assembleia Geral normalmente existem sempre um sócio ou outro, daqueles que são mais antigos, que dão uma verba para a ajuda da colectividade. Esta direcção que lá está comprou a colectividade, que pertence à sociedade. A direcção anterior há 3 anos é que tomou a responsabilidade. Até podia ter sido muito antes, antes do 25 de Abril, mas as direcções não estavam muito de acordo com a situação e podia ter sido comprado por metade daquilo que compraram agora.

Entrevistador: Das várias actividades desenvolvidas pela associação ao longo da sua existência, qual é foi a que teve maior impacto?

Entrevistado: Sem ser demasiado ambicioso, digo que foram todas as que acusavam o desenvolvimento da cultura e o ensinamento dos associados. Eu só não entrei numa que foi na tuna, porque já não existia mas, essa tuna tinha por finalidade fazer espectáculos em benefício de todas as colectividades de outras terras, faziam espectáculos com a tuna para angariar fundos para ajudarem as pessoas necessitadas.

Entrevistador: Que importância foi atribuída às actividades de carácter lúdico, cultural, educativo e desportivo?

Entrevistado: As pessoas com um sentido anti-político que na época davam à colectividade, deu o nome da cidade de Évora, dado o seu desenvolvimento através das suas organizações culturais, a partir do teatro.

Entrevistador: Que tradição existiu na educação de adultos?

Entrevistado: Nós temos uma biblioteca que tem à volta de 1000 e tal livros e todos bons escritores. Como é que era o sistema? Qualquer sócio que quisesse ler os livros da biblioteca, requisitavam 1 ou 2 livros. A biblioteca tinha um talão para preencher com o nome do livro, do sócio e com a data de entrega. Assim houve muitos sócios que se desenvolveram através disso, que tinham a 4ª classe e através da literatura criaram apoios para se classificarem para outros cursos.

Entrevistador: Quais foram as actividades que estiveram mais voltadas para educação popular?

Entrevistado: A base da educação popular foi o teatro, todas as palestras com grandes figuras da literatura a falarem e as salas sempre cheias. O próprio convívio associativo para bailes, que era um evento de desenvolvimento cultural, para se fazer a criação das pessoas de terem mais faculdade em poderem falar através das palestras que existiam na colectividade. O teatro foi uma influência muito grande, que foi fundado da colectividade em 1900 e o grupo cénico foi criado já há 105 anos.

Entrevistador: Os saberes populares perdem-se na memória do tempo. A preservação deste património imaterial é urgente. Que medidas têm foram preconizadas para a sua defesa e conseqüente valorização?

Entrevistado: Sim eu penso que sim, é uma base. Dentro da colectividade tem sido sempre conseguir criar novos quadros, por exemplo eu já sou um velho, temos lá rapaziada nova como dirigentes, rapazes com 23, 24, 25 anos. Isso é uma criatividade, é para dar um impulso a esses novos para que possam seguir aquilo que os velhos deixaram, e acima de tudo para não se perder a colectividade. A colectividade tem

mesmo de se manter preservada e ela está conhecida através do país, ela está bastante reconhecida. Desde o Algarve, Vila Real, Minho, Castelo Branco, Viana do Castelo, temos dado espectáculo em todo o lado. Isto também é uma preservação, manter para que a colectividade não feche. Se a gente no período do estado novo que era perigoso, nós aguentámos.

Entrevistador: O que entende por prática de educação popular no movimento associativo?

Entrevistado: A partir de tudo o que diga respeito à cultura, por exemplo como disse no princípio, havia uma escola de aprendizagem da 1ª à 4ª classe.

Entrevistador: Como era encarado o papel da educação popular e como é visto hoje em dia?

Entrevistador: Pode haver uma pequena diferença, mas é só no sentido do movimento associativo ser mais influenciado do que era antigamente, agora é menos, agora a rapaziada nova é mais amiga dos “cabarets” da noite e não vão para lá e não se organizam para poderem fazer qualquer coisa no género, isto é uma influência muito grande. À parte disso quando são chamados para se fazer qualquer coisa, há sempre uma colaboração grande.

Entrevistado: Que influências teve a S.O.IR em termos de desenvolvimento local?

Entrevistador: Eu acho que teve uma influência grande, porque primeiro a Joaquim António d’ Aguiar todos a conhecem, tem uma grande influência e depois é aquilo que a colectividade desenvolve, a organização de espectáculos, festivais e cinema presentemente ligada à Universidade, isso foi outra coisa que a colectividade fez muito bem. A exibição dos filmes era lá na colectividade.

Entrevista com o Sr. Gilberto Miguel Trigueirão Costelas

(Neste momento pertence ao conselho fiscal da Sociedade Operária de Instrução e Recreio Joaquim António d' Aguiar)

Idade: 64 anos, natural de Évora

Entrevistador: Profissão?

Entrevistado: Está na pré-reforma, era cortador de carnes, fui sempre e hoje chama-se manipulador de carnes, portanto trabalhava num talho.

Entrevistador: Qual é que foi a sua ligação no passado e hoje em dia na sociedade? Com quantos anos é que entrou para aqui?

Entrevistado: Eu entrei aqui para a sociedade em 1972, portanto nasci em 45 tinha 27 anos. E vim pela mão de um companheiro que infelizmente já se foi, foi um dos grandes operários do teatro aqui desta casa, foi o Sr. Manuel Américo Perez. Inicialmente, a minha vinda para cá teve a ver com o facto de na altura escrever muito bem à máquina, poder dar um certo apoio ao festival de teatro de 1972 que foi o 2º. Por tanto não assisti ao 1º, assisti como espectador, mas ainda não estava cá na casa. Mas quando foi o 2º em 72, já cá estava e vim dar esse tal apoio logístico. Naquele tempo as coisas eram muito diferentes, fundamentalmente tínhamos que usar o telefone, mas como era muito caro, usávamos muito o correio e as cartas. E claro, o contacto até com os outros grupos normalmente era por cartas. Hoje é muito mais fácil, claro, por internet, por fax, por telefonemas de várias ordens. De uma maneira que naquele tempo por organização do teatro custava um bocado mais, era mais difícil por causa, precisamente dos contactos, havia dificuldades. E portanto, em 72 eu vim para cá fundamentalmente para dar auxílio logístico ao meu amigo Manuel Perez que foi um dos grandes ensaiadores, ele foi tudo, foi ensaiador, actor e já agora também autor de peças. Depois no ano seguinte em 73 fiz-me sócio da colectividade e em 1974, logo em Janeiro, claro que é quando são as eleições, fui eleito secretário da direcção, com mais 4 pessoas, porque ao todo a Direcção é constituída por 5 pessoas e eu vim para secretário da direcção, claro que precisava de alguém que soubesse ler e escrever bem e eu não é para me gabar mas sabia fazer isso bem e contas também porque tinha andado na escola industrial e comercial de Évora de noite, claro, a estudar e tinha o curso quase completo e ainda hoje quase tenho, falta só três disciplinas e nessa altura não era muito fácil haver

assim disponíveis já dentro do aspecto de cursos secundários e então como se costuma dizer eles aproveitaram-se. Mas eu gostei.

Entrevistador: E nunca participou num grupo cénico? Nunca fez teatro?

Entrevistado: Aqui na sociedade não fiz. Fiz por exemplo em peças da escola comercial. E gostava. O motivo pelo qual nunca fiz teatro aqui, é pela minha profissão. Por exemplo, eles agora, indivíduos, aqui do grupo cénico foi em Vila Nova de Gaia, abalaram sexta-feira porque é uma distância grande e se eu fizesse parte não tinha disponibilidade de poder sair na sexta-feira, porque tinha de trabalhar ao sábado. Nos talhos trabalhávamos aos sábados e domingos e então eu não tinha disponibilidade de tempo, foi só por isso que não fiz. Mas gosto de teatro e venho a todos, aqui a casa também têm outras actividades, cinema, jogos recreativos e eu normalmente participo até em torneios que às vezes fazem no aspecto recreativo.

Entrevistador: Além disso, que outros cargos ocupou na direcção?

Entrevistado: Na direcção, depois de secretário, fui tesoureiro muitos anos e depois saí e actualmente faço parte do conselho fiscal.

Entrevistador: Como surgiu a ideia da Sociedade em 1900 e que finalidades, objectivos (políticos, sociais e educativos) estavam subjacentes ao projecto?

Entrevistado: Eu conheço bem os estatutos da casa, tenho obrigação disso, aqui na colectividade e é assim: houve um grupo de operários que já fazia parte de uma outra sociedade que era a Sociedade Harmonia, que tem ali a sua sede na Praça do Giraldo actualmente e aquela Sociedade foi feita não só para operários mas sim para todos. Só que os operários começaram a ser excluídos e esse grupo de operários entenderam por bem sair da Sociedade Harmonia e formar ela própria um grupo, porque inicialmente a Sociedade chamava-se grupo. A partir daí fizeram os estatutos, claro e o fundamental, que eles queriam era, portanto ter uma tuna por acaso eles tocavam muito bem, vários instrumentos e também porque queriam, digamos que emancipar em vários aspectos, portanto políticos ou sociais dos seus colegas operários, porque em princípio a sociedade era mesmo operária como era operária, era só constituída por sócios operários. Depois mais tarde, houve alteração dos estatutos e passou a ter outro tipo de sócios, tanto assim, que hoje aqui na colectividade existem três tipos de sócios. Os licenciados que são aquelas pessoas já com uma certa idade e que como têm poucos proventos porque vêm da classe operária, chamam-se licenciados só pagam uma quota por ano e continuam a ser sócios da Sociedade, sócios ordinários que são os sócios

operários e existem os sócios auxiliares que podem ser portanto os que não são operários, de outras profissões às vezes até liberais. Isto hoje, porque ao início da Sociedade só podiam ser sócios operários.

Além disso também até 1972/3 eu aqui não tenho bem a certeza, mas o que foi até dentro dessa área só podiam ser directores e fazer parte portanto dos órgãos sociais, os sócios ordinários, que eram os sócios com mais peso na Colectividade que eram precisamente os sócios operários. Eu fui considerado operário porque lá está, no aspecto de manipulação é considerado também uma indústria.

Entrevistador: Ao longo deste tempo viveram-se transformações sérias no nosso país. Que estratégias foram sendo utilizadas para a Sociedade fazer face a essas mudanças?

Entrevistado: Naquele tempo eu vim para cá em 72, posso contar alguns episódios. Mas algo que eu me lembro. A uma certa altura, que chegou aqui um Sr. que era presidente da Assembleia Geral um Sr. Peixeiro, então o Sr. disse-me assim: “Oh! Gilberto, hoje estás com uma cara, o que é que se passa? Olhe telefonou para aqui o Sr. Francisco Caeiro a dizer que a sogra dele, a D. Maria Lamas, já chegou no comboio das 20h e ele foi buscá-la, estão a jantar e ela estava a preparar a conferência de amanhã, só que entretanto telefonou também para aqui um Sr. que se intitulou de chefe Nelson a dizer que a conferência não podia ser feita, que não estava autorizada”. O Sr. João Peixeiro olhou para mim e disse-me assim: “ Ouça lá não há problema nenhum, não vai haver conferência nenhuma, a gente em vez de conferência faz um colóquio. No dia da apresentação, no dia seguinte o Sr. Peixeiro apresentou-a e disse: Sr.^a D. Maria Lamas não se esqueça que a Sr.^a não está a fazer nenhuma conferência, está a fazer um colóquio. Então o colóquio fez-se à mesma. A D. Maria Lamas, era fundamentalmente defensora das mulheres, embora ela não se considerasse uma feminista, eu sei que não, conhecia-a muito bem, mas os direitos das mulheres em Portugal, naquele tempo claro que eram subjugados.

Voltando um bocadinho atrás, também ia dizer que, inicialmente esta Colectividade, aquela questão de ter uma tuna e uma orquestra de canto e de música, e ao mesmo tempo criaram uma escola de adultos para a formação das pessoas. É evidente que isso intrigou a classe política, porque umas coisas que o antigo governo daquele tempo, se calhar hoje também em parte, o que não quer, é a emancipação da classe operária no aspecto de adquirirem conhecimentos e isso claro, marcou desde logo

a Sociedade que ao longo dos tempos, apesar de todas essas coisas, todas essas limitações tem tentado e julgo que tem contribuído para como digo para a emancipação dos seus sócios a todos os níveis, desde os sociais e já agora porque não dizer também políticos. Porque eu lembro-me aqui, naqueles tempos conferências com o Dr. Tavares Rodrigues, que como toda a gente sabe, é um Sr. que além de ser um jornalista era eminentemente político, era e é, felizmente ainda cá o temos. Outros como naquele tempo, que vinham cá pessoas a fazer conferências, colóquios e isso chateava, digamos assim, principalmente primeiro a PIDE e depois a DGS. A DGS era a Direcção Geral de Segurança que quer dizer mudaram as moscas, era a PIDE, primeiro e depois ultimamente, no tempo do Marcelo passou a ser a DGS. No fundo eram o braço direito do governo, da classe governamental. Havia uma avaliação que se chamava censura e claro muitas vezes as peças ainda não estavam avaliadas e a gente representava à mesma. E depois claro está, vinham os senhores do sobretudo e da gabardina, a maioria usava gabardina e outros sobretudos e a gente conhecia-os logo porque eles, normalmente vestiam diferente. Na gabardina traziam também os gravadores e até me lembro, uma vez que num espectáculo no salão em que um deixou cair o gravador, e o gravador começou a funcionar, aquilo foi uma barraca das grandes. E a gente identificava-os, conhecia-os bem.

Entrevistador: Como são descritos os apoios e parcerias que a associação manteve com as outras instituições e com o poder local?

Entrevistado: Antes do 25 de Abril, digamos que havia pouco apoio, de qualquer maneira o apoio que havia naquele tempo, era fundamentalmente apesar de tudo devo dizer era da Câmara, mesmo em 1965 e 72 a Câmara deu apoio, algum apoio à Sociedade para os festivais de teatro e também já davam o subsídio, embora muito pequeno para o seu funcionamento.

Quanto às parcerias, nós tínhamos fundamentalmente parcerias com outros grupos de teatro, porque naqueles tempos em que eu comecei a funcionar aqui, era fundamentalmente o teatro a grande base da Joaquim António d' Aguiar. E porque é que nós começamos a fazer os festivais de teatro? Foi assim em 1962, salvo erro, havia no país um concurso de teatro amador que funcionava no teatro Trindade os finalistas em que, digamos os finalistas iam lá fazer a sua representação ao teatro da Trindade, são peças antecipadamente por tanto que já estavam referenciadas, lá está e nós apresentámos no Trindade uma peça precisamente do Sr. Manuel Perez que era o “Grito

da Charneca”, é uma peça rústica, portanto feito à base de pessoas trabalhadores no campo e que mereceu mais aplausos do que qualquer uma outra e mesmo assim relegaram-nos para o fim da tabela o que era contraproducente. Precisamente porque esse concurso feito pela SNAP que é hoje o Inatel e não convinha que uma Sociedade como a Joaquim António d’ Aguiar ganha-se o primeiro prémio porque nós éramos do contra, em vários aspectos incluindo político.

Hoje, temos muito mais apoios até do poder local, a nível de freguesias, hoje todas as freguesias gostam de apoiar a Joaquim António, embora normalmente com contributos pequenos, porque elas também não têm grande orçamento, ao que parece o orçamento de Estado não contribui devidamente as freguesias, ao que parece até mesmo a lei das finanças locais não está a ser exercida pelo próprio governo e as juntas, também não têm muito dinheiro disponível para poder apoiar, mas aqui embora com pouco dinheiro todas apoiam. Depois, há outras instituições hoje que não havia naquele tempo, a Eugénio de Almeida que também nos concede subsídios a troco também de divulgação nos cartazes isso também convém para o bom nome da instituição e a Câmara continua a dar, quando fazemos peças de teatro, normalmente a Câmara apoia, além do apoio sempre anual. Dá-nos a nós e às outras, por tanto não somos só nós. Hoje as Câmaras tem essa hipótese de poder contribuir monetariamente para o funcionamento destas instituições e às vezes não há, julgo eu, pelo menos já tive oportunidade de dizer isso mesmo aos órgãos da Câmara, que a Câmara se nos dá a nós 500€ e em relação à vida que nós temos merecíamos mais do que outros, que não querem fazer actividades ou que não têm hipótese e recebem o mesmo que nós. Mas hoje, existem mais apoios, naquele tempo é que era muito difícil até que por exemplo nós apresentamos uma peça de teatro e nos dias antes pedimos ao diário do sul para publicarem e eles publicam. Naquele tempo, o jornal que é hoje o “diário do sul” era na altura o “jornal de Évora”, havia mais também o “notícias de Évora”, o “democracia” que era de vez em quando e esses jornais, digamos como tinham medo da acção política do regime de então, não publicavam as nossas iniciativas.

Entrevistador: E para assistir às peças, as pessoas pagavam alguma coisa ou não?

Entrevistado: Normalmente, hoje paga-se um preço simbólico, no meu tempo, antes do 25 de Abril normalmente não se pagava, aliás e até se fazia uma coisa. Houve, ainda um período em que chegou a ser assim: as próprias empresas que dantes em Évora

havia muita indústria, hoje não há, mas as próprias empresas compravam bilhetes para darem aos funcionários. Pois isso, hoje já não existe porque também já não há indústria e estou-me a referir à fábrica dos leões, Siemens, aí às fábricas que havia de cortiça, hoje já não existe nada disso. E então as empresas compravam pacotes de bilhetes para darem aos seus funcionários para virem ao teatro. E nós chamávamos-lhe até o ciclo do teatro popular. Isto antes do 25 de Abril.

Entrevistador: Como é que uma colectividade desta natureza se garantiu numa cidade que é património mundial?

Entrevistado: É assim, nós não começamos nesta casa, tivemos várias, começamos na travessa Pedro Simões que é à Porta Nova, depois mudámos para a Praça de Joaquim D' Aguiar e é por isso que assim se chama a Praça, antes era o Largo de S. Domingos e há 80 anos mudou de nome, precisamente porque existia lá a nossa Sociedade. A Praça Joaquim António d' Aguiar aquela praça onde é o Garcia de Resende, então depois mudámos para aqui. Hoje as instalações são nossas, comprámo-las em 2004/5 quando adquirimos as instalações e lá está com o apoio da Câmara e do Ministério da Cultura e também de muitos sócios, de alguns comerciantes. Enfim, conseguimos comprar a casa e as instalações são nossas e são pequenas para as actividades que nós temos. Gostávamos de ter uma casa maior, mas não é fácil. Manter uma sociedade destas também numa cidade como esta também não é fácil, e hoje ainda é mais difícil. Hoje não existe aqui em Évora numa Sociedade com uma actividade como a nossa intra-muros. Existem fora das muralhas, como a Sociedade Dramática, mas eles também nos últimos anos têm feito pouco teatro, mas estão fora da cidade, mas têm uma certa actividade. E nós, como Sociedade digamos de índole cultural, dentro da cidade, intra muros, inter muralhas, não há outra. Há a Sociedade Harmonia, mas essa normalmente não faz teatro e também tem mais a questão de colóquios, conferências, é um pouco diferente.

Entrevistador: Das várias actividades desenvolvidas pela associação ao longo da sua existência, qual é foi a que teve maior impacto?

Entrevistado: Eu julgo que é e continua a ser os festivais de teatro de amadores, porque quando em 1965, talvez 1 ou 2 anos antes, pensaram em organizar um festival de teatro de amadores não era nada fácil, conseguir que se fizesse um festival, mesmo sem grandes contributos monetários, e não se podendo digamos pensar em grandes cavalarias, porque o dinheiro era sempre pouco. Naquele tempo era muito difícil e julgo

que foi por isso que o Festival de teatro de amadores, que ainda hoje persiste ao final de 40 anos.

Entrevistador: Que importância foi atribuída às actividades de carácter lúdico, cultural, educativo e desportivo?

Entrevistado: Nós aqui temos várias actividades, tivemos ao longo dos anos que se saiba, tivemos uma tuna, como disse, havia aulas de educação de adultos, de instrução, sei que mais tarde também tiveram um orfeão, depois, também um grupo coral de 3ª idade, também um grupo coral tipo gregoriano e isso já foi do meu tempo, que eu conheci e o grupo coral de 3ª idade também e cinema. Nós projectamos cinema, também temos um festival internacional de curtas-metragens de Évora que abarca muita actividade no núcleo do cinema, portanto isso também é muito importante.

Actualmente são as duas maiores metas, que nós conseguimos e ainda levar avante são essas duas: o festival de teatro de amadores e o festival internacional de curtas-metragens que por exemplo o último ano que aconteceu foi no ano passado, ao que parece, apareceram para avaliação, ouvi falar em quase 5000 curtas-metragens, claro que nem todas foram a concurso, na medida em que algumas não mereciam artisticamente isso. Esse festival é sempre muito competitivo e tem sempre muitas pessoas a assistir. No ano passado, foi óptimo, vieram cá vários cineastas e as peças foram muito aplaudidas porque realmente nas curtas-metragens existem trabalhos muito interessantes. E nós aqui temos aproveitado para os divulgar.

Entrevistador: Que tradição existiu na educação de adultos?

Entrevistado: A educação de adultos, isso já não foi do meu tempo, devo dizer mas, funcionou aqui nesta casa ao lado que é a Sala Florbela Espanca e precisamente tem esse nome, porque serviu durante muitos anos de aulas para adultos. Eu julgo que isso serviu precisamente para as pessoas aprenderem e ao mesmo tempo tomarem consciência da sua classe, porque fundamentalmente eram operários que vinham aprender.

Entrevistador: Quais foram as actividades que estiveram mais voltadas para educação popular?

Entrevistado: Penso que referi na questão anterior. Fundamentalmente a alfabetização para adultos.

Entrevistador: Os saberes populares perdem-se na memória do tempo. A preservação deste património imaterial é urgente. Que medidas têm foram preconizadas para a sua defesa e conseqüente valorização?

Entrevistado: Nós tínhamos professores, qualificados para instruir as pessoas, portanto, os que vinham aprender e aprenderam, e isso julgo que foi benéfico ainda hoje, há aí pessoas que trabalhavam na metalurgia por exemplo tiraram aqui, colheram ensinamentos para depois serem propostos para tirarem a 4ª classe. Isso foi importante nessa altura, por volta de 1950/1960 porque era o tal período de obscurantismo, que era aquilo que interessava à classe dominante e inclusive política. O teatro também é uma maneira de educação popular.

Entrevistador: O que entende por prática de educação popular no movimento associativo?

Entrevistado: Eu acho e aqui a Sociedade tem feito isso, é tentar que os seus sócios e a população em geral, tenham acesso à cultura em todos os aspectos, tanto assim que nós temos, basta olhar temos aqui uma biblioteca, uma vasta biblioteca que está devidamente preparada, embora eu gostasse mais que isso já tivesse pelos métodos mais modernos, mas pronto, apetrechada que hoje devo dizer que nem, mas há 20/30 anos era muito visitada e eram solicitados livros para as pessoas lerem e aprenderem. Lembro-me em 74 havia nesta casa, foi sempre a biblioteca pelo menos que eu conhecesse, havia aqui mesmo pessoas que vinham para aqui ler, por exemplo hoje liam um capítulo de um livro, entregavam-no, no outro dia liam outro capítulo e por aí fora e vinham para aqui à noite mesmo ler vários livros pelos quais tivessem interessados. Julgo que aí contribuimos muito para a emancipação das pessoas, dos sócios e não só, porque a Sociedade apesar de estar a dizer reservada a sócios, há muitas pessoas que vêm cá e não são sócios e gente não vai perguntar porque é que não são sócios, isso é um problema delas, mas que realmente usufruem das actividades da Joaquim António D' Aguiar, especialmente no aspecto da biblioteca ou actividades lúdicas como no baile, jogar ao bilhar, às damas ou xadrez, enfim! Se há alguma coisa que não é permitida cá na casa já há muitos anos é o jogo das cartas, não é permitido. Não é permitido por uma coisa muito simples, porque o jogo de cartas, pode incutir brigas e desavenças e isso são coisas que nós não queremos cá.

Entrevistador: Como era encarado o papel da educação popular e como é visto hoje em dia?

Entrevistado: No tempo da educação no passado, eu por exemplo lembro-me que o meu pai tinha a “3ª classe mal tirada” como ele dizia mas tinha uma grande saber de vida. A minha mãe era analfabeta. O meu pai ainda frequentou aqui a casa que eu saiba aí por volta de 1950, também vinha a ver o teatro e também ler livros. Lembro-me que dantes havia folhetos políticos que eram escondidos em vários sítios, mas apesar de tudo, aqui a casa não sei se fazia isso, mas sei que apesar disso eram lidos por camadas também populares para se enteirarem, lembro-me que o meu pai que de vez em quando, se juntava com uns quantos de amigos e liam prospectos de acção política e naturalmente a contradizer aquilo que dizia o regime, que vivíamos numa “ilha que era um encanto”. Especialmente eu sou um homem do campo, eu já não padeci assim muito, mas padeceram os meus pais, eu sei o que é que isso dava. Hoje, felizmente a situação está melhor até mesmo no campo em que não havia infraestruturas de qualquer género e hoje até mesmo na maioria dos aglomerados populacionais já há tudo. Aqui na Sociedade sempre foi aberta como já disse para toda a gente e para enfim consultarem aquilo que quisessem e usufruírem especialmente de peças de teatro, cinema e também como disse de espectáculos que vêm cá fazer também outras Colectividades e outras associações com as quais nós temos efeito intercâmbios, toda a gente pode vir independentemente de ser sócios ou não.

Entrevistador: Que influências teve a S.O.IR em termos de desenvolvimento local?

Entrevistado: Mais no aspecto de inculcar às pessoas alguma instrução e cultura era por isso mesmo que nós sempre pugnamos não só para sócios como todos os habitantes da cidade. Hoje a situação está diferente, porque a Sociedade é altamente frequentada na década de 60/70, eu já conheci mais de 70, depois após o 25 de Abril aconteceu que a grande maioria dos bairros limítrofes começaram a ter também as suas próprias Sociedades ou pelo menos as suas associações e as pessoas de hoje virem para a cidade, estou-me a referir às pessoas talvez com os seus 40/50 anos, em vez de virem frequentar esta Colectividade ou outras quaisquer igual a nós, ficam na sua própria localização de residência, até porque hoje também existe mais perigo em vários aspectos da segurança e outras coisas mais.

A malta mais nova, esses vêm para a cidade e muita das vezes vêm aqui para o Bar da Joaquim D’ Aguiar beber um copo ou algo parecido, ouvir música e vêm para os bares e para a discoteca, mas assim a grande aglomerado de pessoas para a instrução

já não existe, mesmo a malta nova hoje quanto a mim está muito enraizada aos computadores, aos telemóveis por tanto acontece que a parte prática da instrução, hoje infelizmente quanto a mim, os jovens não procuram muito mais isso. No cinema têm estado mais jovens do que no teatro, estou a referir-me a espectadores. Quanto aos artistas, portanto de teatro nós aqui temos muitos jovens actores.

Entrevista com o Sr. João Bilou

Idade: 59 anos

Entrevistador: Profissão?

Entrevistado: Sou Animador Sociocultural na Câmara Municipal de Évora, Aqui na Sociedade sou Presidente da direcção da Colectividade, entrei para aqui em 69, com 19 anos vim fazer teatro, aqui no grupo de teatro, porque esta Colectividade inicialmente foi fundada à volta da música mas logo, muito rapidamente em 1902 foi montado um grupo cénico, inicialmente era para fazer espectáculos de teatro que dessem receita para comprar instrumentos para a tuna, mas depois a tuna acabou em 1920 por cessar as funções e o teatro continuou até aos dias de hoje. Temos registo em que é quase desde 1902 até aos dias de hoje, todos os anos foi montada uma peça, ou ano sim ano não, mas sempre nesta casa houve espectáculos de teatro, todos os anos pelo próprio grupo da Colectividade.

Eu faço parte do grupo de teatro, ainda nesta peça agora que temos, represento, fiz a encenação da peça também e já tive vários lugares nos corpos directivos, já fiz parte da mesa da Assembleia Geral e da direcção não como Presidente, também já tive como secretário, como vogal, já tive outras funções.

Entrevistador: Como surgiu a ideia da Sociedade em 1900 e que finalidades, objectivos (políticos, sociais e educativos) estavam subjacentes ao projecto?

Entrevistado: Em 1900, portanto esta colectividade foi criada acima de tudo como uma colectividade de instrução e recreio, foi inicialmente uma tuna musical, um grupo de jovens operários que se reuniam num quarto de um deles e que tinham uma tuna musical, depois daí decidiram formar um grupo associativo com essa tuna. Daí passaram em 1909 para a Sociedade de Instrução e Recreio Joaquim António d' Aguiar, portanto ao fim ao cabo, os grandes objectivos foram os objectivos culturais, evidentemente que estávamos em 1900, que se estava em véspera da Implantação da República e estes jovens, eram jovens progressistas e Republicanos, automaticamente também se envolveram nas actividades todas que depois mais tarde vieram a dar a Implantação da República, portanto embora não seja uma Colectividade formada com fins eminentemente políticos, foi mais em termos culturais. Mas, como geralmente a cultura nunca está dissociada também da questão política no sentido de ser do progresso, no sentido do ser para o desenvolvimento e contra o obscurantismo, esta

Colectividade teve esse enfoque, de tal maneira, após a Implantação da República foi decidido dar pelo Governo de então e pela Câmara, foi decidido dar o nome de Praça Joaquim António d' Aguiar à Praça, onde hoje existe o Teatro Garcia de Resende em homenagem à Colectividade lá estar sediada. Estava sediada lá, depois é que passou aqui para estas instalações do Páteo Salema e portanto pelo mérito da actividade cultural da Sociedade foi-lhe dado o nome.

Entrevistador: Ao longo deste tempo viveram-se transformações sérias no nosso país. Que estratégias foram sendo utilizadas para a Sociedade fazer face a essas mudanças?

Entrevistado: Isto é uma Sociedade operária, uma Sociedade de trabalhadores e esta Sociedade teve sempre do lado de quem trabalha e do lado do progresso, não é em vão que antes do 25 de Abril, nesta Sociedade se organizavam conferências, colóquios, que punham a nu, portanto as actividades e a prepotência do anterior regime. Hoje, aqui nesta peça de teatro, vamos ter aqui uma homenagem a um saudoso Dr. Emílio Carlos Coroa, de Faro, ele próprio fez aqui muitas conferências e nessa altura tínhamos aqui a famigerada polícia política que nunca se tirava aqui da Colectividade a tentar controlar. Alguns associados foram presos, muitos foram perseguidos, porque esta Colectividade tinha sempre uma coisa que era gente de bem, mas que queria o progresso e que queria o desenvolvimento e a liberdade desta terra e deste povo.

Entrevistador: Como são descritos os apoios e parcerias que a associação mantém com as outras instituições e com o poder local?

Entrevistado: Bom, temos várias parcerias, temos com o cineclube da Universidade de Évora, temos parcerias com outras associações, temos apoio da Câmara, da Fundação Eugénio de Almeida, das Juntas de Freguesia, estamos abertos a várias instituições e colaboramos com todas elas e com as associações congéneres.

Entrevistador: Como é que uma colectividade desta natureza se mantém numa cidade que é património mundial?

Entrevistado: Mantém bem, porque como é uma Sociedade que, uma Colectividade que zela pela cultura é com muito agrado que vê a cidade ser Património Mundial, o contrário é que seria de estranhar, e pensamos que pela nossa actividade, pelo que temos feito à volta do teatro e da cultura também ajudámos um pouco esta cidade a ser classificada Património da Humanidade.

Entrevistador: Das várias actividades desenvolvidas pela associação ao longo da sua existência, qual é a que têm maior impacto?

Entrevistado: É o teatro, o teatro e acima de tudo os Festivais de Teatro, nós começamos em 1965, com muitas dificuldades a fazer um Festival de Teatro de Amadores de Évora, que foi o cortar com o Festival que havia organizado pelo então SNI (Secretário Nacional de Informação do Governo) e que era um Festival, eh pá! Muito adencioso que dava os prémios a quem achavam que deviam dar e preterindo outras Colectividades. Numa reunião que houve nas Caldas da Rainha, os grupos de Teatro Amadores decidiram formar a Associação Portuguesa de Teatro de Amadores e não participar mais no Festival do SNI e esta Colectividade decidiu avançar com um Festival independente do poder político e que cada grupo pudesse apresentar os seus trabalhos sem ser em carácter competitivo. Porque às vezes o grupo, cada grupo pode apresentar uma peça tendo dificuldades diferentes, nem todos partem com o mesmo número de meios, com a mesma coisa e portanto o que é importante é apresentar o trabalho, o público ver e depois avaliar se gosta ou não. Agora dizer se este fica em primeiro ou fica em segundo, nós achamos que isso é uma forma de limitar a actuação dos grupos.

Entrevistador: Que importância é atribuída às actividades de carácter lúdico, cultural, educativo e desportivo?

Entrevistado: Desportivo tem menos, mas no aspecto lúdico e cultural e educativo é de uma importância, de toda a importância, nós diariamente tentamos, estamos aqui num espaço que é esta Biblioteca, biblioteca rica, valiosíssima da Colectividade, que foi feita com o contributo dos sócios e outras entidades desde 1900. Estamos aqui rodeados de todo este material de informática, hoje temos um núcleo de informática que trabalha no sentido de combater a infoexclusão, como ainda há poucos anos estávamos aqui a fazer aulas de alfabetização para alfabetizar pessoas, portanto analfabetos e também tivemos essa preocupação. Como vê temos a questão do cinema, nós hoje somos os responsáveis pelo cinema que se passa em Évora, porque inclusivamente acabou o circuito comercial dos Alfas e estamos nós no auditório Soror Mariana, com o nosso Pátio do Cinema que estamos a assegurar as projecções de cinema da cidade da dimensão de Évora.

Entrevistador: Que tradição existe na educação de adultos?

Entrevistado: Como disse grande, não é? Por um lado a própria educação que é o próprio teatro, eu sou do tempo em que ainda que tínhamos aqui pessoas analfabetas a fazer teatro e decoravam os papéis, eram os outros que sabiam ler que liam em voz alta e eles memorizavam para poderem em termos do palco, o próprio teatro é uma forma das pessoas alargarem os seus conhecimentos, na medida em que se estuda um autor, se estuda um momento histórico em que a peça acontece, se reúnem um conjunto de dados para se poderem interpretar o papel ou poder fazer uma encenação, é uma forma de auto-promoção, de promoção de conhecimentos e de se ser em termos didácticos, portanto um auto-didacta que vai adquirindo mais conhecimentos e vai tendo outras capacidades em termos culturais.

Entrevistador: Quais foram as actividades que estiveram mais voltadas para educação popular?

Entrevistado: É como lhe digo, é o teatro, o cinema, o cinema também. Temos actividade cineclubista que também é importante. Agora tem estado um pouco mais parado o núcleo de poesia, que portanto trazemos aqui os grandes autores e declamámos poemas deles e falávamos à volta de deles de grandes poetas. Portanto é a própria biblioteca, é a questão também como digo, hoje da internet e da gente trabalhar nesta área no nosso centro de informática, é por aí.

Entrevistador: Os saberes populares perdem-se na memória do tempo. A preservação deste património imaterial é urgente. Que medidas têm foram preconizadas para a sua defesa e conseqüente valorização?

Entrevistado: Nós temos aqui algumas coisas. Tivemos aqui um projecto que foi “Raízes do som”, onde nós próprios trazíamos aqui contadores de histórias e ainda este ano temos no nosso plano de actividades, desenvolver uma coisa em torno dos contos do Amaral da Fonseca e de trazer aqui um conjunto de contadores de histórias que nos tragam a riqueza da tradição oral popular.

Entrevistador: O que se entende por prática de educação popular no movimento associativo?

Entrevistado: Eu penso que a prática de educação popular no movimento associativo, é uma prática de, uma coisa que nesta casa se faz desde os primórdios, desde a fundação da casa que é uma escola de aprender fazendo isso é fundamental, as pessoas aprendem fazendo, fazendo permutas de saber uns com os outros, um sabe numa determinada área dá esses conhecimentos a outro e os outros da área que

dominam dão aos outros. Educação popular não quer dizer que seja uma educação de menos valia do que a formação ou educação acadêmica, é uma educação que se faz em prol, com as pessoas com os seus saberes e trabalhamos no sentido sempre da sua própria promoção. Nós ainda hoje falava com um sócio desta Colectividade, ali assim que nos encontramos ocasionalmente e o saber que ele tem lato em relação à cultura geral é uma mostra dessa educação popular, é uma pessoa que não se fixa pelas sebtas da Academia, tenta saber e tenta aprofundar mais e tentar sempre um saber. Portanto a educação popular é uma educação que se faz com o valor da pessoa, enquanto que por exemplo em termos académicos uma pessoa tem que tirar um curso, tem que tirar determinadas disciplinas tem que não sei o que, a educação popular é a pessoa que tem necessidade de ter uma promoção, tem necessidade de ter acesso ao conhecimento e faz essa procura. Quando eu lhe dizia que aqui tinha funcionado a Academia dos Estudos Livres foi logo, uma coisa, que vamos comemorar este ano lá para Outubro que é a Implantação da República, houve uma grande preocupação desta Colectividade que esteve nos primórdios da Implantação da República, que ela começou em 1900, 10 anos antes da Implantação da República, foi criar logo Academias de Estudo Livres, onde as pessoas se inscreviam nos conhecimentos que queriam ter e aí outras pessoas mais habilitadas muitos dele professores catedráticos davam essas aulas.

Entrevistador: Como era encarado o papel da educação popular e como é visto hoje em dia?

Entrevistado: Eu penso que no princípio da República, foi-lhe dado muito mais importância, hoje com a massificação, com a televisão, com um conjunto de coisas e com o desinteresse que existe às vezes da parte dos poderes constituídos, a educação popular está a ser relegada um bocadinho para segundo plano, mas ela ainda hoje tem bastante força, porque há um conjunto de animadores benévolos que continuam com muita força a tentar que ela vá para a frente e eu estou convencido que vá vencer esta batalha.

Entrevistador: Que influências teve a S.O.IR em termos de desenvolvimento local?

Entrevistado: Eu penso que em termos de desenvolvimento local passam por aqui um conjunto de gerações, de jovens, que vão aqui adquirindo conhecimentos, que vão aqui vivendo vivências e que isso é um acervo importante para a sua formação pessoal e isso também corresponde ao desenvolvimento local. Por outro lado, a

Colectividade está sempre aberta a colaborar com todas as entidades, com a Câmara, com as outras instituições de forma a desenvolver actividades que sejam meritórias para a Comunidade e eu penso que isso é uma forma de desenvolvimento local.

Entrevistador: Que novos projectos e perspectivas se prevêem num futuro próximo para a S.O.IR?

Entrevistado: Acima de tudo manter esta dimensão, manter esta actividade o que não é fácil, porque os apoios cada vez vão sendo mais minguados, cada vez os custos são maiores e é importante manter esta atitude. Às vezes, costumo dizer: “Não vá o sapateiro além da bota”. Quer dizer não vá... Às vezes já estamos a puxar chita... a fazer fatos demais para a chita que temos, não é? Mas, vamos continuar com esta aposta, enquanto a gente vir chegar aqui os jovens e os jovens envolverem-se e conseguirem ter uma comunicação, um diálogo com os mais velhos e que se conseguir fazer esta pergunta de saberes eu penso que é fundamental este interface e mantermos esta atitude, como vai ver agora, que vamos ter um espectáculo a seguir, é um espectáculo onde vão estar desde o professor universitário ao médico, ou operário, ou trabalhador ou jovem estudante e é neste diálogo entre gerações e entre vários níveis etários e até sócio – profissionais que se vai consolidando as perspectivas de desenvolvimento cultural e pensar neste projecto é projectar o futuro.

Entrevista com o Sr. Francisco Honorato Mira

(É sócio à volta de 40 anos, entrou para a Sociedade antes de 25 de Abril, foi secretário, tesoureiro, vogal, pertenceu à Assembleia Geral a partir de 82 é que não teve mais cargo nenhum).

Idade: 80 anos, natural de Évora

Entrevistador: Profissão?

Entrevistado: Metalúrgico reformado

Entrevistador: Tem conhecimento das perspectivas futuras da Sociedade?

Entrevistado: A continuidade da cultura, do teatro, a formação de novos dirigentes, mais novos, a continuidade da Colectividade, de continuarmos a nossa obra, porque os mais velhos vão-se embora, não é? Tem que cá ficar alguém.

Entrevistador: Quais as actividades desenvolvidas em que mais se envolveu?

Entrevistado: A nível da direcção e das obras, quer dizer manutenção da Sociedade, director e ajudava na manutenção e nas obras. Isto, já não está como era, foi tudo remodelado e eu tinha disponibilidade nessa altura e ajudava.

Entrevistador: Que influências teve a S.O.I.R em termos de desenvolvimento local?

Entrevistado: Tem muito quer dizer, como Sociedade Operária que é, uma das principais até os estatutos o dizem que são privilegiados os trabalhadores por conta de outrem não é? E foi nessa área mais ou menos que eu, pronto sou conservador, ou qualquer coisa, mas é aí que eu assento, para que isto houvesse mais pessoas com emprego, mais trabalho, mais coisas, porque isto estava ligado aos alicerces desta casa, não é? Se bem que todos são bem-vindos, não excluimos ninguém.

Entrevistador: Qual foi a importância dada ao papel da S.O.I.R no contexto das dinâmicas da cidade de Évora?

Entrevistado: É uma Sociedade Centenária em que a cultura, grandes homens passaram por esta, são inúmeras as pessoas dignas que já passaram por aqui, colóquios que se fizeram a nível quer dizer em que a política mandava no assunto, como a D. Maria Lamas e outras mais, colóquios que se faziam aqui nesta casa como o Ary dos Santos. Foi sempre nessa área que nos trabalhamos, quer dizer a pensar no dia de amanhã, sempre, a continuidade do bom para a gente.

Entrevistador: Qual o significado pessoal atribuído ao envolvimento numa associação deste tipo?

Entrevistado: Quando falou aí no associativismo, em que o João participou eu participei também, numa formação para as pessoas terem consciência do que é o associativismo, que nos aí estamos muito enraizados e defendemos, é uma das fases que nos defendemos, não é? Em que as pessoas deviam ter mais consciência, chegava-se mais além, confraternizavam mais, faz falta ter-se consciência. Eu pertenço a uma Associação de reformados em que um dia destes havia lá um torneio de cartas e em que uns desentenderam-se e eu como pertenço aos órgãos sociais e disse-lhes a eles, fiz-lhes uma crítica dizendo que não tem consciência do que é o associativismo, e para que serve o associativismo e o respeito que devemos que ter uns pelos outros, porque isto a pessoa que tenha consciência do que é uma associação de uma quantidade de pessoas e com consciência para o que é que lá estão. O associativismo encaixa mesmo no que eu estou a querer dizer não é? Disciplina as pessoas, responsabiliza-as em todos os aspectos, até na maneira de estar, na maneira de progredir, não sei se me estou fazer compreender? Eu sou, tenho o associativismo a 100%, está a perceber? O associativismo é isto que estamos aqui a fazer, logo bebemos um copo, tagarelamos, falamos, trocamos impressões e depois saímos daqui cada um às suas casas, mas com o dever cumprido da missão do associativismo.

Entrevistador: Encara o associativismo e a participação activa em colectividade como espaços de intervenção?

Entrevistado: Sem dúvida.

Entrevistador: De que forma a participação na Sociedade se reflectiu nas esferas pessoais e profissionais?

Entrevistado: Olhe, evolui muito até, porque eu acho que é neste ambiente, como no ambiente do trabalho, as boas relações com as pessoas isso é que talvez seja o ideal para responder à pergunta que me fez, é sentirmo-nos bem connosco naquilo que fazemos e que temos consciência que é para o bem de todos. A nível profissional também teve muita influência o dialogar, trocar impressões é fundamental.

Entrevistador: Que tipo de contactos e de relações (formais e não formais) se criaram neste ambiente e que reflexo tiveram na sua vida pessoal?

Entrevistado: Olhe, eu fui vice-presidente do sindicato dos metalúrgicos do Alto e Baixo Alentejo não foi um posto por aí além, mas pertencer ao sindicato antes do

25 de Abril, com meu percurso a esse nível, com a minha ideologia política levou-me a ter que actuar, dei-lhe o máximo que podia de colaboração nesse aspecto. Ainda hoje, eu vou com 80 anos a trabalhar para o 1º de Maio a assar farinheiras e linguças lá no Jardim, porque é o dia do trabalhador.

Entrevista com o Sr. António Laurentino

(É sócio há 20 anos, já foi Presidente, vogal, relator do conselho fiscal e neste momento sou Vice-Presidente do conselho fiscal).

Idade: 49 anos, natural de Évora

Entrevistador: Profissão?

Entrevistado: Técnico especialista de telecomunicações

Entrevistador: Tem conhecimento da história da Sociedade? / Tem conhecimento das perspectivas de futuro da Sociedade?

Entrevistado: Sim claro. Um dos projectos desta Sociedade é comprar o resto do quarteirão, pronto uma parte já foi comprada é património da Colectividade e a outra parte que está ali em terreno livre e está a degradar o património da Sociedade. Porque nos podemos sempre fazer alguma coisa, melhorar a casa de espectáculos e dar outros avanços.

Entrevistador: Quais são as actividades desenvolvidas em que mais se envolve ou se envolveu?

Entrevistado: Nunca fui muito ligado à parte cultural, fui mais ligado à parte desportiva e recreativa. Na parte cultural está o João Bilou. A minha parte de trabalho é mais recreativa mais dentro deste âmbito, nós estamos aqui, jogar um bocadinho de bilhar, realizamos torneios de snooker, de bilhar.

Entrevistador: Que influências tem ou teve a S.O.I.R em termos de desenvolvimento local?

Entrevistado: Muito, a nível do teatro muito. Da parte cultural e a parte agora então do cinema, ainda muito mais porque a cidade está sem cinema e se há algum cinema dentro da cidade pode-se agradecer à Sociedade Joaquim António d' Aguiar.

Entrevistador: Tem consciência actualmente da importância do papel da S.O.I.R no contexto das dinâmicas da cidade? E no seu passado?

Entrevistado: Uma destas é a parte do cinema. No passado? Temos que voltar antes do 25 de Abril, aí tem muito, aí não há palavras. Isso aí dentro do antigamente era um Sociedade que combateu o antigo regime, não quer dizer que toda a gente seja da mesma cor política, que esteja dentro da Sociedade seja da cor política que muita gente diz que tem que ser e que são. Pronto há aqui muita gente de qualquer política, mas que combateu o antigo regime.

Entrevistador: Que significado pessoal é atribuído ao envolvimento numa associação deste tipo?

Entrevistado: Para mim é uma segunda casa, eu nasci quase aqui dentro. Tenho dois filhos, um com 25 outro com 24 que nasceram quase também aqui dentro, dormiam sextas aqui nos bancos e ele foi o próprio a dizer quando..., modesto e à parte é profissional de uma actividade desportiva é o guarda-redes do futebol clube do Porto de Andebol, mas ele assim que pode, para não contrariar os estatutos, assim que pode ser profissional, foi das primeiras coisas que me disse que queria ser sócio desta casa, e é jogador do Futebol Clube do Porto de Andebol e é atleta de alta competição e jogador da selecção nacional. Andava aqui a brincar e dormia nestes bancos que aqui estão, era onde ele dormia aqui as sextas.

Entrevistador: Encara o associativismo e a participação activa em colectividade como espaços de aprendizagem?

Entrevistado: Sim.

Entrevistador: De que forma a participação na Sociedade se reflecte nas esferas pessoais e profissionais?

Entrevistado: Tem influência na nossa vida pessoal agora a nível profissional, nem tanto mas acaba por ter uma contrapartida que é o colectivismo, é o associativismo é a confraternização entre colegas também têm que se reportar à nossa vida profissional.

Entrevistador: Que tipo de contactos e de relações (formais e não formais) se criam neste ambiente e que reflexo têm/ teve/ virá a ter na sua vida pessoal?

Entrevistado: Conhecemos muita gente. Dentro da minha empresa onde eu trabalho sempre tive ligado ao associativismo, dentro de associações, dentro da cultura e desporto, sempre tive ligado dentro da empresa a isso. Conheço muita gente.

Entrevista com o Sr. João Barreiros

(Está na Sociedade desde 2001, entrou com 14 anos, faz o trabalho de actor, técnico, pertence à direcção do grupo cénico e faz parte da mesa da Assembleia).

Idade: 21 anos, natural de Évora

Entrevistador: Tem conhecimento da história da Sociedade?

Entrevistado: Tenho. Foi fundada por um grupo de operários em 1900, em 1902 começa um grupo de teatro, teve uma tuna entretanto, teve um grupo durante... não me lembro bem o tempo, mas teve uma sala de leitura que dava aulas, uma sala de alfabetização, pronto. Marcou um período também importante na questão das Sociedades porque era durante o período das televisões e dessa parafernália todas de extracção serviu de ponto para muita gente se encontrar aqui. A gente às vezes brinca, porque parece que toda a gente passa pela Joaquim António ou que já passou pela Joaquim António ou que tem um primo que já teve na Joaquim António e acabamos por ter uma importância grande durante esse período e ali também durante o período do fascismo, marcou aqui um ponto de mostra cultural de oposição a tudo o que as acções repressoras que havia no Estado na altura e também depois em termos de teatro, porque mantêm um grupo de teatro quase em continuidade desde a altura que foi iniciado e continua todos os anos a ter peças a lançar peças cá para fora e o ano passado lançamos duas, este ano já tivemos uma e estamos já a pensar noutra e a coisa funciona assim. Temos o festival de teatro que também tem a 22ª edição este ano, 21ª, temos um festival de cinema que também já tem repercussões internacionais e que tem uma visibilidade mesmo lá fora e que vai mantendo, marcando um ponto na cultura da cidade que cada vez mais pobre, por outro lado cada vez se torna mais importante este papel da Sociedade.

Entrevistador: Quais são as actividades desenvolvidas em que mais se envolve?

Entrevistado: No teatro.

Entrevistador: Que influências tem a S.O.IR em termos de desenvolvimento local?

Entrevistado: Começar ainda antes como estávamos a dizer da sala de alfabetização foi penso eu numa altura que a educação era uma coisa tão complicada, haver uma Sociedade que se prestava a ensinar pessoas a ler, tinha esse papel, mas a partir daí já marca um ponto de viragem na Sociedade e de intervenção social e depois o

facto de criar espectáculos, de oferecer cultura, de oferecer também um ponto de convívio, um ponto às vezes de encontro de gerações, estão pessoas lá em baixo agora, neste momento que têm muito mais idade do que eu, que tem outra experiência de vida e acho que é uma Sociedade que toda a gente conhece a Sociedade, aqui na cidade toda a gente sabe que é a Joaquim António, toda a gente sabe a importância da Joaquim António, toda a gente a reconhece, porque senão não estaríamos cá também.

Entrevistador: Tem consciência da importância do papel da S.O.I.R no contexto das dinâmicas da cidade?

Entrevistado: Claro que sim.

Entrevistador: Que significado pessoal é atribuído ao envolvimento numa associação deste tipo?

Entrevistado: Tem múltipla importância, cria-se aqui uma questão quase familiar, as pessoas que conhecemos há uma data de anos, passam a fazer parte de família, quase, nós sabemos que podemos contar com elas, em termos sociais é uma questão que nos faz bem a nós também enquanto pessoas e para o nosso desenvolvimento pessoal, fazer parte de uma Associação, fazer parte de uma Sociedade numa também numa busca de mudança daquilo que está á nossa volta e que nos rodeia e depois tudo o que nos dá a nós, porque por muito cansaço que às vezes a gente tenhamos no corpo porque passamos aqui uma tarde ou porque passamos aqui uma noite, ou porque passamos aqui o fim de semana a satisfação de ver a casa cheia ou de ver o espectáculo a acontecer, ou de ver pessoas que às vezes, só vêm teatro porque é na Joaquim António, porque vêm isto de outra forma dá-nos um gozo uma satisfação pessoal, um crescimento pessoal, porque aprendemos imenso com todos os bocadinhos que vamos passando por aqui.

Entrevistador: Encara o associativismo e a participação activa em colectividade como espaços de aprendizagem?

Entrevistado: Claro que sim.

Entrevistador: De que forma a participação na Sociedade se reflecte nas esferas pessoais e profissionais?

Entrevistado: De toda a maneira, aliás grande parte dos meus amigos neste momento com quem me dou diariamente é malta que está aqui na Joaquim António, é malta daqui. Sei lá! É por aí, é quase uma envolvência de família, a nível profissional também tem influência, todos os trabalhos que comecei a fazer de luz, teatro, de coiso,

comecei a perceber que gostava disto na Joaquim António d' Aguiar, porque fazia teatro aqui e comecei a gostar disto assim, por aqui, pelo que vivi aqui.

Entrevistador: Que tipo de contactos e de relações (formais e não formais) se criam neste ambiente e que reflexo virá a ter na sua vida pessoal?

Entrevistado: Pessoal é aquilo que já frisei. Sei lá! Criam-se inúmeros contactos, inúmeras pessoas que vêm aqui, pessoas dos mais níveis sociais, locais, pessoas que às vezes com uma palestra que acontece aqui, ou como aconteceu com o Sr. Justo, que fizemos aqui uma homenagem, em que se ficou a conhecer a história da Colectividade de uma outra forma, porque são pessoas que viveram aquele período e pronto cria-se uma ligação, um conhecimento, diferente aqui.

Anexo I

Grelha de análise de entrevistas - Dirigentes antes e após o 25 de Abril

Entrevistado Questões	A
Nome, idade, cargo desempenhado na Colectividade	<i>António Justo Gomes Pires, 83 anos, “Como dirigente, eu fiz 4 mesas entrei em 1943 com 16 anos, aos 20 foi o primeiro lugar que tive na direcção foi como segundo vogal da direcção que era o responsável pela biblioteca. Passados outros anos, fiz o lugar de secretário, primeiro vogal, (substituto de qualquer dos outros elementos) e Presidente. Depois fui para Presidente da Assembleia Geral, onde estive à volta de 6 anos”.</i>
1-Como surgiu a ideia da Sociedade em 1900 e que finalidades, objectivos (políticos, sociais e educativos) estavam subjacentes ao projecto?	<i>“A colectividade foi fundada em 1900, por cinco pessoas, que criaram a colectividade com o intuito de criar os associados, com o sentido de cultura para os associados numa Sociedade em que houve uma tuna, uma escola, para ensinar as pessoas que não sabiam ler e outro tipo de actividades como palestras de bi-cariz com grandes figuras cientistas. Os antigos estatutos tinham como segurança o bem estar da colectividade, o bem estar dos associados e o seu desenvolvimento cultural”</i>
2- Ao longo deste tempo viveram-se transformações sérias no nosso país. Que estratégias foram sendo utilizadas para a Sociedade fazer face a essas mudanças?	<i>“Foi acima de tudo, dentro do possível respeitarem os próprios dirigentes e foi assim até ao 25 de Abril, após o 25 de Abril foi totalmente diferente havia mais liberdade de falar, mais liberdade de reunião”.</i>
3- Como são descritos os apoios e parcerias que a	<i>...”Câmara, o Governo Civil, juntas de freguesia ...estão sempre na lembrança, a Fundação Eugénio de Almeida uma das grandes colaboradoras, que contribui para que a colectividade tenha o seu seguimento e não termine”.</i>

<p>associação manteve com as outras instituições e com o poder local?</p>	
<p>4- Como é que uma colectividade desta natureza se garantiu numa cidade que é património mundial?</p>	<p><i>“A principal razão é o facto de ter uma quota muito baixa”.</i></p>
<p>5- Das várias actividades desenvolvidas pela associação ao longo da sua existência, qual é foi a que teve maior impacto?</p>	<p><i>“... digo que foram todas as que acusavam o desenvolvimento da cultura e o ensinamento dos associados”.</i></p>
<p>6- Que importância foi atribuída às actividades de carácter lúdico, cultural, educativo e desportivo?</p>	<p><i>“... dado o seu desenvolvimento através das suas organizações culturais, a partir do teatro”.</i></p>
<p>7- Que tradição existiu na educação de adultos?</p>	<p><i>“Nós temos uma biblioteca que tem à volta de 1000 e tal livros e todos bons escritores... Assim houve muitos sócios que se desenvolveram através disso, que tinham a 4ª classe e através da literatura criaram apoios para se classificarem para outros cursos”.</i></p>
<p>8-Quais foram as actividades que estiveram mais</p>	<p><i>“A base da educação popular foi o teatro, todas as palestras com grandes figuras da literatura... O próprio convívio associativo para bailes, que era um evento de desenvolvimento cultural...”</i></p>

<p>voltadas para educação popular?</p>	
<p>9- Os saberes populares perdem-se na memória do tempo. A preservação deste património imaterial é urgente. Que medidas têm foram preconizadas para a sua defesa e consequente valorização?</p>	<p><i>“Dentro da colectividade tem sido sempre conseguir criar novos quadros”...</i></p>
<p>10- O que entende por prática de educação popular no movimento associativo?</p>	<p><i>“A partir de tudo o que diga respeito à cultura, por exemplo como disse no princípio, havia uma escola de aprendizagem da 1ª à 4ª classe...”</i></p>
<p>11- Como era encarado o papel da educação popular e como é visto hoje em dia?</p>	<p><i>“Pode haver uma pequena diferença, mas é só no sentido do movimento associativo ser mais influenciado do que era antigamente...”</i></p>
<p>12- Que influências teve a S.O.IR em termos de desenvolvimento local?</p>	<p><i>...a Joaquim António d’ Aguiar todos a conhecem, tem uma grande influência ... a organização de espectáculos, festivais e cinema presentemente ligada à Universidade, isso foi outra coisa que a colectividade fez muito bem”.</i></p>

Entrevistado Questões	B
Nome, idade, cargo desempenhado na Colectividade.	Gilberto Miguel Trigueirão Costelas, 64 anos, “ <i>depois de secretário, fui tesoureiro muitos anos e depois saí e actualmente faço parte do conselho fiscal</i> ”.
1-Como surgiu a ideia da Sociedade em 1900 e que finalidades, objectivos (políticos, sociais e educativos) estavam subjacentes ao projecto?	“... houve um grupo de operários que já fazia parte de uma outra sociedade que era a Sociedade Harmonia, ... foi feita não só para operários mas sim para todos. Só que os operários começaram a ser excluídos e esse grupo de operários entenderam por bem sair da Sociedade Harmonia e formar ela própria um grupo...A partir daí fizeram os estatutos, ... digamos que emancipar em vários aspectos, portanto políticos ou sociais dos seus colegas operários, porque em princípio a sociedade era mesmo operária como era operária, era só constituída por sócios operários. Depois mais tarde, houve alteração dos estatutos e passou a ter outro tipo de sócios, tanto assim, que hoje aqui na colectividade existem três tipos de sócios. Os licenciados que são aquelas pessoas já com uma certa idade e que como têm poucos proventos porque vêm da classe operária, chamam-se licenciados só pagam uma quota por ano e continuam a ser sócios da Sociedade, sócios ordinários que são os sócios operários e existem os sócios auxiliares que podem ser portanto os que não são operários, de outras profissões às vezes até liberais”.
2- Ao longo deste tempo viveram-se transformações sérias no nosso país. Que estratégias foram sendo utilizadas para a Sociedade fazer face	“...A uma certa altura, que chegou aqui um Sr. que era presidente da Assembleia Geral um Sr. Peixeiro, então o Sr. disse-me assim: “Oh! Gilberto, hoje estás com uma cara, o que é que se passa? Olhe telefonou para aqui o Sr. Francisco Caeiro a dizer que a sogra dele, a D. Maria Lamas, já chegou no comboio das 20h e ele foi buscá-la, estão a jantar e ela estava a preparar a conferência de amanhã, só que entretanto telefonou também para aqui um Sr. que se intitulou de chefe Nelson a dizer que a conferência não podia ser feita, que não estava autorizada”.

<p>a essas mudanças?</p>	<p><i>O Sr. João Peixeiro olhou para mim e disse-me assim: “ Ouça lá não há problema nenhum, não vai haver conferência nenhuma, a gente em vez de conferência faz um colóquio. No dia da apresentação, no dia seguinte o Sr. Peixeiro apresentou-a e disse: Sr.ª D. Maria Lamas não se esqueça que a Sr.ª não está a fazer nenhuma conferência, está a fazer um colóquio. Então o colóquio fez-se à mesma. A D. Maria Lamas, era fundamentalmente defensora das mulheres...inicialmente esta Colectividade, aquela questão de ter uma tuna e uma orquestra de canto e de música, e ao mesmo tempo criaram uma escola de adultos para a formação das pessoas. É evidente que isso intrigou a classe política, porque umas coisas que o antigo governo daquele tempo, ... é a emancipação da classe operária no aspecto de adquirirem conhecimentos Havia uma avaliação que se chamava censura e claro muitas vezes as peças ainda não estavam avaliadas e a gente representava à mesma. E depois claro está, vinham os senhores do sobretudo e da gabardina, a maioria usava gabardina e outros sobretudos e a gente conhecia-os logo porque eles, normalmente vestiam diferente”.</i></p>
<p>3- Como são descritos os apoios e parcerias que a associação manteve com as outras instituições e com o poder local?</p>	<p><i>“Antes do 25 de Abril, ... era fundamentalmente apesar de tudo devo dizer era da Câmara...Quanto às parcerias, nós tínhamos fundamentalmente parcerias com outros grupos de teatro, ... Hoje, temos muito mais apoios até do poder local, a nível de freguesias, hoje todas as freguesias gostam de apoiar a Joaquim António, embora normalmente com contributos pequenos, porque elas também não têm grande orçamento, ao que parece o orçamento de Estado não contribui devidamente as freguesias, ao que parece até mesmo a lei das finanças locais não está a ser exercida pelo próprio governo e as juntas, também não têm muito dinheiro disponível para poder apoiar, mas aqui embora com pouco dinheiro todas apoiam. Depois, há outras instituições hoje que não havia naquele tempo, a Eugénio de Almeida que também nos concede subsídios a troco também de divulgação nos cartazes isso também convém para o bom nome da instituição e a Câmara continua a dar, quando fazemos peças de teatro, normalmente a Câmara apoia,</i></p>

	<p><i>além do apoio sempre anual. ... Mas hoje, existem mais apoios, naquele tempo é que era muito difícil até que por exemplo nós apresentamos uma peça de teatro e nos dias antes pedimos ao diário do sul para publicarem e eles publicam. Naquele tempo, o jornal que é hoje o “diário do sul” era na altura o “jornal de Évora”, havia mais também o “notícias de Évora”, o “democracia” que era de vez em quando e esses jornais, digamos como tinham medo da acção política do regime de então, não publicavam as nossas iniciativas”.</i></p>
<p>4- Como é que uma colectividade desta natureza se garantiu numa cidade que é património mundial?</p>	<p><i>... “Hoje as instalações são nossas, comprámo-las em 2004/5 quando adquirimos as instalações e lá está com o apoio da Câmara e do Ministério da Cultura e também de muitos sócios, de alguns comerciantes. ... Manter uma sociedade destas também numa cidade como esta também não é fácil, e hoje ainda é mais difícil. Hoje não existe aqui em Évora numa Sociedade com uma actividade como a nossa, intra-muros. ... E nós, como Sociedade digamos de índole cultural, dentro da cidade, intra muros, inter muralhas, não há outra”.</i></p>
<p>5- Das várias actividades desenvolvidas pela associação ao longo da sua existência, qual é foi a que teve maior impacto?</p>	<p><i>“Eu julgo que é e continua a ser os festivais de teatro de amadores, ... Naquele tempo era muito difícil e julgo que foi por isso que o Festival de teatro de amadores, que ainda hoje persiste ao final de 40 anos”.</i></p>
<p>6- Que importância foi atribuída às actividades de carácter lúdico, cultural, educativo e desportivo?</p>	<p><i>“...tivemos uma tuna, como disse, havia aulas de educação de adultos, de instrução, sei que mais tarde também tiveram um orfeão, depois, também um grupo coral de 3ª idade, também um grupo coral tipo gregoriano ... o grupo coral de 3ª idade também e cinema. Nós projectamos cinema, também temos um festival internacional de curtas-metragens de Évora que abarca muita actividade no núcleo do cinema, portanto isso também é muito importante.</i></p> <p><i>Actualmente são as duas maiores metas, que nós conseguimos e ainda levar avante são essas duas: o festival de teatro de amadores e o festival</i></p>

	<i>internacional de curtas-metragens...”</i>
7- Que tradição existiu na educação de adultos?	<i>“A educação de adultos, isso já não foi do meu tempo, devo dizer mas, funcionou aqui nesta casa ao lado que é a Sala Florbela Espanca e precisamente tem esse nome, porque serviu durante muitos anos de aulas para adultos. Eu julgo que isso serviu precisamente para as pessoas aprenderem e ao mesmo tempo tomarem consciência da sua classe, porque fundamentalmente eram operários que vinham aprender”.</i>
8-Quais foram as actividades que estiveram mais voltadas para educação popular?	<i>“Fundamentalmente a alfabetização para adultos”.</i>
9- Os saberes populares perdem-se na memória do tempo. A preservação deste património imaterial é urgente. Que medidas têm foram preconizadas para a sua defesa e consequente valorização?	<i>“Nós tínhamos professores, qualificados para instruir as pessoas, portanto, os que vinham aprender e aprenderam, e isso julgo que foi benéfico ainda hoje, há aí pessoas que trabalhavam na metalurgia por exemplo tiraram aqui, colheram ensinamentos para depois serem propostos para tirarem a 4ª classe. Isso foi importante nessa altura, por volta de 1950/1960 porque era o tal período de obscurantismo, que era aquilo que interessava à classe dominante e inclusive política. O teatro também é uma maneira de educação popular”.</i>
10- O que entende por prática de educação popular no movimento associativo?	<i>“Eu acho e aqui a Sociedade tem feito isso, é tentar que os seus sócios e a população em geral, tenham acesso à cultura em todos os aspectos, tanto assim que nós temos, basta olhar temos aqui uma biblioteca, uma vasta biblioteca ... mas há 20/30 anos era muito visitada e eram solicitados livros para as pessoas lerem e aprenderem. Lembro-me em 74 havia nesta casa, foi sempre a biblioteca pelo menos que eu conhecesse, havia aqui mesmo pessoas que vinham para aqui ler, por</i>

	<p><i>exemplo hoje liam um capítulo de um livro, entregavam-no, no outro dia liam outro capítulo e por aí fora e vinham para aqui à noite mesmo ler vários livros pelos quais tivessem interessados. Julgo que aí contribuímos muito para a emancipação das pessoas, dos sócios e não só, porque a Sociedade apesar de estar a dizer reservada a sócios, há muitas pessoas que vêm cá e não são sócios e gente não vai perguntar porque é que não são sócios, isso é um problema delas, mas que realmente usufruem das actividades da Joaquim António D' Aguiar, especialmente no aspecto da biblioteca ou actividades lúdicas como no baile, jogar ao bilhar, às damas ou xadrez, enfim!...”</i></p>
<p>11- Como era encarado o papel da educação popular e como é visto hoje em dia?</p>	<p><i>“... Lembro-me que dantes havia folhetos políticos que eram escondidos em vários sítios, mas apesar de tudo, aqui a casa não sei se fazia isso, mas sei que apesar disso eram lidos por camadas também populares para se enteirarem, lembro-me que o meu pai que de vez em quando, se juntava com uns quantos de amigos e liam prospectos de acção política e naturalmente a contradizer aquilo que dizia o regime, que vivíamos numa “ilha que era um encanto”. ...Aqui na Sociedade sempre foi aberta como já disse para toda a gente e para enfim consultarem aquilo que quisessem e usufruírem especialmente de peças de teatro, cinema e também como disse de espectáculos que vêm cá fazer também outras Colectividades e outras associações com as quais nós temos efeito intercâmbios, toda a gente pode vir independentemente de ser sócios ou não”.</i></p>
<p>12- Que influências teve a S.O.IR em termos de desenvolvimento local?</p>	<p><i>“ Mais no aspecto de inculcar às pessoas alguma instrução e cultura era por isso mesmo que nós sempre pugnamos não só para sócios como todos os habitantes da cidade. A malta mais nova, esses vêm para a cidade e muita das vezes vêm aqui para o Bar da Joaquim D' Aguiar beber um copo ou algo parecido, ouvir música e vêm para os bares e para a discoteca, mas assim a grande aglomeração de pessoas para a instrução já não existe, mesmo a malta nova hoje quanto a mim está muito enraizada aos computadores, aos telemóveis por tanto acontece que a parte prática da instrução, hoje infelizmente quanto a mim, os</i></p>

	<p><i>jovens não procuram muito mais isso. No cinema têm estado mais jovens do que no teatro, estou a referir-me a espectadores. Quanto aos artistas, portanto de teatro nós aqui temos muitos jovens actores”.</i></p>
--	---

Entrevistado Questões	C
Nome, idade, cargo desempenhado na Colectividade	<p>João Bilou, 59 anos, “<i>Presidente da direcção da Colectividade, entrei para aqui em 69, com 19 anos vim fazer teatro, aqui no grupo de teatro, porque esta Colectividade inicialmente foi fundada à volta da música mas logo, muito rapidamente em 1902 foi montado um grupo cénico, inicialmente era para fazer espectáculos de teatro que dessem receita para comprar instrumentos para a tuna, mas depois a tuna acabou em 1920 por cessar as funções e o teatro continuou até aos dias de hoje. Temos registo em que é quase desde 1902 até aos dias de hoje, todos os anos foi montada uma peça, ou ano sim ano não, mas sempre nesta casa houve espectáculos de teatro, todos os anos pelo próprio grupo da Colectividade. Eu faço parte do grupo de teatro, ainda nesta peça agora que temos, represento, fiz a encenação da peça também e já tive vários lugares nos corpos directivos, já fiz parte da mesa da Assembleia Geral e da direcção não só como Presidente, também já tive como secretário, como vogal, já tive outras funções</i>”.</p>
1-Como surgiu a ideia da Sociedade em 1900 e que finalidades, objectivos (políticos, sociais e educativos) estavam subjacentes ao projecto?	<p>“ <i>Em 1900, portanto esta colectividade foi criada acima de tudo como uma colectividade de instrução e recreio, foi inicialmente uma tuna musical, um grupo de jovens operários que se reuniam num quarto de um deles e que tinham uma tuna musical, depois daí decidiram formar um grupo associativo com essa tuna. Daí passaram em 1909 para a Sociedade de Instrução e Recreio Joaquim António d’ Aguiar, portanto ao fim ao cabo, os grandes objectivos foram os objectivos culturais, evidentemente que estávamos em 1900, que se estava em véspera da Implantação da República e estes jovens, eram jovens progressistas e Republicanos, automaticamente também se envolveram nas actividades todas que depois mais tarde vieram a dar a Implantação da República, portanto embora não seja uma Colectividade formada com fins eminentemente políticos, foi mais em termos culturais. Mas, como geralmente a cultura nunca está dissociada também da questão política</i></p>

	<i>no sentido de ser do progresso, no sentido do ser para o desenvolvimento e contra o obscurantismo...”</i>
2- Ao longo deste tempo viveram-se transformações sérias no nosso país. Que estratégias foram sendo utilizadas para a Sociedade fazer face a essas mudanças?	<i>“Isto é uma Sociedade operária, uma Sociedade de trabalhadores e esta Sociedade teve sempre do lado de quem trabalha e do lado do progresso, não é em vão que antes do 25 de Abril, nesta Sociedade se organizavam conferências, colóquios, que punham a nu, portanto as actividades e a prepotência do anterior regime. ... Alguns associados foram presos, muitos foram perseguidos, porque esta Colectividade tinha sempre uma coisa que era gente de bem, mas que queria o progresso e que queria o desenvolvimento e a liberdade desta terra e deste povo”.</i>
3- Como são descritos os apoios e parcerias que a associação manteve com as outras instituições e com o poder local?	<i>“...temos várias parcerias, temos com o cineclube da Universidade de Évora, temos parcerias com outras associações, temos apoio da Câmara, da Fundação Eugénio de Almeida, das Juntas de Freguesia, estamos abertos a várias instituições e colaboramos com todas elas e com as associações congéneres”.</i>
4- Como é que uma colectividade desta natureza se garantiu numa cidade que é património mundial?	<i>“...uma Colectividade que zela pela cultura é com muito agrado que vê a cidade ser Património Mundial, o contrário é que seria de estranhar, e pensamos que pela nossa actividade, pelo que temos feito à volta do teatro e da cultura também ajudámos um pouco esta cidade a ser classificada Património da Humanidade”.</i>
5- Das várias actividades desenvolvidas pela associação ao longo da sua existência, qual é foi a que teve	<i>“É o teatro, o teatro e acima de tudo os Festivais de Teatro, nós começamos em 1965, com muitas dificuldades a fazer um Festival de Teatro de Amadores de Évora, que foi o cortar com o Festival que havia organizado pelo então SNI (Secretário Nacional de Informação do Governo) e que era um Festival, eh pá! Muito adencioso que dava os prémios a quem achavam que deviam dar e preterindo outras</i>

<p>maior impacto?</p>	<p><i>Colectividades. Numa reunião que houve nas Caldas da Rainha, os grupos de Teatro Amadores decidiram formar a Associação Portuguesa de Teatro de Amadores e não participar mais no Festival do SNI e esta Colectividade decidiu avançar com um Festival independente do poder político e que cada grupo pudesse apresentar os seus trabalhos sem ser em carácter competitivo. Porque às vezes o grupo, cada grupo pode apresentar uma peça tendo dificuldades diferentes, nem todos partem com o mesmo número de meios, com a mesma coisa e portanto o que é importante é apresentar o trabalho, o público ver e depois avaliar se gosta ou não. Agora dizer se este fica em primeiro ou fica em segundo, nós achamos que isso é uma forma de limitar a actuação dos grupos”.</i></p>
<p>6- Que importância foi atribuída às actividades de carácter lúdico, cultural, educativo e desportivo?</p>	<p><i>“Desportivo tem menos, mas no aspecto lúdico e cultural e educativo é de uma importância, de toda a importância, nós diariamente tentamos, estamos aqui num espaço que é esta Biblioteca, biblioteca rica, valiosíssima da Colectividade, que foi feita com o contributo dos sócios e outras entidades desde 1900. Estamos aqui rodeados de todo este material de informática, hoje temos um núcleo de informática que trabalha no sentido de combater a infoexclusão, como ainda há poucos anos estávamos aqui a fazer aulas de alfabetização para alfabetizar pessoas, portanto analfabetos e também tivemos essa preocupação. Como vê temos a questão do cinema, nós hoje somos os responsáveis pelo cinema que se passa em Évora, porque inclusivamente acabou o circuito comercial dos Alfas e estamos nós no auditório Soror Mariana, com o nosso Pátio do Cinema que estamos a assegurar as projecções de cinema da cidade da dimensão de Évora”.</i></p>
<p>7- Que tradição existiu na educação de adultos?</p>	<p><i>“Por uma lado a própria educação que é o próprio teatro, eu sou do tempo em ainda que tínhamos aqui pessoas analfabetas a fazer teatro e decoravam os papéis, eram os outros que sabiam ler que liam em voz alta e eles memorizavam para poderem em termos do palco, o próprio teatro é uma forma das pessoas alargarem os seus conhecimentos, na medida em que se estuda um autor, se estuda um momento histórico em que a peça acontece, se reúnem um conjunto de dados para se poderem</i></p>

	<i>interpretar o papel ou poder fazer uma encenação, é uma forma de auto-promoção, de promoção de conhecimentos e de se ser em termos didácticos, portanto um auto-didacta que vai adquirindo mais conhecimentos e vai tendo outras capacidades em termos culturais”.</i>
8-Quais foram as actividades que estiveram mais voltadas para educação popular?	<i>... é o teatro, o cinema, o cinema também. Temos actividade cineclubista que também é importante. Agora tem estado um pouco mais parado o núcleo de poesia, que portanto trazemos aqui os grandes autores e declamávamos poemas deles e falávamos à volta de deles de grandes poetas. Portanto é a própria biblioteca, é a questão também como digo, hoje da internet e da gente trabalhar nesta área no nosso centro de informática, é por aí”.</i>
9- Os saberes populares perdem-se na memória do tempo. A preservação deste património imaterial é urgente. Que medidas têm foram preconizadas para a sua defesa e consequente valorização?	<i>“ Tivemos aqui um projecto que foi “Raízes do som”, onde nós próprios trazíamos aqui contadores de histórias e ainda este ano temos no nosso plano de actividades, desenvolver uma coisa em torno dos contos do Amaral da Fonseca e de trazer aqui um conjunto de contadores de histórias que nos tragam a riqueza da tradição oral popular”.</i>
10- O que se entende por prática de educação popular no movimento associativo?	<i>“Eu penso que a prática de educação popular no movimento associativo, é uma prática de, ... é uma escola de aprender fazendo isso é fundamental, as pessoas aprendem fazendo, fazendo permutas de saber uns com os outros, um sabe numa determinada área dá esses conhecimentos a outro e os outros da área que dominam dão aos outros. Portanto a educação popular é uma educação que se faz com o valor da pessoa, ... a educação popular é a pessoa que tem necessidade de ter uma promoção, tem necessidade de ter acesso ao conhecimento e faz essa procura. Quando eu lhe dizia que aqui tinha funcionado a</i>

	<i>Academia dos Estudos Livres foi logo, uma coisa, que vamos comemorar este ano lá para Outubro que é a Implantação da República, houve uma grande preocupação desta Colectividade que esteve nos primórdios da Implantação da República, que ela começou em 1900, 10 anos antes da Implantação da República, foi criar logo Academias de Estudo Livres, onde as pessoas se inscreviam nos conhecimentos que queriam ter e aí outras pessoas mais habilitadas muitos dele professores catedráticos davam essas aulas”.</i>
11- Como era encarado o papel da educação popular e como é visto hoje em dia?	<i>“Eu penso que no princípio da República, foi-lhe dado muito mais importância, hoje com a massificação, com a televisão, com um conjunto de coisas e com o desinteresse que existe às vezes da parte dos poderes constituídos, a educação popular está a ser relegada um bocadinho para segundo plano, mas ela ainda hoje tem bastante força, porque há um conjunto de animadores benévolos que continuam com muita força a tentar que ela vá para a frente e eu estou convencido que vá vencer esta batalha”.</i>
12- Que influências teve a S.O.IR em termos de desenvolvimento local?	<i>“Eu penso que em termos de desenvolvimento local passam por aqui um conjunto de gerações, de jovens, que vão aqui adquirindo conhecimentos, que vão aqui vivendo vivências e que isso é um acervo importante para a sua formação pessoal e isso também corresponde ao desenvolvimento local. Por outro lado, a Colectividade está sempre aberta a colaborar com todas as entidades, com a Câmara, com as outras instituições de forma a desenvolver actividades que sejam meritórias para a Comunidade e eu penso que isso é uma forma de desenvolvimento local”.</i>
13- Que novos projectos e perspectivas se prevêem num futuro próximo para a S.O.IR?	<i>“Acima de tudo manter esta dimensão, manter esta actividade o que não é fácil, porque os apoios cada vez vão sendo mais minguados, cada vez os custos são maiores e é importante manter esta atitude. ... Mas, vamos continuar com esta aposta, enquanto a gente vir chegar aqui os jovens e os jovens envolverem-se e conseguirem ter uma comunicação, um diálogo com os mais velhos e que se conseguir fazer esta pergunta de saberes eu penso que é fundamental este interface e mantermos esta</i>

	<p><i>atitude, ... é neste diálogo entre gerações e entre vários níveis etários e até sócio – profissionais que se vai consolidando as perspectivas de desenvolvimento cultural e pensar neste projecto é projectar o futuro”.</i></p>
--	--

Grelha de análise de entrevistas – Sócios da Sociedade

1ª Geração

Entrevistado	A
Questões	
Nome, idade, Há quanto tempo é sócio, funções desempenhadas na Colectividades	Francisco Honorato Mira, tem 80 anos, é sócio há volta de 40 anos, entrou para a Sociedade antes de 25 de Abril, foi secretário, tesoureiro, vogal, pertenceu à Assembleia Geral a partir de 82 é que não teve mais cargo nenhum.
1- Tem conhecimento das perspectivas futuras da Sociedade?	“A continuidade da cultura, do teatro, a formação de novos dirigentes, mais novos, a continuidade da Colectividade”.
2- Quais são as actividades desenvolvidas em que mais se envolveu?	<i>“Director e ajudava na manutenção e nas obras”.</i>
3- Que influências tem a S.O.I.R em termos de desenvolvimento local?	<i>“Tem muito quer dizer, como Sociedade Operária que é, uma das principais até os estatutos o dizem que são privilegiados os trabalhadores por conta de outrem ... que houvesse mais pessoas com emprego, mais trabalho, mais coisas, porque isto estava ligado aos alicerces desta casa”</i>
4- Qual foi a importância dada ao papel da S.O.I.R no contexto das dinâmicas da cidade de Évora?	<i>“É uma Sociedade Centenária em que a cultura, grandes homens passaram por esta... Foi sempre nessa área que nos trabalhamos, quer dizer a pensar no dia de amanhã, sempre, a continuidade do bom para a gente”.</i>

<p>5- Qual significado pessoal é atribuído ao envolvimento numa associação deste tipo?</p>	<p><i>“ O associativismo... disciplina as pessoas, responsabiliza-as em todos os aspectos, até na maneira de estar, na maneira de progredir, Eu,... tenho o associativismo a 100%, ... O associativismo é isto que estamos aqui a fazer, logo bebemos um copo, tagarelamos, falamos, trocamos impressões e depois saímos daqui cada um às suas casas, mas com o dever cumprido da missão do associativismo”.</i></p>
<p>6- Encara o associativismo e a participação activa em colectividade como espaços de aprendizagem?</p>	<p><i>“Sem dúvida”.</i></p>
<p>7- De que forma a participação na Sociedade se reflecte nas esferas pessoais e profissionais?</p>	<p><i>“...é sentirmo-nos bem connosco naquilo que fazemos e que temos consciência que é para o bem de todos. A nível profissional também teve muita influência o dialogar, trocar impressões é fundamental”.</i></p>
<p>8- Que tipo de contactos e de relações (formais e não formais) se criam neste ambiente e que reflexo virá a ter na sua vida pessoal?</p>	<p><i>“Ainda hoje, eu vou com 80 anos a trabalhar para o 1º de Maio a assar farinheiras e linguiças lá no Jardim, porque é o dia do trabalhador”.</i></p>

2ª Geração

Entrevistado	A
Questões	
<p>Nome, idade, Há quanto tempo é sócio, funções desempenhadas na Colectividades</p>	<p>António Laurentino, 49 anos, é sócio há 20 anos, já foi Presidente, vogal, relator do conselho fiscal e neste momento sou Vice-Presidente do conselho fiscal.</p>
<p>1- Tem conhecimento da história da Sociedade? / Tem conhecimento das perspectivas de futuro da Sociedade?</p>	<p><i>“ Sim, claro. Um dos projectos desta Sociedade é comprar o resto do quarteirão, Porque nos podemos sempre fazer alguma coisa, melhorar a casa de espectáculos e dar outros avanços”.</i></p>
<p>2- Quais são as actividades desenvolvidas em que mais se envolveu?</p>	<p><i>“A minha parte de trabalho é mais recreativa mais dentro deste âmbito, nós estamos aqui, jogar um bocadinho de bilhar, realizamos torneios de snooker, de bilhar”.</i></p>
<p>3- Que influências tem a S.O.IR em termos de desenvolvimento local?</p>	<p><i>“Muito, a nível do teatro muito. Da parte cultural e a parte agora então do cinema, ainda muito mais porque a cidade está sem cinema e se há algum cinema dentro da cidade pode-se agradecer à Sociedade Joaquim António d’ Aguiar”.</i></p>
<p>4- Tem consciência actualmente da importância do</p>	<p><i>“Uma delas é a parte do cinema. No passado? Temos que voltar antes do 25 de Abril, ... era um Sociedade que combateu o antigo regime...”</i></p>

<p>papel da S.O.I.R no contexto das dinâmicas da cidade? E no seu passado?</p>	
<p>5- Qual significado pessoal é atribuído ao envolvimento numa associação deste tipo?</p>	<p><i>“Para mim é uma segunda casa, eu nasci quase aqui dentro. Tenho dois filhos, um com 25 outro com 24 que nasceram quase também aqui dentro, dormiam sextas aqui nos bancos...”</i></p>
<p>6- Encara o associativismo e a participação activa em colectividade como espaços de aprendizagem?</p>	<p><i>“ Sim.”</i></p>
<p>7- De que forma a participação na Sociedade se reflecte nas esferas pessoais e profissionais?</p>	<p><i>“Tem influência na nossa vida pessoal agora a nível profissional, nem tanto mas acaba por ter uma contrapartida que é o colectivismo, é o associativismo é a confraternização entre colegas também têm que se reportar à nossa vida profissional.”.</i></p>
<p>8- Que tipo de contactos e de relações (formais e não formais) se criam neste ambiente e que reflexo virá a ter na</p>	<p><i>“Conhecemos muita gente”.</i></p>

sua vida pessoal?	
--------------------------	--

3ª Geração

Entrevistado Questões	A
Nome, idade, Há quanto tempo é sócio, funções desempenhadas na Colectividades	João Barreiros, 21 anos, é sócio desde 2001, desempenha as funções de actor, técnico, faz parte da direcção do grupo cénico e faz parte da mesa da Assembleia.
1- Tem conhecimento da história da Sociedade?	<i>“Foi fundada por um grupo de operários em 1900, em 1902 começa um grupo de teatro, teve uma tuna ... teve uma sala de leitura que dava aulas, uma sala de alfabetização... acabamos por ter uma importância grande durante esse período e ali também durante o período do fascismo, marcou aqui um ponto de mostra cultural de oposição a tudo o que as acções repressoras que havia no Estado ... mantêm um grupo de teatro quase em continuidade desde a altura que foi iniciado e continua todos os anos a ter peças, a lançar peças cá para fora e o ano passado lançamos duas, este ano já tivemos uma e estamos já a pensar noutra e a coisa funciona assim. Temos o festival de teatro que também tem a 22ª edição este ano, 21ª, temos um festival de cinema que também já tem repercussões internacionais e que tem uma visibilidade mesmo lá fora e que vai mantendo, marcando um ponto na cultura da cidade que cada vez mais pobre, por outro lado cada vez se torna mais importante este papel da Sociedade”.</i>
2- Quais são as actividades desenvolvidas em que mais se envolve?	<i>“No teatro”.</i>
3- Que influências tem a S.O.IR em termos de desenvolvimento local?	<i>“ Haver uma Sociedade que se prestava a ensinar pessoas a ler, tinha esse papel, mas a partir daí já marca um ponto de viragem na Sociedade e de intervenção social e depois o facto de criar espectáculos, de oferecer cultura, de oferecer também um ponto de convívio, um ponto às vezes de encontro de gerações, ... e acho que é uma Sociedade que</i>

	<i>toda a gente conhece a Sociedade, aqui na cidade toda a gente sabe que é a Joaquim António, toda a gente sabe a importância da Joaquim António, toda a gente a reconhece, porque senão não estaríamos cá também”.</i>
4- Tem consciência da importância do papel da S.O.I.R no contexto das dinâmicas da cidade?	<i>“Claro que sim”.</i>
5- Que significado pessoal é atribuído ao envolvimento numa associação deste tipo?	<i>“...cria-se aqui uma questão quase familiar, as pessoas que conhecemos há uma data de anos, passam a fazer parte de família, quase, nós sabemos que podemos contar com elas, em termos sociais é uma questão que nos faz bem a nós também enquanto pessoas e para o nosso desenvolvimento pessoal, fazer parte de uma Associação, fazer parte de uma Sociedade também numa busca de mudança daquilo que está á nossa volta e que nos rodeia e depois tudo o que nos dá a nós, porque por muito cansaço que às vezes a gente tenhamos no corpo porque passamos aqui uma tarde ou porque passamos aqui uma noite, ou porque passamos aqui o fim-de-semana a satisfação de ver a casa cheia ou de ver o espectáculo a acontecer, ou de ver pessoas que às vezes, só vêm teatro porque é na Joaquim António, porque vêm isto de outra forma dá-nos um gozo uma satisfação pessoal, um crescimento pessoal, porque aprendemos imenso com todos os bocadinhos que vamos passando por aqui”.</i>
6- Encara o associativismo e a participação activa em colectividade como espaços de aprendizagem?	<i>“Claro que sim”.</i>
7- De que forma a	<i>“É por aí, é quase uma envolvência de família, a nível profissional</i>

<p>participação na Sociedade se reflecte nas esferas pessoais e profissionais?</p>	<p><i>também tem influência, todos os trabalhos que comecei a fazer de luz, teatro, de coiso..., comecei a perceber que gostava disto na Joaquim António d' Aguiar, porque fazia teatro aqui e comecei a gostar disto assim, por aqui, pelo que vivi aqui”.</i></p>
<p>9- Que tipo de contactos e de relações (formais e não formais) se criam neste ambiente e que reflexo virá a ter na sua vida pessoal?</p>	<p><i>“Criam-se inúmeros contactos, inúmeras pessoas que vêm aqui, pessoas dos mais níveis sociais, locais, ... cria-se uma ligação, um conhecimento, diferente aqui”.</i></p>

Anexo II

Grelha de análise de actas

Documento	Tipo	Conteúdo
Nº1	Acta (17/2/74)	- Descrição de obras na colectividade (apetrechar cozinha); - Remodelar Biblioteca; - Acondicionamento do Gabinete da Direcção; - Feira do Livro (pendente pelo Presidente da Câmara).
Nº2	Acta (23/2/74)	- Sorteio (alterada quantidade de bilhetes); Baile da Pinha (16 de Março) com a presença da “6ª Dissociância”.
Nº 3	Acta (2/3/74)	- Não se realizou a reunião semanal porque o grupo cénico deslocou-se às Caldas da Rainha.
Nº4	Acta (9/3/74)	- Não se realizou a reunião semanal porque o grupo cénico deslocou-se a Campolide e a Mem Martins.
Nº5	Acta (15/3/74)	- Foi deliberado que deveria ser feita uma discriminação da facturação do telefone e compras, devem ser assinadas as guias de

		<p>remessas por quem procede às compras;</p> <p>- No dia Mundial do Teatro (28 de Março), foi deliberado que seria organizado um colóquio com os encenadores das peças dos grupos do III Festival;</p> <p>- Representação das peças: “Forja”, “Grito na Charneca”, Casa de Bernarda d’ Alba”.</p> <p>- Contratação do “Conjunto Sinfonia” para dois bailes realizados no dia 23 de Março e 13 de Abril.</p>
Nº 6	Acta (20/4/74)	- Informação sobre factos ocorridos na noite de 13/4/74 entre consórcios tendo sido aplicados castigos.
Nº 7	Acta (4/5/74)	<p>- Representação da Sociedade com o estandarte da Colectividade nas Manifestações do dia do trabalhador;</p> <p>- Conferência com D. Maria Lamas;</p> <p>- Realização de uma série de colóquios sobre a “Consciencialização política</p>

		das massas no sentido de se esclarecer as pessoas da realidade política portuguesa do momento.”
Nº 8	Acta (7/2/09)	<p>Plano de actividades:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Desenvolver actividades recreativas e culturais, animação do bar/sala de convívio, uma vez que reflecte a vida associativa da Sociedade; - Passar gabinete do núcleo de informática para o então núcleo de cinema; - Incrementar sessões de leitura a fim de dinamizar o riquíssimo espólio bibliográfico que a Sociedade possui; - Elaboração do programa comemorativo do 35º “Aniversário do 25 de Abril”; - Participação na feira de S. João 2009 com uma “Tasquinha” - Parceria entre o Núcleo do Cinema da S.O.I.R e o Cineclube da Universidade de Évora; - Programação mensal de cinema de qualidade, ciclo de cinema de Verão; Festa

		<p>do cinema francês; FIKE 2009;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Grupo Cénico: montar “O Sonho de uma noite de Verão” de William Shakespeare; - Possíveis intercâmbios culturais; - Divulgação da obra do dramaturgo Manuel Peres nomeadamente a obra “O Grito da Charneca”, peça temática regional, que alcançou um assinalável êxito, no âmbito regional e nacional; - Divulgar em colaboração com instituições e em intercâmbios com outras associações congéneres, representações em Évora e em outras localidades da região e do País com outros trabalhos: “A boda dos pequenos burgueses” de Brecht e “O teatro das Maravilhas” textos com Miguel Cervantes; - Realização da 4ª edição do “Março, mês do teatro” a realizar em Évora, grupos de teatro de amadores do Alentejo e outras regiões.
--	--	---

		<p>Nesta edição instituíram um prémio à figura ou instituição que se tenha distinguido pela sua contribuição em prol do teatro;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Promoção de aulas de ginástica de manutenção e de Pilates; - Apoiar projectos de outras associações, grupo informais e de escola; - Implementação na colectividade de uma pequena exposição permanente, sobre a actividade centenária da Colectividade; - Realização de convívios e intercâmbios entre associações congéneres; - Esforçar parcerias com instituições e associações congéneres; - Reunir condições financeiras a fim de realizar obras de recuperação na sala de espectáculos; - Solicitar apoio às seguintes instituições: Câmara Municipal de Évora, Governo Civil de
--	--	--

		Évora, Delegação Regional do Alentejo do Ministério da Cultura, Instituto Português da Juventude, Fundação Eugénio de Almeida, Juntas de Freguesia de Sé e S. Pedro, St. Antão, S. Mamede, Malagueira, Bacelo, Sr ^a da Saúde e Horta das Figueiras, Fundação Gulbenkian, Delegação Regional do Inatel, Região de Turismo de Évora, Cendrev;
--	--	--

Anexo III

Grelha de análise de ofícios

Documento	Tipo	Conteúdo
Nº 9	Ofício (12/11/90)	Convite ao consórcio para estar presente na Colectividade para lhe ser entregue emblema e respectivo diploma dos 25 anos
Nº 10	Ofício (12/11/90)	Convite ao consórcio para estar presente na Colectividade para lhe ser entregue emblema e respectivo diploma dos 50 anos

Anexo IV

Grelha de análise dos estatutos

Fundação	Fundada em Évora com um número variável de indivíduos de ambos os sexos.
Poderes Governativos	Assembleia Geral Direcção Conselho Fiscal
Objectivos	<ul style="list-style-type: none">- Realizar saraus literários, dançantes e musicais;- Realizar a favor do cofre, quermesses e espectáculos;- Promover excursões, que desta possam a Sociedade e seus associados, colher utilidade;- Criar dentro da Sociedade uma biblioteca, escola de desenho, música, instrução primária e todas as outras que possam dar lugar aos actuais e futuros sócios;- Criar dentro da Sociedade uma Tuna e um Grupo Dramático;- Realizar sessões onde os operários se possam educar de forma a saberem cumprir os seus deveres, e todas as regras de justiça e direitos;- Organizar e promover festas educativas e humanitárias, tendo sempre o devido respeito, a boa Moral, Justiça e Verdade;- Espalhar sempre que possa, por todos que mais necessitam, provas de boa instrução e educação cívica.
Quatro classe de sócios	- Fundadores, são todos os indivíduos de

	<p>ambos os sexos, operários e maiores, que se encontrem inscritos como sócios na data da aprovação destes estatutos;</p> <ul style="list-style-type: none">- Ordinários, são todos os indivíduos de ambos os sexos, operários, empregados, intelectuais e outros trabalhadores de classe reconhecida como produtora, maiores, classificados sócios depois da aprovação destes estatutos;- Extraordinários, são todos os indivíduos de ambos os sexos, operários, empregados, intelectuais e outros trabalhadores de classe reconhecida como produtora, menores, que possam ser propostas para sócios, tendo para isso de apresentar à Direcção licença do pai ou pessoa que por eles é responsável;- Mérito, são todos os indivíduos de ambos os sexos, maiores, de qualquer classe social, que interessando-se pelo bem estar, progresso e desenvolvimento da Sociedade, o justifiquem com actos e obras.
--	---

Anexo V

Grelhas de análise de plano/relatórios de actividades

Documento	Tipo	Conteúdo
Nº 11	Relatório de Actividades 1990	
	Divulgação	- Foram realizados 11 espectáculos com a peça “George Dandin ou o Marido Enganado” de Molière, nomeadamente em N.ª Sr.ª de Machede, Porto, Montemor-o-Velho, Entroncamento, Chamusca e Évora. Assistiram cerca de 800 espectadores.
	Produção	-O grupo trabalhou a partir do 2º semestre de 1990 em duas peças de António Tchekov “O Urso” e “Pedido e Casamento”.
	Outras actividades	- Desde 1985, continuou a decorrer o curso de alfabetização em colaboração com a Direcção Geral de Educação de Adultos.
	Obras	-Reparação dos telhados do palco e camarins.
	XI Festival de teatro de Amadores de Évora	- Apesar da escassez de subsídios o XI festival de teatro amador de Évora realizou-se de 28 de

		Setembro a 7 de Outubro.
	Grupo de participantes	Amadores: Maurioneta – S. Pedro do Corval; Azinheira Teatro do Redondo – Redondo; S.O.I.R Joaquim António d’Aguiar - Évora; Tremdirivir – Entroncamento; Teatro Art’Imagem – Porto; Companhia de Teatro do Ribatejo – Chamusca; Marimusa – Vendas Novas; CITEC – Montemor –o-Velho. Profissionais: Companhia de Teatro de Portalegre – Portalegre; Companhia Maribondo – Alemanha;
	Público e espectáculos realizados	- 8 Espectáculos de teatro para adultos; - 6 Espectáculos de teatro para crianças; - 5 Espectáculos foram realizados em espaços de ar livre e 9 em espaços cobertos, todos no Centro Histórico e nos bairros da cidade. Assistiram cerca de 1700 espectadores.
	Actividades complementares	- Exposição “M’Hamid às portas do deserto” de

		<p>fotografias de Ulisses Rolim;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Espaço Café-Teatro com animação musical e vídeo; - Animação de Rua realizada pela Companhia de Maribondo em diversos locais do centro histórico e bairros da cidade.
	<p>Subsídios atribuídos ao festival</p>	<p>- Subsídios no montante de 830.000.00 que lhe foram atribuídos pelas seguintes entidades: Câmara Municipal de Évora, Fundação Eugénio d'Almeida, Fundação Calouste Gulbenkian, Instituto da Juventude, INATEL e Juntas de Freguesia da Sé, Stº. Antão e S. Pedro.</p>

Documento	Tipo	Conteúdo
Nº 12	Plano de Actividades para 1991	<p>No ano em foi nomeada “Évora Capital nacional do Teatro”, o grupo cénico propõe-se concretizar um vasto programa de trabalho.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Obter meios técnicos que lhe permitam cumprir a sua função; - Material técnico para desenvolver a sua actividade.
	Divulgação	<ul style="list-style-type: none"> - Realizar espectáculos de teatro na cidade e região; - Promover intercâmbios com outros grupos de norte a sul nomeadamente com as peças “George Dandin ou o Marido Enganado”. “O Urso” e “O Pedido de Casamento”.
	Produção	<p>Em 1991 foi intenção do grupo montar os seguintes trabalhos:</p> <p>Espectáculos para crianças: “A Lua Prometida”.</p> <p>Espectáculos para adultos: “D. Quixote de La Mancha e o Gordo Sancho Pança” de António José da Silva “O Judeu”.</p>

		<p>“A Peregrinação” de Fernão Mendes Pinto.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Intenção de realizar uma acção de pesquisa e ensaios com um objectivo de auto-formação e do reforço do grupo.
	Outras actividades	<ul style="list-style-type: none"> - Cinema: Vai tentar reactivá-lo em 1991. - O núcleo das formas animadas vai promover uma acção de formação na área das formas animadas, tentando sensibilizar os jovens. <p>Serões de Café – Teatro:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Serão cultural comemorativo do 25 de Abril; - Algumas conferências e debates; - Homenagem ao escrito alentejano Manuel da Fonseca.
	“Évora, Capital Nacional do Teatro”	<p>Promover as seguintes acções específicas:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Comemoração do Dia Mundial do Teatro; - Debate sobre o papel dos amadores no grande universo do teatro; - Montagem, na nossa

		<p>sede, de uma exposição permanente sobre a História do nosso grupo cénico;</p> <ul style="list-style-type: none">- Sessão de homenagem às figuras mais proeminentes da geração de amadores que antecederam o grupo cénico;- Publicação de algumas peças de teatro de Manuel Américo Peres.
--	--	---

Documento	Tipo	Conteúdo
Nº 13	Relatório de Actividades de 2009	
	Recreio	Desenvolveram actividades recreativas e culturais, de animação do bar/sala de convívio, da Colectividade, as quais foram muito frequentadas, pelos associados e amigos, particularmente os mais jovens.
	Núcleo de Informática	- Ocupou o seu novo espaço de trabalho, o que permitiu que o núcleo se revigorasse.
	Núcleo de Animação da Biblioteca	- Após remodelação da Sala de Leitura “Floribela Espanca”, incrementar em 2010 sessões de leitura.
	Comemorações do 25 de Abril	- Programa comemorativo do 35º Aniversário do 25 de Abril, que contou com a participação da banda “Uxukalhos”
	Feira de S. João 2009	- Participação na Feira de S. João 2009, com uma “Tasquinha” a qual deu um lucro de 700€ e que revertem a favor da actividade dos núcleos culturais.
	Cinema	- O pátio do cinema,

		<p>núcleo de cinema da S.O.I.R em parceria com o cineclube da Universidade de Évora realizou o seguinte programa de trabalho:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Programação mensal de cinema de qualidade; - Ciclo de cinema de Verão; - FIKE 2009 (Festival Internacional de Cinema de curtas-metragens) <p>A partir do 2º semestre, o pátio do cinema, em parceria com o cineclube da Universidade de Évora e a Câmara Municipal de Évora, passou a assegurar as projecções do cinema comercial, no Auditório Soror Mariana, caso contrário a cidade de Évora, ficaria sem cinema comercial.</p>
	Grupo Cénico	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolveu o seguinte programa de trabalho: - Produção: montaram o seguinte trabalho: “ Sonho de uma noite de Verão”, estreado em 2010.
	Outros projectos	<ul style="list-style-type: none"> - Contactos estabelecidos a

		partir de 2008, com o grupo Ajidanha, de Idanha-a-Nova e com outros grupos congéneres, no sentido de dramatizarem contos recolhidos na nossa região em 2010, em parceria com o “Trimagisto”, realização de um trabalho em torno dos contos Manuel Fonseca.
	Divulgação da obra teatral de Manuel Peres	- Divulgação da obra do dramaturgo, encenador, actor e dinamizador do Grupo Cénico da S.O.I.R, Manuel Peres, a partir de 2010, repor “O Grito na Charneca”, peça temática regional, que na década de sessenta alcançou um assinalável êxito, no âmbito local, regional e nacional.
	Divulgação	- Realização em colaboração com Instituições e em Intercâmbio, com outras associações congéneres, representações com trabalhos em cena, nas seguintes localidades: com

		<p>“A boda dos pequenos burgueses” de Bertold Brecht: 3 espectáculos, em Évora (2) e em Santa Eufémia – Leiria; com “O teatro das Maravilhas” com textos de Miguel Cervantes: 9 espectáculos, em Évora (4), Redondo, Moura, Vendas Novas, Idanha – a – Nova e Benavente.</p>
	<p>“Março Mês do Teatro”</p>	<p>- De 15 a 29 de Março realizaram a 4ªedição. Ponte comemorativa entre o Dia Nacional do Teatro de Amadores (21 de Março) e o Dia Mundial do Teatro (27 de Março) que reuniu em Évora, grupos de teatro de amadores do Alentejo e de outras regiões do País, nomeadamente: o ULTIMACTO – Grupo de Teatro de Cem Soldos /Tomar que apresentou “A Bengala” de Prista Monteiro; O Grupo de Teatro de Vendas Novas que apresentou “A Comédia dos Burros” de Plauto; O Loucomotiva</p>

		<p>Grupo de Teatro de Taveiro – Coimbra, que apresentou “Camila Baker, de Emilio Boechat; O TASE – Teatro de Animação de Santa Eufémia – Leiria, que apresentou “Kabaret Valentin”, e o Grupo Cénico da S.O.I.R Joaquim António d’ Aguiar, que apresentou “Teatro das Maravilhas” com textos de Miguel Cervantes.</p> <p>- Homenagem a António Justo Pires, consagrado amador de teatro e histórico dirigente desta colectividade que ao longo de mais de 60 anos de Amador de Teatro que interpretou na Colectividade dezenas de peças de autores nacionais e estrangeiros.</p>
	Ginástica de Manutenção e Pilates	- Aulas de Ginástica de Manutenção e de Pilates
	Cedências da sala e dos nossos meios técnicos a outras associações e grupos para concretização de	- Apoio a projectos de outras associações, de grupos informais e de escola, nomeadamente: Grupo de Teatro “O

	projectos	temporal”, Cepia, Colecção B e um Workshop da Universidade de Évora.
	Montagem de pequena exposição permanente sobre a actividade centenária da Colectividade	- Recolha e tratamento de material para uma exposição permanente sobre a actividade centenária da Colectividade.
	Convívios entre associações congéneres	- Realização de convívios e intercâmbios entre associações congéneres, no sentido de um intercâmbio de espectáculos e outras actividades culturais, nomeadamente com o: teatro de Animação Moura Encantada, de Moura o TASE de Santa Eufémia – Leiria, o Grupo de Teatro de Vendas Novas e o Teatro Cem Soldos de Tomar.
	Parcerias	- Reforçar parcerias com instituições e outras associações congéneres, tendo sido estabelecida uma parceria com a Casa do Alentejo.
	Obras	- Recuperação dos camarins, da sala de espectáculos;

		<ul style="list-style-type: none"> - Pintura do salão; - Nova instalação eléctrica dos camarins.
	Apoios	<ul style="list-style-type: none"> - Apoios: Câmara Municipal de Évora; Fundação Eugénio d'Almeida; Juntas de Freguesia da Sé e S. Pedro, St. Antão, S. Mamede, Malagueira, Bacelo e o Cendrev.